

Estratégia
CONCURSOS

Aula 01

Português p/ PRF - Policial - 2017 (Com videoaulas)

Professor: Felipe Luccas





AULA 01

TIPOLOGIA TEXTUAL E INTERPRETAÇÃO

Sumário

Sumário 1
Considerações Iniciais 2
Tipo x Gênero 3
1- A narração 3
1.1-Tipos de narrador 3
1.2- Tipos de discurso do narrador 4
1.2.1- Discurso direto 4
1.2.2- Discurso indireto 5
1.2.3- Discurso indireto livre 5
1.2.4- Passagem do discurso direto para o indireto: 5
Exemplos de conversão de discurso direto para o indireto. 7
2- Descrição 11
3- Dissertação 13
3.1) Texto dissertativo expositivo (puro): 14
3.2) Texto dissertativo expositivo-informativo: 14
3.3) Texto dissertativo argumentativo/opinativo: 15
3.4) A estrutura argumentativa 16
3.5) Introdução 17
3.6) Fórmulas de introdução 17
3.7) Desenvolvimento 20
3.8) Estratégias para desenvolver um parágrafo argumentativo. 23
4- TEXTO INJUNTIVO/INSTRUCIONAL 26
Interpretação e compreensão 30
Julgamento de Assertivas: principais erros. 32

Considerações Finais 40
Mais Questões Comentadas 41
Lista de questões 86
Gabaritos 121

OBS: Pessoal, não se intimidem com o número de páginas. Há muitas questões com texto integral e, além das questões do CESPE/UNB, há questões de outros concursos de alto nível para vocês praticarem! A aula é tranquila e o conteúdo não é extenso. Avante!!!

Considerações Iniciais

A **tipo**logia textual se refere fundamentalmente ao tipo de texto e a sua estrutura e apresentação. Diferencia-se um tipo do outro pela presença de certos traços linguísticos predominantes, que servem a uma ***finalidade***.

Narrar é contar uma história, descrever é caracterizar estaticamente, dissertar é expor ideias, seja para defender uma tese, para demonstrar conhecimento, para polemizar uma questão, entre outras finalidades.

Importante esclarecer, de plano, que é incomum um texto totalmente fiel às características de um tipo textual. Geralmente os textos trazem elementos narrativos, descritivos ou dissertativos simultaneamente e **sua classificação será baseada na predominância ou na prevalência de uma delas, em coerência com a finalidade principal do texto**. Uma dissertação pode trazer trechos narrativos e descritivos e ainda assim será classificada como um texto dissertativo, se ficar indicado que o objetivo era expor ideias e defender uma tese.

Normalmente, em concursos públicos, as bancas examinadoras têm cobrado com mais profundidade o tipo dissertação e suas subvariantes argumentativa e expositiva.

A descrição quase não é cobrada, por ser muito fácil de identificar, mas também deve ser estudada, pois permeia os outros tipos de texto e pode induzir o aluno a marcar que um texto é uma descrição pura...

Tipo x Gênero

O gênero textual é um conjunto de características comuns de um texto. É um conceito mais específico que o conceito de "tipo" textual, que se define fundamentalmente pela "finalidade".

Por exemplo, o "tipo" narração tem vários "gêneros", como romance, fábula, boletim de ocorrência, diário, piada, ata, notícia de jornal, conto, crônica. O "tipo" injuntivo/instrucional tem gêneros como a receita culinária, o manual de instruções, o tutorial.

Em suma, os tipos textuais principais são poucos, mas os gêneros são inúmeros, e estão sempre surgindo novos de modo a abranger as novas "situações comunicativas".

Um gênero que tem sido bastante cobrado é a crônica, gênero narrativo que se caracteriza por apresentar reflexões sobre fatos cotidianos com linguagem geralmente informal. O texto é curto e a linguagem simples, de modo a aproximar o leitor.

Feita essa diferenciação, vamos aos principais tipos de texto que são cobrados em prova, com exemplos recentes, retirados de provas de alto nível das principais bancas do mercado.

1- A narração

A narração tem a finalidade de contar uma história, isto é, **retratar acontecimentos**, reais ou imaginários, ***sucessivos*** num lapso temporal, de forma linear ou não linear. É dinâmica, pois traz uma mudança de estado, uma sequência de fatos, uma relação de ***antes e depois***.

Essa modalidade tem um narrador, enredo, tempo (quando), lugar (onde), personagens (quem) e um encadeamento de eventos (o quê) que se desenvolvem ou se complicam até um clímax e um posterior desfecho. Por narrar acontecimentos em sequência no tempo-espaço, o tempo verbal predominante é o pretérito perfeito, embora também possa ocorrer o pretérito imperfeito ou até o presente, quando se pretende aproximar os acontecimentos do tempo da narração.

Os principais gêneros textuais narrativos são charges, piadas, contos, novelas, crônicas e romances.

1.1-Tipos de narrador

O narrador pode ser estar em diversos graus de interferência na história. Pode ser um **narrador personagem**, que conta a história em primeira pessoa e **faz**

parte dela. A narrativa em primeira pessoa é impregnada pela opinião e pelas impressões do narrador. Veja o exemplo:

"Não tínhamos dinheiro para passagem de ônibus a próxima cidade, de modo que meu amigo sugeriu irmos de trem de carga, a condução dos espertos. Quando anoiteceu, corremos a nos esconder num vagão vazio. Ofegantes, fechamos a pesada porta e nos estendemos sobre o chão. Estávamos cansados e famintos."

Pode ser um **narrador observador**, que narra a história em terceira pessoa, como se a assistisse de fora, traz o relato de uma **testemunha**.

"...Ele andava calmamente, a rua estava escura dificultando sua caminhada, mas ele parecia não se importar, andava lentamente como se a escuridão não o assustasse..."

Por fim, pode ser um **narrador onisciente**, que não só narra a história, mas também tem **pleno conhecimento do pensamento** e das **emoções dos personagens**, bem como sobre **o passado e o futuro dos acontecimentos**. Não há segredos para ele, pode desvelar a tendência e a personalidade dos personagens, mesmo que esses mesmos não saibam. Ele conhece a verdade da narrativa.

"Ele sofria como um tolo desde a despedida dela. Dizia para si mesmo um milhão de vezes que ela um dia voltaria. Mas no fundo, o idiota se obrigava a acreditar nesta imbecil fantasia. Afinal, era a única coisa que o impedia de estourar os próprios miolos".

1.2- Tipos de discurso do narrador

O narrador dispõe de 3 tipos de discurso para estruturar sua narrativa e mostrar ao leitor as falas, as emoções e o pensamentos dos personagens. São eles o discurso direto, o indireto e o indireto livre.

1.2.1- Discurso direto

É narrado em **primeira pessoa**, retratando as exatas palavras dos personagens. Caracteriza-se pelo uso de **verbos** *dicendi* ou declarativos, como **dizer, falar, afirmar, ponderar, retrucar, redarguir, replicar, perguntar, responder, pensar, refletir, indagar** e outros que exerçam essa função. A pontuação se caracteriza pela presença de **dois pontos, travessões ou aspas para isolar as falas**, que são claramente alternadas, bem como de sinais gráficos, como interjeições, interrogações e exclamações, para indicar o sentimento que as permeia. Vejamos exemplos:

"- Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.
- Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.
- Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura."
(Machado de Assis, Quincas Borba, cap. XXXIV)

1.2.2- Discurso indireto

É narrado em ***terceira pessoa*** e o narrador incorpora a fala dos personagens a sua própria fala, também utilizando os verbos declarativos como dizer, falar, afirmar, ponderar, retrucar, redarguir, replicar, perguntar, responder, pensar, refletir, indagar. Trata-se de uma ***paráfrase, uma reescritura das falas***, agindo o narrador como intérprete e informante do que foi dito. Geralmente traz uma oração subordinada substantiva, com a conjunção que. Observe:

> *"A certo ponto da conversação, Glória me disse que desejava muito conhecer Carlota e perguntou por que não a levei comigo."*
> *"Capitu segredou-me que a escrava desconfiara, e ia talvez contar às outras"*

1.2.3- Discurso indireto livre

É um discurso ***híbrido***, haja vista que concilia características dos dois anteriores. Há absoluta ***liberdade formal e sintática por parte do narrador, que mistura reproduções literais das falas com paráfrases***, que alterna pensamentos e registro de falas e ações, aproximando a fala do narrador e do personagem, como se ambos falassem em uníssono. Vejamos dois exemplos clássicos desse modo misto:

> *"Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante. Rubião acudiu, levando-lhe água e pedindo que se deitasse para descansar; mas o enfermo após alguns minutos, respondeu que não era nada. Perdera o costume de fazer discursos é o que era."*
>
> *"Aperto o copo na mão. Quando Lorena sacode a bola de vidro a neve sobe tão leve. Rodopia flutuante e depois vai caindo no telhado, na cerca e na menininha de capuz vermelho. Então ela sacode de novo. 'Assim tenho neve o ano inteiro'. Mas por que neve o ano inteiro? Onde é que tem neve aqui? Acha lindo a neve. Uma enjoada. Trinco a pedra de gelo nos dentes."*

1.2.4- Passagem do discurso direto para o indireto:

Essa conversão é cobrada em prova e deve observar algumas mudanças. Todas essas mudanças são lógicas e decorrentes da própria passagem de uma fala literal para uma fala recontada. Então, vamos sistematizar essas regras.

Discurso direto: 1ª pessoa



Discurso indireto: 3ª pessoa

Alteração na pontuação:

Frases interrogativas, exclamativas e imperativas ("" ! ? -)		frases declarativas

Conversão dos pronomes:

Eu, me, mim, comigo nós, nos, conosco meu, meus, minha, minhas, nosso, nossos, nossa, nossas		ele, ela, se, si, consigo, o, a, lhe eles, elas, os, as, lhes seu, seus, sua e suas

Conversão dos tempos verbais:

Presente do indicativo		Pretérito imperfeito do indicativo
Pretérito perfeito do indicativo		Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Futuro do presente do indicativo		futuro do pretérito do indicativo
Presente e futuro do subjuntivo		Pretérito imperfeito do subjuntivo
Imperativo		pretérito imperfeito do subjuntivo

Advérbios e adjuntos adverbiais:

Hoje e agora Amanhã Aqui, aí, cá Este, Isto		Naquele dia e naquele momento No dia seguinte Ali, Lá Aquele, Aquilo

Exemplos de conversão de discurso direto para o indireto.

> *— Fujam agora— ordenou o General.*
>
> *O general ordenou que fugissem imediatamente (naquele momento).*
>
> *Pedro: Eu confesso— Quero viver sem pensar tanto em mim mesmo—.*
>
> *Pedro confessou que queria viver sem pensar tanto em si mesmo.*
>
> *"Começo a estudar amanhã aqui mesmo nesta biblibioteca" — Prometeu Maria.*
>
> *Maria prometeu que começaria a estudar no dia seguinte, ali mesmo naquela biblioteca.*
>
> *Quem me chamou ontem? — perguntou Maria.*
>
> *Maria perguntou quem a chamara no dia anterior.*

Vimos a teoria, mas é nas questões de prova que observaremos melhor todas essas características. Vamos a elas?



1. (FGV - TecGes Admin (ALEMA)/Taquígrafo/2013).



> *Com relação aos constituintes linguísticos e gráficos da tira acima, assinale a afirmativa correta.*
>
> *"A tira é um exemplo claro de texto narrativo, já que apresenta uma sequência cronológica de ações."*

Comentários:

A charge é um clássico gênero textual em que predomina o tipo narrativo. Observem que temos **personagens** (Hagar, seu amigo e o homem que conserta

barcos), um **enredo** (o conserto do barco e a apresentação da conta), uma **sequência cronológica de ações**, um estado de antes e depois, marcado aqui pela mudança de quadros da tira. Item correto.

2. (CESPE - MPU/Segurança Instit. e Transporte/2015)

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2.a Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, 15 vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito à diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

> *A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item subsequente.*
>
> *Predomina no texto em apreço o tipo textual narrativo.*

Comentários:

Temos personagens (MPF, Google, PRDC) realizando ações sequenciais. O tempo predominante é o pretérito perfeito (determinou, fixou, alegou, entendeu, considerou), uma indicação de antes e depois ("...a partir de uma ação do MPF, o TRF determinou..." a ação foi antes e a determinação foi depois). Essas características são suficientes para afirmar que se trata de um texto com organização estrutural predominantemente narrativa, especialmente porque não há trechos de descrição e nem há uma opinião sendo defendida. Item correto.

3. (FCC - TJ TRT3/Contabilidade/2015)

Atenção: A questão refere-se à crônica que segue.

Dona Doida

Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso,
com trovoada e clarões, exatamente como chove agora.
Quando se pôde abrir as janelas,
as poças tremiam com os últimos pingos.
Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema,
decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos.
Fui buscar os chuchus e estou voltando agora,

trinta anos depois. Não encontrei minha mãe.
A mulher que me abriu a porta, riu de dona tão velha,
com sombrinha infantil e coxas à mostra.
Meus filhos me repudiaram envergonhados,
meu marido ficou triste até a morte,
eu fiquei doida no encalço.
Só melhoro quando chove.

(PRADO, Adélia. Poesia Reunida. São Paulo, Siciliano, 1991, p. 108)

> *Na construção do poema, predomina o tipo narrativo, sinalizado por advérbios como agora e quando.*

Comentários:

Observe imediatamente que há personagens realizando ações em sequência e isso está indicado por advérbios de tempo e por verbos no passado (era, tremiam, decidiu, fui, encontrei, abriu, repudiaram). Outra marca da narração está na relação anterior-posterior, marcada na presença dos advérbios quando, agora e depois: quando eu era menina; estou voltando agora; 30 anos depois. Item correto.

4. (VUNESP - Ass CT (FUNDACENTRO)/2014)

Leia o texto para responder à questão.

O marido, na cama, foi despertado pelo puxão nervoso e pelas palavras ainda mais nervosas de dona Irene:

– Imagina: me roubaram e me devolveram meu relógio!
– Que relógio?
– Este aqui – e ela estendeu o pulso, esquecida de que o pusera na bolsa, sem tempo e sem calma para atar novamente a pulseira, depois do fato. Abriu a bolsa e exibiu o relógio recuperado.
– Mas você não levou relógio nenhum, filha. Você esqueceu ele na mesinha de cabeceira. Está ali. Quando eu dei fé, corri à janela para avisar, mas não vi mais você.
Sujeito assustado, aquele ladrão! Mais medroso do que a medrosa dona Irene.

(Carlos Drummond de Andrade, As palavras que ninguém diz. Adaptado)

> *A última frase do texto – Sujeito assustado, aquele ladrão! Mais medroso do que a medrosa dona Irene. – corresponde a uma reflexão*
>
> *a) do marido, em relação ao comportamento da mulher.*
>
> *b) do narrador, em relação ao comportamento do ladrão.*
>
> *c) da mulher, em relação ao comportamento do ladrão.*
>
> *d) da mulher, em relação ao seu próprio comportamento.*

e) do marido, em relação ao comportamento do ladrão.

Comentários:

Inseri essa questão para observarmos as características do narrador e do discurso. **A pontuação com travessão, dois pontos, exclamação e interrogação são indicações do discurso direto, com reprodução das exatas palavras dos personagens**. O narrador é onisciente e conhece o sentimento dos personagens, como o esquecimento e a ansiedade: *e ela estendeu o pulso,* ***esquecida*** *de que o pusera na bolsa,* ***sem tempo e sem calma*** *para atar novamente a pulseira, depois do fato. Abriu a bolsa e exibiu o relógio recuperado.* Por fim, respondendo à questão, a fala só pode ser do narrador, pois emite opinião sobre os sentimentos do ladrão, que só ele conhece. Como a narração usa discurso direto, as falas dos personagens estão marcadas pelo travessão, se fosse uma fala da mulher, ela não se referiria a si própria como *dona Irene*, e, sim, como *eu*. Gabarito letra b.

5. (MP RS- ASSESSOR – CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS)

O advogado Jairo Adriano de Mello contesta com raciocínio claríssimo colegas que defendem o boicote à fiscalização com base na presunção da inocência e no direito de não produzir prova contra si: – Estão invertendo certas lógicas, e muitos repetem os argumentos como papagaios. Todos são inocentes até que se prove _________ contrário, mas, no momento _________ eu dificulto a prova, sou contra ela, a lógica autoriza a inversão da presunção da inocência. O teste do bafômetro não é prova contra mim. É a possibilidade que me é dada de provar que não estou alcoolizado.

Observe os trechos do texto abaixo transcritos e as propostas de sua reescrita em discurso indireto.

1. Estão invertendo certas lógicas, e muitos repetem os argumentos como papagaios:

O advogado afirmou que certas lógicas estão sendo invertidas e que muitos repetem os argumentos como papagaios.

2. [...] eu dificulto a prova, sou contra ela:

O advogado declarou que ele havia dificultado a prova, por ser contra ela.

3 [...] O teste do bafômetro não é prova contra mim:

O advogado disse que o teste do bafômetro não era prova contra ele.

Quais propostas de reescrita em discurso indireto estão corretas?

(A) Apenas 1 e 3.

(B) Apenas 1.

(C) Apenas 2.

(D) Apenas 2 e 3.

(E) 1, 2 e 3.

Comentários:

O discurso indireto reproduz a fala de um personagem, com uso de verbos *dicendi* e da terceira pessoa. É característica também a presença das conjunções integrantes “que” e “se”: fulano disse que... Sicrano perguntou se...

Veja no texto: 1- O advogado afirmou que... 2- O advogado disse que

Agora veja o problema na segunda conversão: 2. [...] eu ***dificulto (presente do indicativo)*** a prova, sou contra ela:

O advogado declarou que ele ~~***havia dificultado***~~ ***(pretérito mais-que-perfeito)*** a prova, por ser contra ela.

Na passagem do discurso direto para o indireto, deve ser conservada a correlação correta dos tempos verbais. A conversão correta seria: o advogado declarou que “dificultava” a prova. Gabarito letra a.

2- Descrição

Descrever é caracterizar, relatar em detalhes características de pessoas, objetos, imagens, cenas, situações, emoções, sentimentos. A descrição é uma pormenorização estática, uma pausa no tempo, geralmente uma interrupção da narração, para apresentação de traços dos seres. Para isso, se utiliza de muitos adjetivos, verbos de ligação que indicam estado e orações e locuções adjetivas para caracterização. O tempo mais usual é o pretérito imperfeito, por indicar uma ação continuada: era, fazia, estava, parecia...

Importante lembrar que os adjetivos podem ter **valor objetivo ou relacional**, quando são isentos de opinião e simplesmente **expressam um fato**: carro preto, homem japonês, doença degenerativa. Esses adjetivos geralmente não aceitam gradação (homem mais japonês) e vão indicar uma descrição objetiva. Já os **adjetivos qualificativos ou subjetivos expressam opinião**, não são fatos, essas qualidades podem ser graduadas e questionadas: homem bonito, carro extravagante, aluno teimoso, lugar longe, muito longe... Esses adjetivos, por sua vez, caracterizam uma descrição subjetiva, impregnada pela opinião de quem descreve.

A descrição quase sempre está presente em outros tipos textuais, assim como dificilmente é encontrada na sua forma pura, de modo que também é comumente permeada por trechos narrativos ou dissertativos. Nas provas de concurso, ***o mais comum é a descrição aparecer dentro de uma narração.***

Difere-se fundamentalmente da narração por trazer acontecimentos **simultâneos**, sem progressão temporal e sem relação de anterioridade e posterioridade; está para uma foto, assim como a narração está para um filme.

A descrição é o tipo textual que predomina em gêneros como manuais, propagandas, biografias, relatórios, definições e verbetes, tutoriais.

É rara a cobrança de uma descrição pura. Vamos ver um exemplo, retirado da prova do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

"Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia."

O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:
a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.
b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.
c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.
d) citação de informações sobre determinado objeto.
e) conjunto de pensamentos inacabados.

A resposta é a letra C. Observe a **descrição estática** da paisagem da ilha, a abundância de adjetivos, a construção de uma **imagem**. Não há ações em sequência cronológica, nem reflexões sobre problemas, nem pensamentos inacabados. Trata-se de uma descrição pura.

Vejamos agora essas características nos textos que vêm sendo cobrados:



6. FGV - TecGes Admin (ALEMA)/Taquígrafo/2013

"Dvorak arrastou-se montanha acima, na velocidade que os ferimentos permitiam. Encostou-se a um grande tronco e escorregou por ele até o chão, arranhando a pele dura das costas. Parou um momento de mexer-se e passou a escutar os barulhos da floresta".

> *Esse é um pequeno fragmento de um romance. Nesse caso, o texto é corretamente classificado como*
>
> *a) narrativo com segmentos descritivos.*
>
> *b) descritivo com segmentos narrativos.*
>
> *c) exclusivamente narrativo.*
>
> *d) narrativo, com segmentos descritivos e argumentativos.*

e) descritivo, com segmentos narrativos e argumentativos.

Comentários:

Temos o personagem *Dvorak* praticando diversas **ações sequenciais no tempo-espaço**: primeiro se arrastou, depois se encostou e depois parou para ouvir os barulhos da floresta. O tempo utilizado é o **pretérito perfeito**, para marcar **ações terminadas e seguidas de outras**, numa relação de **antes e depois**. Embora haja dois adjetivos, em "grande tronco" e "pele dura", esses não são suficientes para formar um "segmento" descritivo, por isso não podemos nos confundir e pensar que há uma descrição aqui. Ainda não vimos a argumentação, mas sabemos que ela essencialmente discute um tema, com ou sem defesa de uma opinião. Não há nada disso nesse pequeno trecho. O texto então é exclusivamente narrativo, com suas características principais. O gabarito é a letra C.

7. (Cesgranrio/ BNDES/ 2009)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (L. 1-3)

b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...' " (L. 5-7)

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (L. 11-12)

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (L.12-14)

e) "É, era ele mesmo - o editor." (L. 14)

Comentários:

Observe na letra A os adjetivos subjetivos, como "leves", "classudos", "esportivamente escuro"... Esse é nosso gabarito. Nas alternativas seguintes, podemos ver uma progressão temporal, uma ação ocorrendo depois da outra, com advérbios de tempo, "até que", "depois" e verbos no pretérito indicando ações acabadas, como "contou", "era". Gabarito: letra a.

3- Dissertação

Agora veremos o assunto mais importante desta aula e talvez deste curso. Digo isso porque a dissertação é o tipo textual mais cobrado, tanto em tipologia quando nas questões de português que trazem textos. Conhecer estruturação desse tipo vai ser vital na interpretação em geral, pois aprenderemos as estratégias argumentativas que são objeto de questões de compreensão, e

também nas provas discursivas, e ficaremos familiares com a estruturação correta de um parágrafo e de um texto.

O texto dissertativo basicamente **expõe ideias, razões, teorias, raciocínios, abstrações, por meio de relações lógicas sequenciadas no texto, dentro de uma estrutura específica (introdução, desenvolvimento e conclusão)**, sem necessária progressão temporal. Por ser neutra, atemporal e clara, marca-se pelo uso dos ***verbos no presente***, porque indicam verdades universais: "a água ferve a 100 graus"; "a terra gira em torno do sol".

A dissertação pode ser objetiva, também chamada de expositiva; ou subjetiva, também chamada de argumentativa ou opinativa. Veremos também que há subtipos para um texto argumentativo e para um texto expositivo.

Na maioria das provas, a banca espera que o candidato saiba identificartextos dissertativos com diferentes finalidades.

3.1) Texto dissertativo expositivo (puro):

A finalidade essencial de um texto expositivo é trazer conceitos, **discutir** um assunto de maneira impessoal e objetiva, ou seja, **sem defesa clara de uma opinião**. Não há defesa de tese, apenas exposição clara e atemporal de ideias. Diz-se que o autor é impessoal e o leitor é universal. O autor explana o que sabe de forma neutra e permite que o leitor forme sua própria opinião. Pode ocorrer que a opinião do autor transpareça pelo sentido dos modalizadores (marcas linguísticas de opinião), **mas não é seu objetivo primário criar debate e convencer o leitor**. As questões discursivas de provas de Auditor-Fiscal são exemplos desse tipo de dissertação, em que o candidato-autor apenas expõe o conteúdo pedido no enunciado, sem opinar.

3.2) Texto dissertativo expositivo-informativo:

É um subtipo do expositivo. Esse texto visa **acrescentar informação nova** ao leitor, ao contrário do expositivo puro, que não pressupõe que a informação discutida seja nova para quem lê.

É comum ocorrerem no texto informativo trechos descritivos, como dados, estatísticas; ou narrativos, como relatos de acontecimentos, mas é a finalidade do texto que deve ser o critério de identificação do tipo textual. Não é por trazer relato de um crime que um texto com clara finalidade de trazer informação nova ao leitor (sobre uma ação da polícia, por exemplo) deve ser classificado como uma narrativa. Atentem para isso, pois quase todo texto dissertativo traz elementos de outra tipologia. Vamos ver na prática?

8. (CESPE - Admin (SUFRAMA)/2014) Texto:

O homem habita a Amazônia há mais de 11.000 anos.

No entanto, foi só no século XVI que o rio Amazonas foi navegado pela primeira vez, pelo explorador e conquistador espanhol Don Francisco de Orellana (1511-1546). Em busca de vastas florestas de canela e da lendária cidade do ouro El Dorado, Orellana deixou Quito, no Equador, em fevereiro de 1541. Não encontrou nem canela nem ouro, e, sim, o maior rio da Terra. O explorador batizou o rio "recém-descoberto" de rio de Orellana. Tal nome depois seria abandonado em troca do nome rio Amazonas, inspirado na mítica tribo de guerreiras.
Passaram-se muitos anos até a Amazônia receber uma nova expedição — a primeira a subir o rio inteiro. Entre 1637 e 1638, as primeiras informações detalhadas sobre a região, sua história natural e seu povo foram registradas pelo Padre Cristóvão de Acuña, que viajou como membro de uma grande expedição comandada pelo general português Pedro Teixeira. Ele registrou dados de impressionante precisão acerca da extensão e do tamanho do rio Amazonas, e da topografia de seu curso, com descrições detalhadas das áreas de floresta inundada ao longo do rio, da fauna aquática, dos sistemas agrícolas e das plantações dos povos indígenas.

Internet: <www.wwf.org> (com adaptações).

> *No que se refere aos aspectos linguísticos e à tipologia do texto acima, julgue o item que se segue: No texto, de caráter informativo, há trechos narrativos que tratam da navegação na região amazônica.*

Comentários:

A banca traz um texto expositivo-informativo, iniciado por uma informação trazida de forma clara e imparcial, no presente do indicativo, como um fato universal: o homem habita Amazônia há mais de 11.000 anos. No restante do texto, amplia essa afirmação inicial com trechos narrativos, mas não se propõe a contar uma história, e, sim, a detalhar o período de 11.000 anos que inicia o texto. Outro indício de que é um texto informativo é a fonte: ainda que você não soubesse que WWF é uma Ong de conservação à natureza, o .org trazia uma pista de ser um site de organização não governamental. Tais sites geralmente publicam conteúdo informativo, de conscientização. Item correto.

3.3) Texto dissertativo argumentativo/opinativo:

O texto argumentativo, **além de discutir e informar,** ***defende uma tese***, uma opinião pessoal, sua finalidade principal é o **convencimento** do leitor. Para persuadi-lo, o autor se utiliza de modalizadores e de operadores argumentativos, construindo fundamentação para seus argumentos por via de relações lógicas organizadas numa estrutura argumentativa progressiva.

A ***linguagem utilizada é clara, impessoal*** (embora parcial), culta. A primeira pessoa é utilizada para realçar a inclusão do autor no universo de ideias discutidas e seu alinhamento aos ***argumentos*** utilizados, bem como para envolver o leitor. Também é comum o uso da ***terceira pessoa***, com verbos no presente do indicativo, como estratégia para sugerir que as informações são fatos. Os verbos são semanticamente carregados e sugerem ou corroboram a opinião que está

sendo defendida. Esses argumentos são apresentados de ***forma estruturada***, com progressão.



Algumas provas também cobram o conceito de texto ***dissertativo argumentativo polêmico***, que seria semelhante à modalidade argumentativa, mas com a diferença de trazer ***pelo menos dois pontos de vista e contrabalanceá-los.***

Atenção: A distinção entre a dissertação argumentativa e a expositiva foi cobrada recentemente:

9. (IADES - AJ TRE PA/TRE PA- Taquigrafia/2014)

> *Com relação ao parágrafo dissertativo na redação jurídica, assinale a alternativa que define, respectivamente, a dissertação expositiva e a argumentativa.*
>
> *a) Exposição sucinta de fatos; discussão de uma ideia, de um assunto ou de uma doutrina.*
>
> *b) Representação escrita de uma sequência de aspectos jurídicos; exposição de um assunto, com inserção de comentários pessoais.*
>
> *c) Posicionamento sobre determinado assunto; relato detalhado de natureza persuasiva.*
>
> *d) Discussão de uma ideia, de um assunto ou de uma doutrina; exposição de ideias com o objetivo de convencer o leitor.*
>
> *e) Técnica de persuasão necessária no discurso forense; exposição de opiniões de forma clara e objetiva.*

Comentários:

O tipo textual se refere à sua finalidade. A dissertação expositiva discute uma ideia, sem o objetivo de formar a opinião do leitor. A dissertação argumentativa, além de expor ideias, o faz de forma a convencer o leitor. Todos os argumentos convergem para aquela tese que está sendo defendida. Gabarito: Letra d).

3.4) A estrutura argumentativa

Como dito, a dissertação argumentativa traz uma progressão lógica de argumentos. Em nível estrutural, essa progressão toma a forma de introdução, desenvolvimento e conclusão. Na **introdução**, o autor **apresenta o tema**, a ideia principal, sua tese. No **desenvolvimento**, o autor traz **argumentos** de apoio ao convencimento. Na **conclusão**, o autor retoma a ideia central,

apresentada na introdução, e **consolida seu raciocínio**. Nesse parágrafo, geralmente ele **oferece soluções** para os problemas discutidos, faz **constatações e reitera sua opinião** de forma mais incisiva.

Existe grande liberdade na forma com que os autores constroem suas argumentações. Alguns autores concluem logo no início, depois justificam sua posição, outros trazem sua tese somente no final. Aprenderemos aqui as principais e mais consagradas técnicas de estruturação e de argumentação, para que o aluno seja capaz de reproduzi-las em uma redação de sua própria autoria, bem como reconhecê-las nos textos da prova.

Vejamos em detalhes cada uma dessas partes.

3.5) Introdução

Na introdução **deve constar a tese**, uma afirmação que deverá ser sustentada no decorrer dos parágrafos. Se o autor pudesse sintetizar todo seu texto numa sentença, essa seria sua tese. A opinião do autor aqui aparece **de modo brando** e será reiterada de modo forte na conclusão. Também é na introdução que o autor tenta **seduzir o leitor, captar seu interesse**, atraindo-o para continuar lendo.

Ah Felipe, isso tá muito teórico!!! Como se estrutura na prática uma introdução?

3.6) Fórmulas de introdução

Os textos dissertativos se estruturam de modo lógico para convencer o leitor. A introdução já é um momento de sugerir a estrutura que uma dissertação argumentativa deve tomar, sua divisão, sua progressão... etc. Vejamos fórmulas comuns de se contruir um parágrafo introdutório.

- ***Divisão***: é a enumeração explícita dos aspectos que serão tratados. É fácil e deixa o texto mais organizado. Além disso, facilita o uso de elementos de coesão: em relação ao primeiro item, já quanto ao segundo...

Ex: *O problema das chuvas tem recebido bastante destaque na mídia, em grandes debates sobre quem seria o responsável. Há dois fatores principais nesse contexto: a omissão do governo e a ação dos cidadãos.*

Parágrafo 1: *A omissão do governo pode ser observada em casos como...*

Parágrafo 2: *Já a ação dos cidadãos também influencia nesse resultado porque...*

Ex: *No Brasil, a tradição política no tocante à representação gira em torno de três ideias fundamentais. A primeira é a do mandato livre e independente, isto é, os representantes, ao serem eleitos, não têm nenhuma obrigação, necessariamente, para com as reivindicações e os interesses de seus eleitores. O representante deve exercer seu papel com base no exercício autônomo de sua atividade, na medida em que é ele quem tem a capacidade de discernimento para deliberar sobre os verdadeiros interesses dos seus constituintes. A segunda ideia é a de que os representantes devem exprimir interesses gerais, e não interesses locais ou regionais. Os*

interesses nacionais seriam os únicos e legítimos a serem representados. A terceira ideia refere-se ao princípio de que o sistema democrático representativo deve basear-se no governo da maioria. Praticamente todas as leis eleitorais que vigoraram no Brasil buscaram a formação de maiorias compactas que pudessem governar.

- ***Definição***: é a apresentação de um conceito.

Ex: *Denomina-se política ambiental o conjunto de decisões e ações estratégicas que visam promover a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais. A política ambiental, portanto, tem relação direta com todas as demais políticas que promovam o uso dos recursos. Por isso, embora a responsabilidade pelo seu estabelecimento seja dos órgãos ambientais, todas as demais áreas de governo têm um papel a cumprir na execução das políticas ambientais.*

- ***Citação:*** é a reprodução literal ou indireta da fala de alguém cuja opinião seja relevante no contexto daquela dissertação. Essa técnica também pode ser usada para introduzir logo na introdução um argumento de autoridade.

Ex: *Como afirma Foucault, a verdade jurídica é uma relação construída a partir de um paradigma de poder social que manipula o instrumental legal, de um poder-saber que estrutura discursos de dominação. Assim, não basta proteger o cidadão do poder com o simples contraditório processual e a ampla defesa, abstratamente assegurados na Constituição. Deve haver um tratamento crítico e uma posição política sobre o discurso jurídico, com a possibilidade de revelar possíveis contradições e complexidades das tábuas de valor que orientam o direito.*

Ex: *"A violência é tão fascinante, e nossas vidas são tão normais". O célebre verso de Renato Russo traz à tona uma discussão atual sobre a segurança pública nas grandes capitais...*

Ex: *"Disse Alexandre Dumas que Shakespeare, depois de Deus, foi o poeta que mais criou. Aos 37 anos, já escrevera 21 peças e inventara uma forma de soneto."*

- ***Indagação***: é o uso de uma pergunta para captar a curiosidade do leitor ou para sinalizar o tema. Essa pergunta pode ser respondida na conclusão ou no desenvolvimento, com os argumentos. Pode também ser só uma tônica para o assunto.

Ex: *O problema das chuvas tem merecido bastante destaque na mídia, em grandes debates sobre quem seria o responsável. A maioria culpa o Governo, por sua omissão. Porém, seriam alguns hábitos do cidadão comum responsáveis por grande parte desses eventos?*

Aqui o autor poderia responder a essa pergunta ou se posicionar de forma diferente, atribuindo a um terceiro a culpa. A estratégia é seduzir o leitor e fazê-lo se perguntar quem seria o responsável e procurar a resposta no texto.

- ***Frases nominais***: é o uso de uma frase seguida de uma explicação. A frase será o elemento de curiosidade, a frase seguinte será uma explicação.

Ex: *Calamidade pública. Assim se referiu o secretário estadual de saúde ao atual estado dos hospitais do Rio de Janeiro...*

Ex: *Ditador, louco e genocida. Após baixar a fumaça das explosões, essas palavras podem ser lidas em muralhas rachadas da maior capital do mundo árabe...*

- ***Alusão histórica/literária***: é uma técnica de intertextualidade, comunicando a dissertação a outra obra. A alusão serve para ressaltar semelhanças ou diferenças entre fenômenos atuais e passados, servindo como argumento para corroborar uma mudança ou uma estagnação.

Ex: *A Semana de Arte Moderna ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, tendo como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. Essa nova forma de expressão não foi compreendida pela elite paulista, que era influenciada pelas formas estéticas europeias mais conservadoras. O idealizador deste evento artístico e cultural foi o pintor Di Cavalcanti.*

Ex: *Na tarde do Yom Kipur de 1973, sábado, 6 de outubro, Egito e Síria atacam Israel. Surpreendido e tendo de lutar em duas frentes, num primeiro momento o país enfrenta dificuldades, mas menos de três semanas depois, em uma das mais impressionantes reviravoltas da história militar, seus exércitos estavam a caminho do Cairo e Damasco. Todo esse tempo depois, ainda há resquícios desse conflito no dia a dia do povo palestino...*

Ex: *Machado de Assis, em seu conto a Igreja do Diabo, ironiza as religiões e a eterna tentação de violar prescrições e fazer o que é proibido. Tal tentação ainda pode ser observada, em casos como...*

Ex: *Na mitologia grega, Prometeu é o titã que rouba o fogo dos deuses e é por eles condenado a um suplício eterno. Preso a uma rocha, uma águia devora-lhe constantemente o fígado. Trata-se de uma lenda altamente simbólica e aplicável à época atual.*

- ***Narração***: é trazer uma sequência de ações, ou um relato, que vai servir de insinuação do tema.

Ex: *No início do mês, um assaltante matou um jovem em São Paulo com um tiro na cabeça, mesmo depois de a vítima ter lhe passado o celular. Identificado por câmeras do sistema de segurança do prédio do rapaz, o criminoso foi localizado pela polícia, mas – apesar de todos os registros que não deixam dúvidas sobre a autoria do assassinato – não ficará um dia preso. Menor de idade, foi "apreendido" e levado a um centro de recolhimento. O máximo de punição a que está sujeito é submeter-se, por três anos, à aplicação de medidas "socioeducativas".*

Ex: *Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.*

Ex: *Às 4 horas da manhã, o médico se prepara para a cirurgia que vai salvar a vida de um menino baleado. Aplica anestesia, mas é interrompido pelo flash de uma explosão. Assim têm vivido os profissionais que se voluntariaram no programa da cruz vermelha que trabalham nas regiões de conflito...*

- ***Declaração***: semelhante à frase nominal, com uma oração desenvolvida. Uma declaração forte no início do parágrafo introdutório surpreende o leitor e o induz a prosseguir na leitura.

Ex: *Jogar* games *de computador pode fazer bem à saúde dos idosos. Foi o que concluiu uma pesquisa do laboratório Gains Through Gaming (Ganhos através de jogos, numa tradução livre), na Universidade da Carolina do Norte, nos EUA.*

Ex: *As projeções sobre a economia para os próximos dez anos são alentadoras. Se o Brasil mantiver razoável ritmo de crescimento nesse período, chegará ao final da próxima década sem extrema pobreza. Algumas projeções chegam a apontar o país como a primeira das atuais nações emergentes em condições de romper a barreira do subdesenvolvimento e ingressar no restrito mundo rico.*

Ex: *O homem moderno sucumbiu ao consumismo, tem cada vez mais coisas e cada vez menos tempo. Agora chegou ao extremo de comprar produtos cuja finalidade é o próprio desperdício...*

Muito bem! Essas são algumas das principais fórmulas de introdução. Elas podem ser mescladas e adaptadas aos seus argumentos. Observem o exemplo (de prova):

Tem saído nos jornais: chuvas deixam São Paulo no caos. É verdade que os moradores estão sofrendo além da conta, quer estejam circulando pela cidade com seus carros ou nos ônibus e metrô, quer estejam em casa ou no trabalho. Três fatores criam a confusão: semáforos desligados; alagamentos nas ruas; falta de energia. Então, tudo culpa da chuva, certo? Errado.

Nessa introdução constam uma declaração inicial, uma divisão e uma indagação. Pura habilidade do autor!

Mais adiante veremos também algumas estratégias argumentativas, que são fórmulas de parágrafos de desenvolvimento, mas que, igualmente, podem ser utilizados para iniciar um texto.

3.7) Desenvolvimento

No desenvolvimento deve constar a **fundamentação** da opinião "levantada" na introdução. Cada argumento deve vir separado em um parágrafo, por clareza e por destacar mais ainda a estrutura dissertativo-argumentativa. Essa regra é tão importante que as bancas geralmente descontam pontos por parágrafos que trazem mais de uma ideia.

A **ideia central de um parágrafo de desenvolvimento é chamada tópico frasal** ou pequena tese. Ele é a síntese do argumento, a ideia mais importante do parágrafo, geralmente vem no início, mas não necessariamente.

Importante destacar que o parágrafo segue uma estrutura análoga ao texto argumentativo como um todo. ***O parágrafo de desenvolvimento também tem a sua introdução, que geralmente coincide com o tópico-frasal***. O período seguinte deve trazer uma ampliação desse tópico, sustentando-o por meio de raciocínios, exemplos, comparações, narrativas, citações de autoridades, dados estatísticos ou outra forma de desenvolvimento. Por fim, pode haver uma conclusão que retoma a ideia-núcleo ou anuncia o tópico frasal do próximo argumento.

Estrutura do parágrafo argumentativo:

Tópico Frasal (pequena tese ou tese do parágrafo) → **Ampliação** (exemplo, estatística, citação, dado, analogia...) → **Conclusão da ideia-núcleo** ou anúncio do próximo tópico

Para ilustrar essa teoria, vamos focar no segundo parágrafo de desenvolvimento retirado da prova da CVM:

O potencial das energias propriamente "limpas" e renováveis é enorme, comparativamente ao que já existe: ventos, marés, correntes marítimas e fluviais, energia solar. Elas deverão constituir um nó importante na matriz energética mundial. Entretanto, admite-se que ainda assim continuarão sendo apenas complementares e não suficientes para substituir o petróleo.

*Um dos problemas dessas energias limpas é que o seu potencial não é regularmente distribuído no mundo entre as nações consumidoras **(1)**. O Saara, Mogavi e o Nordeste brasileiro são exemplos de ricos potenciais de energia solar, mas em que isso beneficia os grandes consumidores do norte da Europa? **(2)** O Nordeste brasileiro, assim como a região de Bengala e outras regiões tropicais, tem enorme potencial eólico. Mas não são só eles: a Dinamarca produz 75% da energia que consome pelos ventos **(3)**. Poucos países podem rivalizar com o Brasil quanto à energia hidrelétrica. Nenhuma dessas fontes energéticas limpas e renováveis poderá, por si, constituir-se no sucessor do petróleo em nível mundial **(4)**.*

> *Na introdução, o autor deixa clara sua tese: Há potencial de energia limpa. Entretanto, admite-se que ainda assim continuarão sendo apenas complementares e não suficientes para substituir o petróleo em nível mundial. Isso tem que ser fundamentado no desenvolvimento.*
>
> *Já no desenvolvimento, observe o tópico frasal **(1)**, que apresenta a ideia de que o potencial das energias limpas não é distribuído de forma regular e se sugere que não seria a solução da crise energética mundial.*
>
> *No segundo período **(2)**, há ampliação desse tópico, com exemplos de regiões com potencial de energia solar, mas que não vão beneficiar os grandes consumidores da Europa. Em **(3)** o autor traz o exemplo da Dinamarca, na mesma linha. Esses exemplos sustentam a tese de que o potencial de energia limpa não é distribuído regularmente.*
>
> *Em **(4)**, o autor conclui seu raciocínio, reforçando que essa fontes não substituirão o petróleo, ou seja, serão apenas complementos, pois não são uniformemente distribuídas pelos grandes núcleos consumidores.*
>
> *Sintetizando a progressão lógica e estrutural desse texto, temos: a) As fontes renováveis são importantes, b) mas, serão apenas um complemento, pois não estão distribuídas de forma regular pelo mundo, conforme exemplos, c) portanto, não são capazes de substituir o petróleo. Veja que a*

> *estrutura de um único parágrafo reflete a macroestrutura do texto dissertativo-argumentativo.*

Vamos ver questões recentes que cobraram essa teoria?



10. (CESPE - TJ TRE ES/Taquigrafia/2011)

No Brasil, a tradição política no tocante à representação gira em torno de três ideias fundamentais. A primeira é a do mandato livre e independente, isto é, os representantes, ao serem eleitos, não têm nenhuma obrigação, necessariamente, para com as reivindicações e os interesses de seus eleitores. O representante deve exercer seu papel com base no exercício autônomo de sua atividade, na medida em que é ele quem tem a capacidade de discernimento para deliberar sobre os verdadeiros interesses dos seus constituintes. A segunda ideia é a de que os representantes devem exprimir interesses gerais, e não interesses locais ou regionais. Os interesses nacionais seriam os únicos e legítimos a serem representados. A terceira ideia refere-se ao princípio de que o sistema democrático representativo deve basear-se no governo da maioria. Praticamente todas as leis eleitorais que vigoraram no Brasil buscaram a formação de maiorias compactas que pudessem governar.

Gilberto Bercovici. A origem do sistema eleitoral proporcional no Brasil. In: Estudos Eleitorais, TSE, vol. 5, n.º 2, 2010, p. 53. Internet: <www.tse.gov.br> (com adaptações).

> *Julgue o item que se segue, relativo às estruturas sintáticas e semânticas do texto. Nesse fragmento de texto, o tópico frasal corresponde ao primeiro período.*

Comentários:

O primeiro período é esse: "No Brasil, a tradição política no tocante à representação gira em torno de três ideias fundamentais." O autor anuncia que há 3 ideias fundamentais e que a tradição política gira em torno delas. Em seguida, detalha cada uma das 3, provando que o fato de haver 3 era a ideia central. Observe que foi usada a técnica de introdução por divisão, e a divisão foi o próprio tópico frasal. Item correto.

11. (IADES - AJ TRE PA/Taquigrafia/2014)

> *Segundo Reale (1965, p.9), "o direito é realidade universal. Onde quer que exista o homem, aí existe o direito como expressão de vida e de convivência". No trecho apresentado, o tópico frasal é representado pelo vocábulo*



> *a) realidade. b) homem. c) vida. d) convivência. e) direito.*

Comentários:

Qual é a principal ideia tratada nesse pequeno trecho? O trecho fala de direito, a tese é a de que o direito é universal e inerente ao homem. Não fala sobre realidade, nem do homem em si, nem da vida nem da convivência, menciona esses conceitos em função do direito, que é o tema. Gabarito: letra E.

3.8) Estratégias para desenvolver um parágrafo argumentativo.

Assim como vimos fórmulas para desenvolver uma introdução, veremos agora algumas maneiras de se desenvolver parágrafos argumentativos. Há certa semelhança entre algumas técnicas, na medida em que um dado estatístico pode ser considerado um exemplo ou um esclarecimento, uma explicação pode ser considerada um detalhamento. De toda forma, entender o exemplo é mais importante do que o nome da estratégia, pois a banca espera que o candidato identifique que os exemplos, esclarecimentos, detalhamentos ou dados estatísticos, testemunhos de autoridade foram utilizados para fortalecer uma tese e qual tese é essa.

- ***Exemplificação***: destacar alguns casos dentre um universo de fenômenos, para ratificar uma tese.

Ex: *Os investimentos diretos realizados por brasileiros no exterior têm aumentado muito nos últimos anos. Em 2011, somaram US$202,6 bilhões, com crescimento de 7,4% em relação ao ano anterior, conforme pesquisa divulgada em abril de 2012 pelo Banco Central.*

Os investimentos têm aumentado (tópico frasal). Por exemplo, em 2011 cresceram em 7,4%.

- ***Citação de fato histórico:*** como visto na técnica de introdução, consiste em trazer um evento do passado e relacioná-lo ao presente, geralmente para indicar mudança ou manutenção de tendências.

Ex: *O movimento feminista começou a florescer no Brasil na virada do século 20. Diante da omissão da Constituinte de 1891 acerca do voto feminino, a baiana Leolinda de Figueiredo Daltro deu entrada no requerimento de seu alistamento eleitoral. Não obteve sucesso, mas também não entregou os pontos.*

Menciona o evento histórico da omissão da constituinte acerca do voto feminino e indica mudança nesse cenário. Atualmente as mulheres votam.

Ex: *Em 23 de dezembro de 1910, fundou no Rio de Janeiro o Partido Republicano Feminista. O grupo tinha como principal objetivo mobilizar as mulheres pelo direito de votar. Em novembro de 1917, uma passeata organizada por Leolinda contou com a participação de 90 mulheres. O que hoje não pararia o trânsito deve ter causado horror em distintos senhores e madames.*

Faz contraste entre o escândalo de uma passeata de 90 mulheres em 1917 e indica que hoje tal evento não seria capaz de parar o trânsito.

- ***Enumeração ou detalhamento:*** listar sistematicamente tópicos ou aspectos a serem tratados, ou subdividir um aspecto amplo em aspectos menores nele incluídos:

Ex: *A Igreja Católica denuncia a amoralidade e o materialismo pelo vazio espiritual da moderna civilização. A decomposição das famílias, a violência, a corrupção, as drogas, a dissolução dos costumes e a falta de solidariedade com os menos afortunados seriam sintomas de um mundo sem fé.*

O aspecto "Vazio espiritual" é detalhado em subaspectos: a decomposição das famílias, a violência, as drogas...

Ex: *Diversas são as naturezas dos instrumentos de que dispõe o povo para participar efetivamente da sociedade em que vive. Políticos, sociais ou jurisdicionais, todos eles destinam-se à mesma finalidade: submeter o administrador ao controle e à aprovação do administrado. O sufrágio universal, por exemplo, é um mecanismo de controle de índole eminentemente política — no Brasil, está previsto no art. 14 da Constituição Federal de 1988, que assegura ainda o voto direto e secreto e de igual valor para todos —, que garante o direito do cidadão de escolher seus representantes e de ser escolhido pelos seus pares.*

Enumera as naturezas dos intrumentos: política, social e jurisdicional. Detalha a natureza política com um exemplo: o sufrágio.

- ***Contraste e Paralelo:*** ressalta semelhanças ou diferenças entre elementos.

Ex: *Atualmente, há duas Américas Latinas. A primeira conta com um bloco de países — incluindo Brasil, Argentina e Venezuela — com acesso ao Oceano Atlântico, que confere ao Estado grande papel na economia. A segunda — composta por países de frente para o Pacífico, como México, Peru, Chile e Colômbia — adota o livre comércio e o mercado livre.*

- ***Dados estatísticos:*** por serem de natureza objetiva, dão credibilidade ao argumento e são grandes recursos de convencimento.

Ex: *Dados do IBGE revelam que apenas 1,2% dos municípios possuíam plano municipal de redução de riscos em 2011. Nos municípios maiores, com mais de 500 mil habitantes, que não ultrapassam quatro dezenas, este percentual superava 50%. De modo inverso, nos municípios menores, com menos de 20 mil habitantes, em torno de quatro mil, este percentual era de 3,3%. É uma situação bastante preocupante relacionada aos municípios de grande porte e drástica nos municípios de pequeno porte.*

O tópico frasal veio após a estatística, sendo sustentado por ela: poucos municípios grandes têm plano municipal de redução de riscos e apenas ínfima porcentagem dos pequenos municípios os possui.

Ex: *Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ajudam a traçar o perfil do eleitor brasileiro da última eleição. A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição, consolidando-se e os dados são irrefutáveis quanto a isso. A cada cinco pessoas aptas a votar nas eleições de 2010, uma era analfabeta ou nunca havia frequentado uma escola. São, ao todo, 27 milhões de eleitores nessa situação no cadastro do TSE. Desses, oito milhões se declararam analfabetos e 19 milhões*

declararam saber ler e escrever, sem, entretanto, nunca terem estado em uma sala de aula. No total, havia 135,8 milhões de eleitores no país em 2010.

Tópico frasal: A inclusão política dos brasileiros vem, a cada eleição. Em seguida as estatísticas fornecidas fundamentam essa tese.

- ***Explicação ou esclarecimento***: consiste em explicitar o sentido de uma palavra ou afirmação.

Ex: *Com a popularização dos computadores e o desenvolvimento da microeletrônica, a palavra informação adquiriu um significado diferente. Até então, o seu sentido estava restrito à transmissão de dados acerca de alguém ou de algo, geralmente notícias de fatos que chegavam ao receptor com certa defasagem temporal.*

Tópico frasal: o sentido da palavra informação mudou. Explicação: antes significava transmitir dados acerca de alguém ou de algo, hoje significa outra coisa.

- ***Testemunho de autoridade***: para ***dar credibilidade*** a uma tese, traz a opinião respeitada de um especialista que se alinha ou se opõe a ela. Serve como argumento e como contra-argumento.

Ex: *Entusiasta do sistema, o supervisor do Posto Fiscal Virtual, em Porto Alegre define o processo como seletivo, econômico e inteligente. "Esse é o futuro. No mundo, cada vez mais, a tecnologia substitui a ação humana, que, por mais atuante que possa ser, tem limitações de tempo, esforço e capacidade pessoal", afirma o auditor-fiscal. O processamento eletrônico, destaca, veio para ficar, e isso está ocorrendo em todo o mundo. "No Chile, temos a fatura eletrônica, que é muito bem-sucedida. Aqui temos a Nota Fiscal Eletrônica, um sucesso crescente, que quase todos os Estados do país já adotam. É um rumo sem volta. Este é o caminho", garante.*

Tópico frasal: o processamento eletrônico é vantajoso e veio para ficar. A opinião do supervisor do posto fiscal, um auditor-fiscal, permeada por exemplos, reforça essa tese.

- ***Relação causa-efeito***: relaciona um fato a sua causa ou explicação.

Ex: *Se a China e a Índia hoje surgem no cenário internacional de modo surpreendente, é porque sabem articular inovadoramente a cultura ocidental moderna com seus antiquíssimos modos de pensar e agir, demonstrando que o desenvolvimento não se dá mais em termos lineares e que o futuro não se desenha desprezando e recalcando o passado.*

Causa: Índia e China sabem articular inovadoramente a cultura ocidental moderna. **Efeito:** Surgem no cenário internacional de modo surpreendente.

Ex: *Sabemos todos que as bombas atômicas fabricadas até hoje são sujas (aliás, imundas) porque, depois que explodem, deixam vagando pela atmosfera o já famoso e temido estrôncio 90.*

Causa: Todas as bombas deixam vagando na atmosfera o temido estrôncio 90. **Efeito:** todas as bombas são consideradas sujas.

Ex: *Se vivemos hoje a era do conhecimento é porque nos alçamos em ombros de gigantes do passado. A Internet representa um poderoso agente de transformação do nosso* modus vivendi et operandi.

Causa: Nós nos alçamos em ombros de gigantes no passado. **Efeito:** vivemos hoje a era do conhecimento.

Ressalto que, assim como ocorrem nas fórmulas de introdução, os textos trazem diversos argumentos desenvolvidos conjugando uma ou mais dessas técnicas, como veremos nesse exemplo de prova:

Entre 1990 e 2010, mais de 96 milhões de pessoas foram afetadas por desastres no Brasil, como demonstra o Atlas dos Desastres Naturais do Brasil. Destas, mais de 6 milhões tiveram de deixar suas moradias, cerca de 480 mil sofreram algum agravo ou doença e quase 3,5 mil morreram imediatamente após os mesmos. *Desastres como o de Petrópolis, que resultaram em dezenas de óbitos, não existem em um vácuo. Se* ***por um lado*** *exigem a presença de ameaças naturais, como chuvas fortes,* ***por outro*** *não se realizam sem condições de vulnerabilidade, constituídas através dos processos sociais relacionados à dinâmica do desenvolvimento econômico e da proteção social e ambiental. Isto significa que os debates em torno do desastre devem ir além das cobranças que ano após ano ficam restritas à Defesa Civil.*

Nesse parágrafo argumentativo, o autor traz dados e depois monta uma divisão: por um lado...por outro.

Vejamos agora o texto injuntivo!

4- TEXTO INJUNTIVO/INSTRUCIONAL

O texto injuntivo traz ***instruções ao leitor*** para realizar certa tarefa. Ensina, orienta, interpela ou obriga o leitor a fazer alguma coisa.

Sua principal característica é apresentar verbos no imperativo, em comandos neutros, genéricos e impessoais, para prescrever alguma ação do leitor. O uso do infinitivo impessoal também é usado como estratégia de neutralidade, pois omite o agente:

Ex: Passo 1, remover a embalagem. Passo 2, inserir CD de instalação.

Ex: 149 - Compete à autoridade judiciária *disciplinar*, através de portaria, ou *autorizar*, mediante alvará...

Observamos esse tipo textual em gêneros como leis, regulamentos, contratos, manuais de instrução, receitas de bolo, tutoriais.

Vejamos uma questãozinha recente sobre o texto injuntivo:

12. (CS UFG - DP GO/2014)

Leia o Texto para responder à questão

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Título I
Das Disposições Preliminares
Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:
a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em: 30 jan. 2014.

> *Em sua acepção técnica, lei equivale a uma regra escrita, dotada de poder normativo. No Texto, a normatividade do conteúdo da lei é marcada por:*
>
> *a) uso esporádico de recursos explicativos dos princípios legais.*
>
> *b) estratégias injuntivas e de construção da neutralidade.*
>
> *c) recorrência de raciocínio indutivo.*
>
> *d) expressões de possibilidade geradoras de intimidação no leitor.*

> *e) escolha lexical de valor ambíguo.*

Comentários:

A lei é clássico gênero textual injuntivo: traz comandos genéricos, instruções para a sociedade, regras que ela deve seguir. Observe os verbos no imperativo e os comandos genéricos: "nenhuma criança ou adolescente será objeto...." e "Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos...". Gabarito: Letra B.



Finalidade dos Textos

Opinativo: Convencer, defender uma opinião.

Polêmico: Contrabalancear opiniões.

Informativo: Veicular informação nova.

Instrucional: Normatizar, prescrever, ensinar.

13. (FGV -ALEMA/2013)

Analise a imagem a seguir e responda à questão



> *A finalidade básica do texto acima é*
>
> *a) regulamentar. b) informar. c) ensinar. d) convencer. e) prever.*

Comentários:

A propaganda é típico gênero textual em que predomina o tipo argumentativo, pois a finalidade é convencer. Nosso gabarito, portanto é a letra D. Na letra a) e na letra c) teríamos um texto injuntivo, cuja finalidade é regulamentar e instruir;

na letra b) teríamos um texto expositivo, cuja finalidade é informar; na letra e) teríamos um texto preditivo, que se utiliza de dados anteriores para fazer deduções e projeções, tais como um horóscopo, uma previsão de economia ou uma previsão do tempo.

14. (Instituto Excelência- Oficial de Escola/2017)

Leia o texto abaixo e assinale a alternativa CORRETA:

Evite áreas com fios elétricos, a pipa pode encostar num cabo elétrico e, se sua linha estiver molhada ou enrolada num objeto de metal (uma lata, por exemplo), ela se transforma num excelente condutor de eletricidade.



Cuidado com pessoas que estão a sua frente.

O cerol e o vidro utilizados para "envenenar" pipas, às vezes, causam graves acidentes, por seu poder cortante, por isso o uso do cerol é proibido.

Cuidado com a travessia de ruas onde passam veículos, pode acontecer algum acidente.

Siga todas essas medidas de segurança e divirta-se!!!

a) É um texto poético.

b) É um texto argumentativo.

c) É um texto informativo.

d) Nenhuma das alternativas.

Comentários:

Texto poético não é com certeza, pois não há traços de linguagem poética como figuras de linguagem ou rimas, figuras de estilo, efeitos de som ou de ritmo, versificação, enfim, aqueles traços de uma linguagem "especial".

Argumentativo não pode ser, pois não defende opinião, nem traz argumentos, nem apresenta a "forma estruturada" que estudamos: introdução, desenvolvimento, conclusão.

A dúvida ficaria entre ser "informativo" ou "nenhuma das alternativas". Percebemos então que finalidade é informar dos riscos das pipas, isto é, traz informaçao que se supõe nova para o leitor:

"a pipa pode escostar num cabo eletétrico e, se sua linha estiver molhada ou enrolada num objeto de metal (uma lata, por exemplo), ela se transforma num excelente condutor de eletricidade."

Outro trecho claramente informativo:

"o cerol e o vidro utilizados para "envenenar" pipas, ás vezes, causam graves acidentes, por seu poder cortante, por isso o uso do cerol é proibido".

Portanto, trata-se de um texto informativo. Gabarito letra C.

Interpretação e compreensão

Embora muitos alunos os tratem por sinônimos, interpretar e compreender são ações diferentes. Sem filosofar muito, para efeito de prova, interpretar é ser capaz de depreender informações do texto, deduzir baseado em pistas, inferir um subtexto, que não está explícito, mas está pressuposto.

Compreender, por sua vez, seria localizar uma informação explícita no texto e não depende de nenhuma inferência, porque está clara.

Essa diferença aparece nos enunciados, quando a banca nos informa se uma questão deve ser resolvida por recorrência (compreensão) ou por inferência (interpretação). Veremos aqui uma breve distinção teórica e depois partiremos para as questões, porque só aprendemos a interpretar lendo e interpretando.

- ***Recorrência:*** o leitor deve buscar no texto aquela informação, sabendo que a resposta estará escrita com outras palavras, em forma de paráfrase, ou seja, de uma reescritura.

Vejamos uma questão de recorrência:

15. (CESPE - Esc Pol-PC DF/2013)

O problema intercultural não se resolve, como pretendem os multiculturalistas, pelo simples reconhecimento da isonomia axiológica entre culturas distintas, mas, fundamentalmente, pelo diálogo interpessoal entre indivíduos de culturas diferentes e, mais ainda, pelo acesso individual à própria diversidade cultural, como condição para o exercício da liberdade de pertencer a uma cultura, de assimilar novos valores culturais ou, simplesmente, de se reinventar culturalmente. Aliás, o reconhecimento da isonomia axiológica entre culturas é importante não porque limita a individualidade a uma estrita visão antropológica que projeta a condição humana ao círculo concêntrico da cultura do agrupamento familiar e social a que pertence o indivíduo, mas porque o liberta, ao lhe dar amplitude de opção cultural, que, transcendendo a esfera da identidade individual como simples parte de uma cultura, dimensiona a individualidade no campo da liberdade — da liberdade de criar a si mesmo. Por fim, a passagem para a democracia não totalitária, ou seja, democracia na e para a diversidade, decorre, justamente, da sensibilização do político e da democratização do espaço pessoal, antes preso à teia indizível do monismo cultural ocidental, tornando-se papel do Estado o oferecimento das condições de acessibilidade à diversidade cultural, ambiente imprescindível à autogestão da identidade pessoal.

> *Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item.*
> *De acordo com o autor do texto, a solução dos conflitos interculturais requer o emprego de mecanismos mais complexos do que o proposto pelos multiculturalistas.*

Comentários:

Comparem o enunciado com esse período: O problema intercultural não se resolve, como pretendem os multiculturalistas, pelo simples reconhecimento da isonomia axiológica entre culturas distintas. A pequena diferença reside no verbo utilizado, pretender no lugar de propor. Item certo.

- ***Inferência:*** o leitor deve fazer deduções a partir do texto. O fundamento da dedução será um pressuposto, ou seja, uma pista, vestígios que o texto traz. Deduzir além das pistas do texto é extrapolar. Geralmente questões de inferência trazem o seguinte enunciado: "depreende-se das ideias do texto".

Ex: *Douglas **parou** de fumar.*

Nessa informação temos um pressuposto, indicado no verbo parar. Só para de fumar quem começou a fumar. Então podemos inferir, deduzir, depreender dessa frase que Douglas fumava.

Ex: ***Ainda** não lançaram o novo filme do Tarantino.*

O advérbio ainda é um pressuposto e traz o sentido implícito de que há expectativa de que o filme já deveria ter saído.

Ex: *Minha **primeira** esposa **desistiu** de comprar aquele carro.*

Pode se inferir de "primeira esposa" que o interlocutor se casou mais de uma vez, e que a referida primeira esposa pretendia comprar um determinado carro, tanto que desistiu.

Pessoal, infelizmente não há uma dica milagrosa para interpretação. Teremos sempre que fazer esse exercício de buscar informações explícitas e implícitas no texto, baseado em vestígios e pistas, nas entrelinhas, ou muitas vezes encontrando a reescritura equivalente de uma ideia apresentada.

Leia o texto todo. Leia outra vez, marcando as ideias centrais de cada parágrafo, que frequentemente vêm no seu início.

A ideia central na introdução e na conclusão é a tese. No desenvolvimento é o tópico frasal.

Questões de recorrência são resolvidas encontrando uma paráfrase. Questões de inferência exigem uma dedução baseada e pressupostos.

Julgamento de Assertivas: principais erros.

Pessoal, vamos ver agora os principais raciocínios equivocados que fazem o aluno errar na hora da prova.

⊘Extrapolar:

Esse é o erro mais comum. O texto vai até um limite e o examinador oferece uma assertiva que "vai além" desse limite. O examinador inventa aspectos que não estão contidos no texto e o candidato, por não ter entendido bem o texto, preenche essas lacunas com a imaginação, fazendo outras associações, à margem do texto, estimulado pela assertiva errada. O exemplo mais perigoso é a extrapolação com informação verdadeira, mas que não está no texto.

⊘Limitar e Restringir:

É o contrário da extrapolação. Geralmente se manifesta na supressão de informação essencial para o texto. A assertiva reducionista omite parte do que foi dito ou restringe o fato discutido a um universo menor de possibilidades.

⊘Acrescentar opinião:

Nesse tipo de assertiva errada, o examinador parafraseia parte do texto, mas acrescenta um pouco da sua própria opinião, opinião esta que não foi externada pelo autor. A armadilha dessas afirmativas está em embutir uma opinião que não está no texto, mas que está na consciência coletiva, pelo fato de ser um clichê ou senso comum que o candidato possa compartilhar.

⊘Contradizer o texto.

O texto original diz "A" e o texto parafraseado da assertiva errada diz "Não A" ou "B". Para disfarçar essa contradição, a banca usará muitas palavras do texto, fará uma paráfrase muito semelhante, mas com um vocábulo crucial que fará o sentido ficar inverso ao do texto.

⊘Tangenciar o tema.

O examinador cria uma assertiva que aparentemente se relaciona ao tema, mas fala de outro assunto, remotamente correlato. No mundo dos fatos, aqueles dois temas podem até ser afins, mas no texto não se falou do segundo, só do primeiro; então houve fuga ao tema.

Vamos fazer um exercício e localizar esses erros num texto.

As causas do desemprego no mundo

Atualmente o mundo atingiu um nível muito alto de desemprego, fato que só havia acontecido, em proporções similares, após a crise de 29.

Segundo os órgãos internacionais, existem hoje, aproximadamente, 850 milhões de pessoas desempregadas, algumas profissões foram superadas outras extintas, o crescimento constante de tecnologias provoca alterações no mercado de trabalho em todo o mundo.

Até mesmo em países de terceiro mundo as fábricas e indústrias estão sofisticadas e modernas. As empresas são obrigadas a investir maciçamente em tecnologia para garantir rapidez e melhorar a qualidade, itens necessários em um mercado tão competitivo.

16. (Questão Inédita - 2016)

De acordo com o fragmento acima, julgue os itens:

I- Consoante algumas instituições internacionais, um número próximo de 850 milhões de pessoas está desempregado, pois o desenvolvimento das tecnologias de automação modificou profundamente as relações de trabalho, aumentando a rotatividade nos postos de trabalho.

II- Segundo o autor, o desemprego no Brasil atingiu um nível muito alto, algo que só ocorrera após a depressão de 1929.

III- Fábricas em países de terceiro mundo, ao contrário do que possa parecer, ostentam fábricas modernas, em que há grandes investimentos em tecnologia, pois esse é um fator necessário para sobreviver num mercado competitivo, assim como a qualidade da mão de obra.

IV- De acordo com organismos internacionais, há hoje aproximadamente 850 milhões de desempregados, tendo em vista que algumas profissões foram superadas e extintas, além de que o crescimento constante de tecnologias provoca manutenção das relações de trabalho no mercado em todo o mundo. Tal nível de desemprego é sem precedentes na história.

V- Os investimentos em tecnologia são grande fator para a deterioração dos benefícios trabalhistas, constitucionalmente garantidos, acentuando a condição de hipossuficiente dos operários das modernas e sofisiticadas fábricas em todo o mundo.

Comentários:

I- No primeiro item, há extrapolação. O texto não menciona nada sobre automação nem sobre rotatividade de trabalho; embora seja possível

fazer essas associações à luz do tema "desemprego" isso foi além do que estava escrito no texto. Essas informações não estão contidas.

II- Houve redução drástica da abrangência do tema. O autor fala do desemprego em todo o mundo; a assertiva somente menciona o Brasil, tornando o universo da discussão muito restrito.

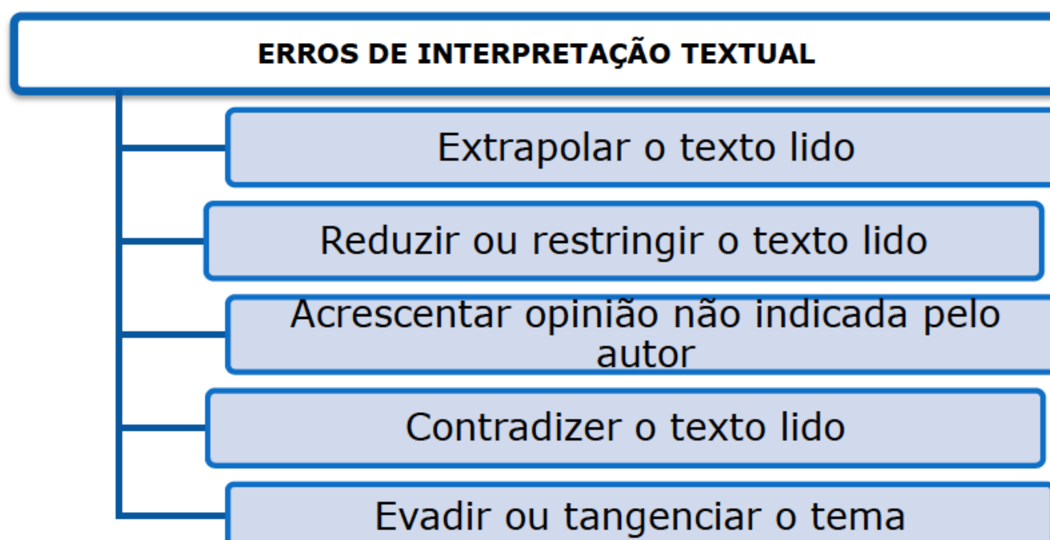
III- Esse "ao contrário do que possa parecer" é opinião do examinador embutida no item. O texto não diz claramente que as fábricas parecem menos modernas; também foi acrescentada uma outra opinião: que "a qualidade da mão de obra é tão importante quanto a tecnologia". Essas opiniões são compartilhadas por muitas pessoas, então o candidato pode se identificar e marcar o item como certo.

IV- O item é quase todo igual ao texto original, mas no finalzinho traz uma informação oposta: "o crescimento constante de tecnologias provoca manutenção das relações de trabalho". Não há manutenção, há mudanças constantes, nas palavras do autor, há "alterações". Também contradiz o texto a parte: "Tal nível de desemprego é sem precedentes na história". Isso não é verdade, pois também houve desemprego alto após a crise de 29, conforme o texto.

V- O tema do texto é o aumento do desemprego. Esta assertiva menciona indiretamente a tecnologia, mas foca em outro tema: "direitos trabalhistas". Embora remotamente relacionados, houve fuga ao objeto principal do texto.

Dessa forma, observamos que, embora todas as alternativas tragam palavras muito semelhantes às do texto, todos os itens estão errados.

Viram, pessoal? É assim que a banca trabalha para te enganar. Muda pequenas partes do texto, subtraindo ou acrescentando informações com o propósito de mudar o sentido da assertiva.





TEXTO

No Brasil, pode-se considerar marco da história da Assistência jurídica, ou justiça gratuita, a própria colonização do país, ainda no século XVI. O surgimento de lides provenientes das inúmeras formas de relação jurídica então existentes — e o chamamento da jurisdição para resolver essas contendas — já dava início a situações em que constantemente as partes se viam impossibilitadas de arcar com os possíveis custos judiciais das demandas. A partir de então, a chamada assistência judiciária praticamente evoluiu junto com o direito pátrio. Sua importância atravessou os séculos, e ela passou a ser garantida nas cartas constitucionais.
No século XX, o texto constitucional de 1934, no capítulo II, "Dos direitos e das garantias individuais", em seu art. 113, fez menção a essa proteção, ao prever que "A União e os estados concederão aos necessitados assistência judiciária, criando para esse efeito órgãos especiais e assegurando a isenção de emolumentos, custas, taxas e selos". Por sua vez, a Constituição de 1946 previu, no mesmo capítulo que a de 1934, em seu art. 141, § 35, que "O poder público, na forma que a lei estabelecer, concederá assistência judiciária aos necessitados". A lei extravagante veio em 1950, materializada na Lei n.º 1.060, que especifica normas para a concessão de assistência judiciária aos necessitados. No art. 4.º dessa lei, havia menção ao "rendimento ou vencimento que percebe e os encargos próprios e os da família" e constava a exigência de atestado de pobreza, expedido pela autoridade policial ou pelo prefeito municipal. Foi o art. 1.º, § 2.º, da Lei n.º 5.478/1968 que criou a simples afirmação (da pobreza), ratificado pela Lei n.º 7.510/1986, que deu nova redação a dispositivos da Lei n.º 1.060/1950. Em 1988, a Carta Cidadã ampliou o escopo da assistência judiciária ao empregar o termo assistência jurídica integral e gratuita, que é mais abrangente e que abarca o termo usado anteriormente, restrito apenas à assistência de demanda judicial já proposta ou a ser interposta. O termo atual também engloba atos jurídicos extrajudiciais, aconselhamento jurídico, patrocínio da causa, além de ações coletivas e mediação.

Hoje, portanto, alguém que se vê incapaz de arcar com os custos que uma lide judicial impõe, mas necessita da imediata prestação jurisdicional, pode, mediante simples afirmativa, postular as benesses dessa prerrogativa, garantida pela Constituição Federal vigente.

No que se refere às ideias e informações do texto, julgue os itens a seguir.

17. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *Infere-se do texto que a Lei n.º 1.060/1950 ainda está em vigência, embora tenha passado por algumas alterações.*

Comentários:

Não está explícito no texto que essa lei ainda está em vigor, mas há pistas que indicam isso, vejam: "A lei extravagante veio em 1950, materializada na Lei n.º 1.060, que especifica normas para a concessão de assistência judiciária aos

necessitados". Sabemos da nossa experiência que, em geral, uma lei permanece vigente até ser revogada. A lei foi criada e não há nada no texto sugerindo que foi revogada, apenas alterada, conforme o trecho seguinte: "Foi o art. 1.º, § 2.º, da Lei n.º 5.478/1968 que criou a simples afirmação (da pobreza), ratificado pela Lei n.º 7.510/1986, que **deu nova redação a dispositivos da Lei** n.º 1.060/1950.". Item correto.

18. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *O autor do texto visa convencer o leitor acerca da necessidade de que se tratem como iguais os desiguais, por meio da prestação jurisdicional gratuita.*

Comentários:

Pessoal. Esse é caso típico de extrapolação, em que o leitor projeta em sua leitura algo da sua vivência pessoal, mas que não encontra fundamento em parte nenhuma do texto. A banca sabe que o candidato vai associar esse tema da justiça gratuita ao tema constitucional da hipossuficiência, do tratamento isonômico entre os desiguais e outras questões conexas. Porém, isso não está no texto. Apenas se fala de uma evolução histórica do direito à assistência judiciária gratuita aos necessitados nos dispositivos legais e constitucionais. Não se entra no mérito da igualdade. Além disso, o texto é predominantemente expositivo, não está clara a intenção de convencer de nada. Questão incorreta.

19. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical do texto, o primeiro período poderia ser reescrito da seguinte forma: a própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.*

Comentários:

Vamos comparar:

No Brasil,

pode-se considerar marco da história da Assistência jurídica[...] a própria colonização do país, ainda no século XVI.

X

a própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.

É uma paráfrase (reescritura perfeita), apenas mudando a posição do sujeito. Questão correta.

20. (CESPE UNB - DPU 2016)

> Depreende-se do texto que, de acordo com a Constituição Federal de 1988, é proibido à pessoa possuidora de bens requerer o direito à assistência jurídica integral e gratuita.

Comentários:

O enunciado "Depreende-se" é pista para o aluno saber que é uma questão de inferência, ou seja, a resposta não estará explícita numa mera reescritura. Vamos buscar o trecho que se refere à constituição de 1988:

"Em 1988, a Carta Cidadã ampliou o escopo da assistência judiciária ao empregar o termo assistência jurídica integral e gratuita, que é mais abrangente e que abarca o termo usado anteriormente..."

Me digam agora onde está alguma referência implícita ou explícita a bens. Em lugar nenhum. Essa seria uma extrapolação, tentativa de induzir a pensar que quem tem bens é rico e não necessita da assistência judiciária. Isso seria um raciocínio pessoal, fora do texto. Até porque ter bens não significa não ser necessitado. Alguém pode ter um carro e não poder pagar um advogado ou custas. O próprio texto desmente essa possível premissa: "— já dava início a situações em que constantemente as ***partes se viam impossibilitadas de arcar com os possíveis custos judiciais*** *das demandas." Reforça-se, não há no texto qualquer pista que sustente essa igualdade parte impossibilitada de arcar com os possíveis custos judiciais=pessoa não possuidora de bens. Item errado.*

21. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *Conclui-se do texto que, ao prever a substituição do atestado de pobreza pela simples afirmativa da pessoa de que ela não pode arcar com os custos judiciais da demanda, a lei teria buscado uma forma de tornar mais acessível ao necessitado o exercício de seu direito.*

Comentários:

Vejamos a parte que indica que a substituição do atestado por uma afirmativa da pessoa simplificou o acesso à assistência gratuita: No art. 4.º dessa lei, havia menção ao **"rendimento ou vencimento que percebe e os encargos próprios e os da família" e constava a exigência de atestado de pobreza, expedido pela autoridade policial ou pelo prefeito municipal**. Foi o art. 1.º, § 2.º, da Lei n.º 5.478/1968 que **criou a simples afirmação (da pobreza)**, ratificado pela Lei n.º 7.510/1986, que deu nova redação a dispositivos da Lei n.º 1.060/1950.

Vejam que era um documento que deveria incluir encargos de várias pessoas e ser expedido pela polícia ou pelo prefeito. Imaginem o trabalho que dava rs... De fato, a lei buscou deixar mais acessível o benefício. Questão correta.

Texto:

A Constituição Federal, em seu artigo 5.º, que trata dos direitos e deveres individuais e coletivos, estabelece o direito à proteção das criações intelectuais. No inciso XXVII, afirma: aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar. No inciso XXIX, define que a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para

sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do país.

Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

In: Internet: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

A partir das ideias veiculadas no texto acima, julgue os itens a seguir.

22. (CESPE/UNB- INPI 2013)

> *Depreende-se do texto que são direitos autorais os que a pessoa criadora de obra intelectual tem de gozar dos benefícios morais e econômicos resultantes da produção de suas criações.*

Comentários:

"Depreende-se" é a pista de que se trata de um enunciado de inferência. Embora não esteja claramente usando essa palavra, localizemos no texto a parte que sugere o sentido de benefícios: "aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras" e "a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos...". Pronto; por benefícios morais podemos interpretar a proteção às criações, aos nomes. Por benefícios econômicos podemos inferir o direito exclusivo de utilização, publicação e reprodução. O enunciado tenta enganar o candidato com a expressão "tem de gozar", que sugeriria uma obrigatoriedade e deixaria o item falso. Por outro lado, reescrito em ordem direta, ficaria assim: "os direitos que a pessoa criadora de obra intelectual tem de gozar (tem direito de gozar) dos benefícios morais e econômicos resultantes da produção de suas criações são autorais (são direitos autorais). Item correto.

23. (CESPE/UNB- INPI 2013)

> *No texto se afirma que o direito outorgado aos autores é personalíssimo, vitalício e perpétuo, mas se ressalta a exceção legal de ser concedido por prazo certo e determinado.*

Comentários:

O enunciado diz: "No texto"... pista de questão de recorrência. Vamos buscar uma paráfrase para esses adjetivos: personalíssimo: "exclusivo". Ok. Vitalício: "transmissível aos herdeiros". Ok. Perpétuo: ops! aí não! O direito não é perpétuo, pois é transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar; não é outorgado para sempre, pois pode ter prazo e ainda é passado para os herdeiros após a morte. Item incorreto.

24. (CESPE/UNB- INPI 2013)

> *Infere-se do texto que o inciso XXIX da Constituição Federal trata da propriedade industrial, que abrange o direito sobre as criações industriais, cuja proteção é conferida em nome do interesse social e do desenvolvimento tecnológico e econômico do Brasil.*

Comentários:

Observe as palavras grifadas: "No inciso XXIX, define que a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do país." Apesar de ser uma questão de inferência, é bem visível no texto, de modo que poderia até ser considerada uma mera paráfrase. Item correto.

25. (CESPE/UNB- INPI 2013)

> *De acordo com o texto, o Estado oferece dois tipos diferentes de proteção da propriedade intelectual.*

Comentários:

"De acordo com o texto"... Esse é um enunciado de recorrência, com informação explícita, reescrita com outras palavras. O primeiro tipo de proteção está no inciso XXVII: é o direito exclusivo e vitalício de utilização, publicação ou reprodução das obras. O segundo tipo está no inciso XXIX, em que a lei assegurará privilégio temporário para a utilização de inventos industriais, bem como proteção às criações, à propriedade das marcas e aos nomes. Item correto.

26. (CESPE/UNB- INPI 2013)

> *Deduz-se do texto haver, para se assegurar o direito expresso nos citados incisos da Constituição Federal, necessidade da criação de leis específicas para regular a proteção às criações intelectuais.*

Comentários:

Questão de inferência. Podemos deduzir que há necessidade de criação de leis específicas para regular a proteção às criações intelectuais em dois momentos: "**a lei assegurará** aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais". OU SEJA, depende-se de uma lei. O segundo momento está na seguinte passagem: "...transmissível aos herdeiros pelo **tempo que a lei fixar**". Então, de fato, existe necessidade de uma lei para regular o tempo de duração da proteção quando o direito é transferido aos herdeiros. Questão correta.

Considerações Finais

Meus queridos alunos, vejam que, no fim das contas, a interpretação é uma técnica, um exercício bem prático. Cada texto é um texto, não há fórmulas universais. Porém, com o domínio das técnicas mostradas aqui e com o cuidado de interpretar os enunciados, para saber se pedem informações explícitas ou implícitas, é possível, sim, acertar as temidas questões de "interpretação".

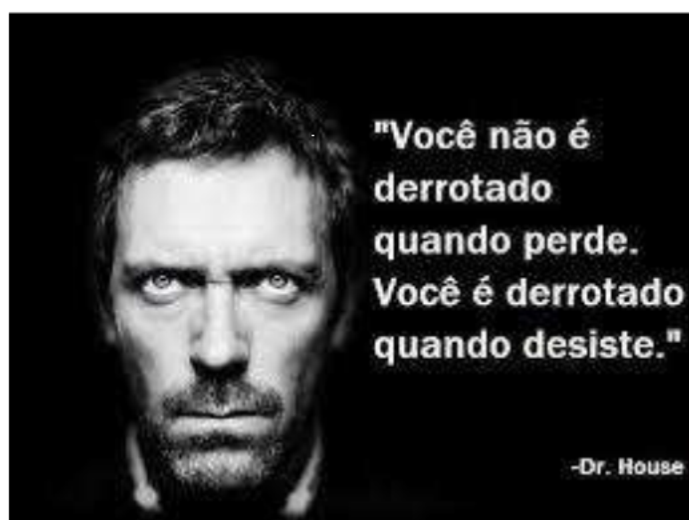
Sugiro que sempre leiam seu texto marcando palavras-chave, verbos carregados de sentido opinativo, afirmações categóricas. Faça resumos mentais enquanto lê, ou, se não for comprometer o tempo da sua prova, escreva do lado de cada parágrafo sua ideia principal. Essas são pistas que levarão você a desvendar o mistério de um texto.

Releiam as técnicas de desenvolvimento de parágrafos introdutórios e de desenvolvimento, pois aquelas estruturas são muito frequentes e sinalizam fortemente que um texto é dissertativo. Leiam sempre os títulos e as fontes dos textos das provas, são grandes pistas sobre a finalidade deles.

Segue agora uma bela bateria de questões recentes. Você vai poder praticar muito interpretação, assunto que atrapalha muita gente!! Trouxe também muitas questões da FCC, banca que explora bem a compreensão de textos. Você vai estar pronto para tudo! Leiam os comentários e voltem ao texto para visualizar melhor.

Abraço. Sucesso nos estudos.

Professor Felipe Luccas Rosas



Mais Questões Comentadas

27. (CESPE UNB - DPU 2016)

No Brasil, pode-se considerar marco da história da Assistência jurídica, ou justiça gratuita, a própria colonização do país, ainda no século XVI. O surgimento de lides provenientes das inúmeras formas de relação jurídica então existentes — e o chamamento da jurisdição para resolver essas contendas — já dava início a situações em que constantemente as partes se viam impossibilitadas de arcar com os possíveis custos judiciais das demandas. A partir de então, a chamada assistência judiciária praticamente evoluiu junto com o direito pátrio. Sua importância atravessou os séculos, e ela passou a ser garantida nas cartas constitucionais.

No século XX, o texto constitucional de 1934, no capítulo II, "Dos direitos e das garantias individuais", em seu art. 113, fez menção a essa proteção, ao prever que "A União e os estados concederão aos necessitados assistência judiciária, criando para esse efeito órgãos especiais e assegurando a isenção de emolumentos, custas, taxas e selos". Por sua vez, a Constituição de 1946 previu, no mesmo capítulo que a de 1934, em seu art. 141, § 35, que "O poder público, na forma que a lei estabelecer, concederá assistência judiciária aos necessitados". A lei extravagante veio em 1950, materializada na Lei n.º 1.060, que especifica normas para a concessão de assistência judiciária aos necessitados. No art. 4.º dessa lei, havia menção ao "rendimento ou vencimento que percebe e os encargos próprios e os da família" e constava a exigência de atestado de pobreza, expedido pela autoridade policial ou pelo prefeito municipal. Foi o art. 1.º, § 2.º, da Lei n.º 5.478/1968 que criou a simples afirmação (da pobreza), ratificado pela Lei n.º 7.510/1986, que deu nova redação a dispositivos da Lei n.º 1.060/1950. Em 1988, a Carta Cidadã ampliou o escopo da assistência judiciária ao empregar o termo assistência jurídica integral e gratuita, que é mais abrangente e que abarca o termo usado anteriormente, restrito apenas à assistência de demanda judicial já proposta ou a ser interposta. O termo atual também engloba atos jurídicos extrajudiciais, aconselhamento jurídico, patrocínio da causa, além de ações coletivas e mediação.

Hoje, portanto, alguém que se vê incapaz de arcar com os custos que uma lide judicial impõe, mas necessita da imediata prestação jurisdicional, pode, mediante simples afirmativa, postular as benesses dessa prerrogativa, garantida pela Constituição Federal vigente.

> *No que se refere às ideias e informações do texto, julgue os itens a seguir.*
>
> *Infere-se do texto que a Lei n.º 1.060/1950 ainda está em vigência, embora tenha passado por algumas alterações.*

Comentários:

Não está explícito no texto que essa lei ainda está em vigor, mas há pistas que indicam isso, vejam: "A lei extravagante veio em 1950, materializada na Lei n.º 1.060, que especifica normas para a concessão de assistência judiciária aos necessitados". Sabemos da nossa experiência que, em geral, uma lei permanece vigente até ser revogada. A lei foi criada e não há nada no texto sugerindo que foi revogada, apenas alterada, conforme o trecho seguinte: "Foi o art. 1.º, § 2.º, da Lei n.º 5.478/1968 que criou a simples afirmação (da pobreza), ratificado pela Lei n.º 7.510/1986, que **deu nova redação a dispositivos da Lei** n.º 1.060/1950.". Item correto.

28. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *O autor do texto visa convencer o leitor acerca da necessidade de que se tratem como iguais os desiguais, por meio da prestação jurisdicional gratuita.*

Comentários:

Pessoal. Esse é caso típico de extrapolação, em que o leitor projeta em sua leitura algo da sua vivência pessoal, mas que não encontra fundamento em parte nenhuma do texto. A banca sabe que o candidato vai associar esse tema da justiça gratuita ao tema constitucional da hipossuficiência, do tratamento isonômico entre os desiguais e outras questões conexas. Porém, isso não está no texto. Apenas se fala de uma evolução histórica do direito à assistência judiciária gratuita aos necessitados nos dispositivos legais e constitucionais. Não se entra no mérito da igualdade. Além disso, o texto é predominantemente expositivo, não está clara a intenção de convencer de nada. Questão incorreta.

29. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical do texto, o primeiro período poderia ser reescrito da seguinte forma: a própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.*

Comentários:

Vamos comparar:

No Brasil,

pode-se considerar marco da história da Assistência jurídica[...] a própria colonização do país, ainda no século XVI.

X

a própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.

É uma paráfrase (reescritura perfeita), apenas mudando a posição do sujeito. Questão correta.

30. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *Depreende-se do texto que, de acordo com a Constituição Federal de 1988, é proibido à pessoa possuidora de bens requerer o direito à assistência jurídica integral e gratuita.*

Comentários:

O enunciado “Depreende-se” é pista para o aluno saber que é uma questão de inferência, ou seja, a resposta não estará explícita numa mera reescritura. Vamos buscar o trecho que se refere à Constituição de 1988:

"Em 1988, a Carta Cidadã ampliou o escopo da assistência judiciária ao empregar o termo assistência jurídica integral e gratuita, que é mais abrangente e que abarca o termo usado anteriormente..."

Me digam agora onde está alguma referência implícita ou explícita a bens. Em lugar nenhum. Essa seria uma extrapolação, tentativa de induzir a pensar que quem tem bens é rico e não necessita da assistência judiciária. Isso seria um raciocínio pessoal, fora do texto. Até porque ter bens não significa não ser necessitado. Alguém pode ter um carro e não poder pagar um advogado ou custas. O próprio texto desmente essa possível premissa: "— já dava início a situações em que constantemente as **partes se viam impossibilitadas de arcar com os possíveis custos judiciais** das demandas." Reforça-se, não há no texto qualquer pista que sustente essa igualdade parte impossibilitada de arcar com os possíveis custos judiciais=pessoa não possuidora de bens. Item errado.

31. (CESPE UNB - DPU 2016)

> *Conclui-se do texto que, ao prever a substituição do atestado de pobreza pela simples afirmativa da pessoa de que ela não pode arcar com os custos judiciais da demanda, a lei teria buscado uma forma de tornar mais acessível ao necessitado o exercício de seu direito.*

Comentários:

Vejamos a parte que indica que a substituição do atestado por uma afirmativa da pessoa simplificou o acesso à assistência gratuita: No art. 4.º dessa lei, havia menção ao **"rendimento ou vencimento que percebe e os encargos próprios e os da família" e constava a exigência de atestado de pobreza, expedido pela autoridade policial ou pelo prefeito municipal**. Foi o art. 1.º, § 2.º, da Lei n.º 5.478/1968 que **criou a simples afirmação (da pobreza)**, ratificado pela Lei n.º 7.510/1986, que deu nova redação a dispositivos da Lei n.º 1.060/1950.

Vejam que era um documento que deveria incluir encargos de várias pessoas e ser expedido pela polícia ou pelo prefeito. Imaginem o trabalho que dava rs... De fato, a lei buscou deixar mais acessível o benefício. Questão correta.

32. (CESPE/UNB Tribunal Regional Eleitoral RS- 2015)

Com a chegada da televisão às campanhas eleitorais, o eleitor expõe-se, por meio do vídeo, a um grande número de candidatos e quase diariamente pode julgar o desempenho de cada um deles. Além disso, informa-se sobre a situação relativa de cada candidato nas prévias eleitorais e assiste aos desdobramentos da campanha. Assim, participa cada vez menos dos comícios públicos, e é em sua sala de visitas que se informa e debate com os familiares as novas informações obtidas. A decisão para o voto centra-se diariamente em novas bases, o que introduz mais um fator para a volatilidade do voto nas eleições com o domínio da televisão. Volatilidade e alto número de indecisos são, entre outros aspectos, produto da campanha moderna centrada na televisão: as decisões podem ser deixadas para o final, porque sempre poderá haver um fato a influenciá-las. E é exatamente nesse clima que a televisão introduziu o clímax de uma campanha: o debate entre os candidatos. Sem ele, o eleitorado não se informaria suficientemente sobre eles.

As análises correntes afirmam que uma exposição consistente e concentrada de um eleitor a uma campanha eleitoral pela televisão depende de muitas características sociais, tais como escolaridade, sexo, idade e filiação ou participação em organizações sociais e políticas. Essas características se relacionam com outros fatores, tais como as fontes de preferência da informação política (as pessoas que leem mais material de campanha nos jornais também o fazem em revistas, rádio e televisão); os eventos (as pessoas que seguem determinados eventos de campanhas tendem a seguir outros, mesmo que sejam de candidatos aos quais se opõem); e a atenção (algumas pessoas prestam mais atenção à propaganda de uma campanha). Entre outras

conclusões, esses estudos mostram que as mulheres — mais do que os homens —, os trabalhadores manuais — mais do que os não manuais 34 — e os eleitores de menor escolaridade preferem em maior medida a TV. No entanto, permanece a questão sobre a forma dessa exposição, ou seja, a respeito do caráter passivo ou ativo da assimilação das mensagens e das imagens dos candidatos.

Lúcia Avelar. As eleições na era da televisão. In: Revista de Administração de Empresas. SP: set.-out./1992, p 42-57. Internet: <www.scielo.br> (com adaptações).

> *De acordo com o texto As eleições na era da televisão,*
>
> *A) a participação dos eleitores no processo eleitoral passou a ser mais ativa com a ampliação do uso da televisão nas campanhas eleitorais.*
>
> *B) a menor participação dos eleitores nos comícios é uma das consequências negativas da ampla exposição dos eleitores à televisão durante as campanhas eleitorais.*
>
> *C) o debate entre os candidatos promovido pelas redes de televisão passou a ser um evento crucial de uma campanha eleitoral.*
>
> *D) as mulheres, os trabalhadores manuais e os eleitores de menor escolaridade dão preferência à televisão como meio midiático em razão de fatores culturalmente estabelecidos.*
>
> *E) a televisão é o meio mais eficaz para a propagação de notícias acerca das eleições e dos candidatos.*

Comentários:

A) Isso é uma extrapolação. O texto não diz que passou a ser mais ativa, apenas que mudou de ambiente. O eleitor participa cada vez menos de comícios, é em sua sala de visitas, pela TV, que se informa. Questão incorreta.

B) Extrapolação. Não se diz que é "negativa", mas sim que a decisão do voto centra-se em novas bases. Não foi emitido esse juízo de valor.

C) Perfeito. A banca usa o termo "momento crucial" como paráfrase de "clímax", que seria o momento determinante para a escolha do candidato: "E é exatamente nesse clima que a televisão introduziu o **clímax** de uma campanha: o debate entre os candidatos. **Sem ele, o eleitorado não se informaria suficientemente sobre eles**.". Questão correta.

D) Extrapolação. O autor até menciona características sociais, como idade, sexo, escolaridade e filiação, mas não há no texto uma paráfrase que sustente essa menção a "fatores culturalmente estabelecidos".

E) Extrapolação. O texto se limita a dizer que o panorama mudou, que o voto agora se baseia em novas bases e que o debate se tornou um momento crucial da decisão do voto. Porém, isso não é suficiente para afirmar que a televisão é o meio mais eficaz, pois ela gera volatilidade e alto número de indecisos. Letra c.

33. CESPE/UNB Tribunal Regional Eleitoral RS- 2015

No Brasil, as discussões sobre reforma política têm sido frequentes nos últimos anos. O debate engloba uma ampla gama de projetos referentes a vários itens, como sistema eleitoral e métodos de votação, sistema de governo, obrigatoriedade do voto, legislação partidária, disciplina partidária e trocas de legenda, coligações e financiamento político, entre outros. O problema é que sob o termo "reforma política" se abrigam muitas concepções diferentes a respeito do modelo político mais adequado ao país — e, consequentemente, a respeito do modelo mais apropriado de financiamento dos partidos e das campanhas.

O financiamento público é uma das medidas mais mencionadas quando se fala em reforma política no Brasil.

A partir da segunda metade do século XX, um grande número de países passou a adotar esse tipo de financiamento. Segundo o estudo Political Finance Database, divulgado em 2012 pela ONG Idea International, 66% dos 175 países estudados adotam financiamento público. Mas esse número deve ser lido com cuidado. Em nenhum país democrático, o financiamento político é exclusivamente público, isto é, realizado apenas com recursos do Estado. O cientista político alemão Karl-Heinz Nassmacher estima que os percentuais de financiamento público em relação ao financiamento total variem de 2% (no Reino Unido) e 3% (nos Estados Unidos da América) a 65% (na Suécia) e 68% (na Áustria).

No Brasil, o financiamento público está previsto na legislação desde 1971, mas só passou a ser significativo a partir 28 de 1995, com a instituição do Fundo Partidário. Não há estimativas confiáveis do percentual que esse fundo representa na receita total de cada partido — inclusive porque esse 31 percentual pode variar bastante de partido para partido —, mas os altos montantes distribuídos por ele (aproximadamente R$ 270 milhões, em 2011) dão indicações de que o percentual de financiamento público em relação ao financiamento total deve ser alto, pelo menos para os grandes partidos.

> *A) o financiamento público dos partidos e das campanhas eleitorais ocorre de diferentes maneiras em diversos países.*
>
> *B) o fato de o percentual de financiamento público ser alto em relação ao financiamento total sobrecarrega as despesas dos eleitores.*
>
> *C) boa parte dos eleitores brasileiros é favorável à reforma política, o que se comprova das frequentes discussões sobre o assunto nos últimos anos.*
>
> *D) o financiamento público no Brasil só passou a ocorrer, de fato, a partir de 1995.*
>
> *E) a mais importante discussão acerca da reforma política diz respeito ao modelo de financiamento dos partidos e das campanhas.*

Comentários:

A) Exatamente. Ocorre de maneiras diferentes porque variam na participação do dinheiro público e privado no financiamento das eleições. Onde está isso no texto? Observe: "O cientista político alemão Karl-Heinz Nassmacher estima que os percentuais de financiamento público em relação ao financiamento total variem de 2% (no Reino Unido) e 3% (nos Estados Unidos da América) a 65% (na Suécia) e 68% (na Áustria)." Questão correta. Gabarito: letra a.

B) Extrapolação. A banca tenta induzir o leitor mais apaixonado a marcar a resposta de acordo com suas convicções. Sendo uma questão de recorrência,

vamos nos ater ao texto. Não há momento no texto que se refira a despesas dos eleitores, especialmente com sentido de sobrecarga. Questão incorreta.

C) Extrapolação. O texto se limita a enunciar que há "frequentes discussões" a respeito do modelo "mais apropriado" de financiamento, mas não se menciona a porcentagem de brasileiros que apoia a reforma. Questão incorreta.

D) "No Brasil, o financiamento público está previsto na legislação desde 1971 (ou seja, já ocorria), mas só passou a ser significativo (aumentou) a partir de 1995, com a instituição do fundo partidário." Questão incorreta.

E) Veja: "é uma das mais mencionadas" **X** "a mais importante discussão". Ambas sugerem relevância desse tema, mas não são iguais. Questão incorreta.

34. (CESPE/UNB- PRF/2013)

> Leio que a ciência deu agora mais um passo definitivo. É claro que o definitivo da ciência é transitório, e não por deficiência da ciência (é ciência demais), que se supera a si mesma a cada dia... Não indaguemos para que, já que a própria ciência não o faz — o que, aliás, é a mais moderna forma de objetividade de que dispomos.
>
> Mas vamos ao definitivo transitório. Os cientistas afirmam que podem realmente construir agora a bomba limpa. Sabemos todos que as bombas atômicas fabricadas até hoje são sujas (aliás, imundas) porque, depois que explodem, deixam vagando pela atmosfera o já famoso e temido estrôncio 90. Ora, isso é desagradável: pode mesmo acontecer que o próprio país que lançou a bomba venha a sofrer, a longo prazo, as consequências mortíferas da proeza. O que é, sem dúvida, uma sujeira.
>
> Pois bem, essas bombas indisciplinadas, mal-educadas, serão em breve substituídas pelas bombas *n*, que cumprirão sua missão com lisura: destruirão o inimigo, sem riscos para o atacante. Trata-se, portanto, de uma fabulosa conquista, não?
>
> Ferreira Gullar. **Maravilha.** *In*: **A estranha vida banal.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 109.
>
> *A forma verbal "podem" (R.8) está empregada no sentido de* ***têm autorização****.*

Comentários:

O verbo "podem" está servindo com o verbo auxiliar numa locução verbal: "podem construir". Nesse papel, costuma assumir sentido de:

As pessoas podem fumar na área reservada. (permissão, autorização)

Podemos encontrar o rapaz naquela festa. (possibilidade)

Alguns pássaros podem voar por horas sem parar. (capacidade)

Ele pode falar várias línguas. (habilidade)

Na questão, o verbo poder foi utilizado no sentido de "ter capacidade para". Portanto, não há sentido de "autorização". Item incorreto.

35. (CESPE/UNB- PRF/2013)

> Leio que a ciência deu agora mais um passo definitivo. É claro que o definitivo da ciência é transitório, e não por deficiência da ciência (é ciência demais), que se supera a si mesma a cada dia... Não indaguemos para que, já que a própria ciência não o faz — o que, aliás, é a mais moderna forma de objetividade de que dispomos.
>
> Mas vamos ao definitivo transitório. Os cientistas afirmam que podem realmente construir agora a bomba limpa. Sabemos todos que as bombas atômicas fabricadas até hoje são sujas (aliás, imundas) porque, depois que explodem, deixam vagando pela atmosfera o já famoso e temido estrôncio 90. Ora, isso é desagradável: pode mesmo acontecer que o próprio país que lançou a bomba venha a sofrer, a longo prazo, as consequências mortíferas da proeza. O que é, sem dúvida, uma sujeira.
>
> Pois bem, essas bombas indisciplinadas, mal-educadas, serão em breve substituídas pelas bombas *n*, que cumprirão sua missão com lisura: destruirão o inimigo, sem riscos para o atacante. Trata-se, portanto, de uma fabulosa conquista, não?
>
> Ferreira Gullar. **Maravilha.** *In*: **A estranha vida banal.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 109.
>
> *O objetivo do texto, de caráter predominantemente dissertativo, é informar o leitor a respeito do surgimento da "bomba limpa" (R.8).*

Comentários:

O texto é literário, escrito pelo poeta Ferreira Gullar, tem tom crítico e irônico. A intenção é fazer refletir sobre o quanto o "definitivo" proposto pela ciência é, na verdade, transitório. Também discute a noção de ser ou não um verdadeiro "avanço" a criação de uma bomba ainda mais mortífera. Logo, não podemos dizer que o texto é informativo e tem como foco informar que foi criada a determinada bomba. Item incorreto.



36. (CESPE/UNB- PRF/2013)

> Leio que a ciência deu agora mais um passo definitivo. É claro que o definitivo da ciência é transitório, e não por deficiência da ciência (é ciência demais), que se supera a si mesma a cada dia... Não indaguemos para que, já que a própria ciência não o faz — o que, aliás, é a mais moderna forma de objetividade de que dispomos.
>
> Mas vamos ao definitivo transitório. Os cientistas afirmam que podem realmente construir agora a bomba limpa. Sabemos todos que as bombas atômicas fabricadas até hoje são sujas (aliás, imundas) porque, depois que explodem, deixam vagando pela atmosfera o já famoso e temido estrôncio 90. Ora, isso é desagradável: pode mesmo acontecer que o próprio país que lançou a bomba venha a sofrer, a longo prazo, as consequências mortíferas da proeza. O que é, sem dúvida, uma sujeira.
>
> Pois bem, essas bombas indisciplinadas, mal-educadas, serão em breve substituídas pelas bombas *n*, que cumprirão sua missão com lisura: destruirão o inimigo, sem riscos para o atacante. Trata-se, portanto, de uma fabulosa conquista, não?
>
> Ferreira Gullar. Maravilha. *In*: A estranha vida banal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 109.
>
> *A visão do autor do texto a respeito das "bombas n" (R.17) é positiva, o que é confirmado pelo uso da palavra "lisura" (R.18) para se referir a esse tipo de bomba, em oposição ao emprego de palavras como "indisciplinadas" (R.16) e "mal-educadas" (R.17) em referência às bombas que liberam "estrôncio 90" (R.11), estas sim consideradas desastrosas por atingirem indistintamente países considerados amigos e inimigos.*

Comentários:

A visão do autor é negativa sobre bombas em geral, tanto as "sujas" quanto as supostamente "limpas". Na verdade, pela sua ironia, ele não considera nenhuma bomba "limpa", pois todas têm efeitos mortíferos.

Observe*: "sabemos todos que as bombas atômicas fabricadas até hoje são sujas"*

Ele está sendo sarcástico, conforme percebemos ao longo do texto e, especialmente, ao final: "trata-se (a bomba n), portanto, de uma fabulosa conquista, não?". Conclui-se então que ele não acha o fato conquista nenhuma, pois tem "consequências" mortíferas. Item incorreto.

37. (CESPE/UNB- PRF/2013)

> Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.
>
> Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se mulheres e crianças, escravizarem-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.
>
> Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.
>
> E a ética é o domínio desse enfrentamento.
>
> Marisa Lajolo. Entre o bem e o mal. *In*: **Histórias sobre a ética.** 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008 (com adaptações).
>
> *A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.*
>
> *No texto, a expressão "pequenos e grandes" (R.20) não se refere a tamanho, podendo ser interpretada como equivalente à expressão "adultos e jovens" (R.1), ou seja, em referência a faixas etárias.*

Comentários:

Exato, o autor usa "pequenos" e "grandes" como sinônimo de "jovem" e "adulto". Usamos muito esse recurso na nossa linguagem cotidiana: "quando eu era pequeno, eu jogava futebol todo dia". A referência é a idade, não é de fato o tamanho. Item correto.

38. (CESPE/UNB- PRF/2013)

> ***(ainda sobre o texto acima)***
>
> *A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.*
>
> *Infere-se do texto que algumas práticas sociais são absolutamente erradas, ainda que o conceito de certo e errado seja variável do ponto de vista social e histórico.*

Comentários:

O autor insinua que algumas ações são erradas independente de uma cultura aceitá-la ou não como tal. Deu o exemplo de "espancar crianças e mulheres" e "escravizar povos". Seu "tom" também nos permite inferir que é contra a "pena de morte", mesmo admitindo que vários países a adotam.

Item correto.

39. (CESPE/UNB- PRF/2013)

> Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.
>
> Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se mulheres e crianças, escravizarem-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.
>
> Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.
>
> E a ética é o domínio desse enfrentamento.
>
> Marisa Lajolo. **Entre o bem e o mal.** *In*: **Histórias sobre a ética.** 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008 (com adaptações).
>
> *A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.*
>
> *Sem prejuízo para o sentido original do texto, o trecho "esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo" (R.15-16) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: publicamente, esses comportamentos consideram-se condenados em quase todo o mundo.*

Comentários:

Na assertiva original, "publicamente" se refere a "condenados", num sentido de "são condenados de forma pública". Na reescritura, por estar isolado no início do período, o termo "publicamente" se refere a toda a oração seguinte, dando a impressão de que é o fato de aqueles comportamentos serem condenados em todo mundo que é público. Observe também que há uma mudança de sentido com inclusão do verbo "consideram-se":

Esses comportamentos são publicamente condenados

Publicamente, esses comportamentos consideram-se condenados

A primeira forma é muito mais taxativa. Veja com um exemplo menor: Fulano é rico X Fulano é considerado rico.

Enfim, houve várias mudanças, o sentido original foi prejudicado. Mudou o referente, mudou o sentido. Item incorreto.

40. (CESPE/UNB- PRF/2013)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.

Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se mulheres e crianças, escravizarem-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.

Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.

E a ética é o domínio desse enfrentamento.

Marisa Lajolo. **Entre o bem e o mal**. *In*: **Histórias sobre a ética**. 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008 (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.

Sem prejuízo para o sentido original do texto, o trecho "esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo" (R.15-16) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: publicamente, esses comportamentos consideram-se condenados em quase todo o mundo.

Comentários:

Embora seja uma questão de inferência, de forma sutilmente indireta, a banca está cobrando o sentido de uma oração adjetiva restritiva, aquela que especifica, restringe um substantivo dentro de um grupo maior:

Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de ***temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia****.*

Ao dizer "**temas polêmicos que atraem**", temos uma restrição, ou seja, nem todos os temas polêmicos atraem atenção da mídia. Portanto, somente alguns atraem atenção dos meios de comunicação (mídia), exatamente como a banca afirma. Item correto.

41. (FCC- TRT - 14ª Região- Técnico Judiciário-2015)

Considere a tirinha abaixo para responder à questão.



(DAHMER, André. Malvados. www.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#9/9/2014)

Na opinião do palestrante,

a) o arrependimento com relação à tatuagem é dado como certo.

b) o adulto tem mais maturidade para não se arrepender de se tatuar.

c) a tatuagem deve ser uma marca que diferencia jovens e adultos.

d) os jovens devem dedicar anos à escolha da tatuagem perfeita.

e) a tatuagem feita durante a vida adulta não provoca arrependimentos.

Comentários:

Questão de inferência na interpretação de uma tirinha. O palestrante aconselha fazer tatuagem somente depois dos 30 anos, para que os tatuados passem menos tempo arrependidos. Ele afirma categoricamente que quem fizer tatuagem vai se arrepender e, considerando esse fato como certo, o melhor é reduzir esse tempo de arrependimento, fazendo a tatuagem o mais tarde possível. Gabarito: letra a.

42. (FCC- TRT - 3ª Região- Técnico Judiciário - TI-2015)

Céu da Boca

Uma das sedes da nostalgia da infância, e das mais profundas, é o céu da boca.

A memória do paladar recompõe com precisão instantânea, através daquilo que comemos quando meninos, o menino que fomos. O cronista, se fosse escrever um livro de memórias, daria nele a maior importância à mesa de família, na cidade de interior onde nasceu e passou a meninice. A mesa funcionaria como personagem ativa, pessoa da casa, dotada do poder de reunir todas as outras, e também de separá-las, pelo jogo de preferências e

idiossincrasias do paladar – que digo? da alma, pois é no fundo da alma que devemos pesquisar o mistério de nossas inclinações culinárias.

A mesa mineira era grande, inteiriça e de madeira clara. À esquerda e à direita, estiravam-se dois bancos compridos, em que irmãos e parentes em visita se sentavam por critério hierárquico. À cabeceira, na cadeira de jacarandá e palhinha, o pai presidia.

A comida, imune a influências no meio ilhado entre montanhas, era simples, simples a lembrança que deixou; e quem dela se nutriu quase sempre torce o nariz aos requintes, excentricidades ou meras variedades culinárias de outras terras.

(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A bolsa e a vida**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 91-92.)

> *Uma característica do gênero crônica verificável no texto é:*
>
> *a) a linguagem rigorosamente formal e impessoal.*
>
> *b) o relato objetivo e imparcial de um evento do passado.*
>
> *c) o discurso reivindicatório, expresso por verbos no imperativo.*
>
> *d) a reflexão a partir de uma experiência cotidiana.*
>
> *e) a argumentação pautada na recorrência de perguntas retóricas.*

Comentários:

A crônica é um gênero narrativo que se caracteriza pela **linguagem informal**, às vezes coloquial e com resquícios de oralidade, para aproximar o autor do leitor. Para aumentar essa proximidade, também é usada a **narração em primeira pessoa**.

Embora essas características não sejam fortes no texto em tela, há pelo menos um exemplo: "torce o nariz". A banca não pediu todas, pediu "**uma** característica verificável".

Quanto ao conteúdo, **se caracteriza também por trazer reflexões sobre experiências do dia a dia, do cotidiano, de fatos comuns ou banais**. Por essa característica, resolvia-se a questão imediatamente.

Não há relato imparcial e objetivo, pois a história é contada em primeira pessoa e contaminada pelos sentimentos do narrador. Não há verbos no imperativo e só uma única pergunta retórica "que digo?", que serve como retificação. Gabarito: letra D.

43. (FCC- COPERGÁS- ADMINISTRADOR -2016)

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha

era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. O mundo é bárbaro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

> *Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma*
>
> *a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.*
>
> *b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.*
>
> *c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.*
>
> *d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.*
>
> *e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.*

Comentários:

Pessoal, essa questão causa muita dúvida. Era preciso ir direto no que se tem certeza e não ficar "sonhando" com as alternativas nebulosas.

O enunciado diz "dois parágrafos, respectivamente", ou seja, o primeiro parágrafo corresponde à primeira metade do enunciado. O segundo corresponde à segunda metade.

O primeiro parágrafo, sem dúvidas, é uma narrativa: conta uma história, com enredo, personagens ("velhinha"; "guardas da fronteira"), sequência cronológica de ações (verbos no pretérito "seguiu", "decidiu"); presença de expressões adverbiais de tempo ("todos os dias"; "até que"). A resposta, portanto, seria a letra c ou a letra b. Se você parar para pensar, a narrativa deixa o leitor curioso para saber o que está sendo contrabandeado. É "intrigante". Já melhorou muito, certo?

O problema da letra C é a segunda metade: não há "sua contestação no confronto com outro fato". A narrativa não é "contestada", é reafirmada. Não há esse "confronto" com outro fato, sequer podemos dizer que há outro fato. A segunda parte é uma confirmação da moral da fábula: "**Como todas** as fábulas, esta traz uma lição". Confronto haveria se a segunda parte desmentisse ou desafiasse a premissa da primeira parte. O que ocorre é uma constatação: assim como ocorre na parte 1 (guardas foram enganados pela velhinha várias vezes), ocorre na parte

2 (outras "fábulas" hipotéticas em que "só pensar o óbvio é a pior forma de distração"). As duas metades se alinham, não se confrontam.

A "elucidação aberta em hipóteses" se refere ao esclarecimento ("significa que") da moral da história, do "erro" dos guardas, dividida (aberta) em alternativas (hipóteses):

1) quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente,

2) ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo,

3) ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

Dessa forma, o gabarito é a letra b.

44. (FCC- COPERGÁS- ADMINISTRADOR -2016)

> *Atente para as seguintes afirmações, referentes a segmentos do 2° parágrafo do texto:*
>
> *I. em quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, a expressão sublinhada refere-se ao contrabando que a velhinha parecia ocultar na bolsa.*
>
> *II. em muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, a expressão sublinhada refere-se ao fato de que a bolsa em si mesma e a bicicleta, tão evidentes, não levantaram suspeitas.*
>
> *III. em o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração, a expressão sublinhada refere-se ao fato de que se julgou que o contrabando só poderia estar dentro da bolsa da velhinha.*
>
> *Em relação ao texto, está correto o que se afirma em*
>
> *a) I, II e III.*
>
> *b) I e II, somente.*
>
> *c) II e III, somente.*
>
> *d) I e III, somente.*
>
> *e) II, somente.*

Comentários:

O autor fez um jogo de palavras. Em adendo às palavras da banca, resumo: a velhinha, de fato, usou o suposto conteúdo (o detalhe) como "isca" para causar desconfiança e desviar do verdadeiro "mal", que era a bolsa e a bicicleta em si. O mal hipotético parecia estar disfarçado, enquanto o mal verdadeiro (o todo) estava evidente e não foi percebido, porque os guardas, distraídos pelo óbvio dissimulado (o detalhe), não olharam para ele em nenhum momento. Gabarito: letra A.

45. (FCC - Técnico Judiciário-TRT 23ª/Administrativa/2016)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

O que é assinatura digital?

A assinatura digital é uma modalidade de assinatura eletrônica, resultado de uma operação matemática que utiliza algoritmos de criptografia assimétrica e permite aferir, com segurança, a origem e a integridade do documento.

A assinatura digital fica de tal modo vinculada ao documento eletrônico "subscrito" que, ante a menor alteração neste, a assinatura se torna inválida. A técnica permite não só verificar a autoria do documento, como estabelece também uma "imutabilidade lógica" de seu conteúdo, pois qualquer alteração do documento, como por exemplo a inserção de mais um espaço entre duas palavras, invalida a assinatura.

Necessário distinguir assinatura digital da assinatura digitalizada. A assinatura digitalizada é a reprodução da assinatura autógrafa como imagem por um equipamento tipo scanner. Ela não garante a autoria e integridade do documento eletrônico, porquanto não existe uma associação inequívoca entre o subscritor e o texto digitalizado, uma vez que ela pode ser facilmente copiada e inserida em outro documento.

> *a) assinatura digitalizada distingue-se da assinatura digital por ser esta menos segura e confiável que aquela.*
>
> *b) cópia da assinatura digitalizada torna-se difícil porque ela está subordinada à autenticação da autoria do documento.*
>
> *c) assinatura digital serve ao objetivo de preservar a autenticidade de documentos previamente escaneados.*
>
> *d) alteração de um documento com assinatura digital acarreta a invalidação da assinatura desse documento.*
>
> *e) integridade de um documento com assinatura digital é garantida pela cópia fotográfica da assinatura subscrita.*

Comentários:

Questão de compreensão. Consulta direta ao texto.

a) assinatura digitalizada distingue-se da assinatura digital por ser esta menos segura e confiável que aquela.

Atenção! Contradição. É o contrário: esta (digital) é mais segura que aquela (digitalizada). Questão incorreta.

b) cópia da assinatura digitalizada torna-se difícil porque ela está subordinada à autenticação da autoria do documento.

Difícil é copiar a assinatura digital, pela presença do algoritmo que invalida a assinatura se houver qualquer alteração no documento. É fácil copiar a assinatura digitalizada. Questão incorreta.

c) assinatura digital serve ao objetivo de preservar a autenticidade de documentos previamente escaneados.

A assinatura digital serve para preservar a autenticidade e a integridade de documentos digitais.

d) alteração de um documento com assinatura digital acarreta a invalidação da assinatura desse documento.

Exato. Essa é a função da assinatura digital.

e) integridade de um documento com assinatura digital é garantida pela cópia fotográfica da assinatura subscrita.

A integridade é garantida pelo algoritmo que invalida a assinatura se houver alguma alteração. Questão incorreta.

Gabarito: letra d.

46. (FCC - Técnico Judiciário-TRT 14ª /Administrativa/2016)

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.
Na enchente, em constante inquietude
vencendo a cada curva um desafio.

Para depois, no decorrer do estio,
com a ribanceira em sua plenitude
toda plantada pelo braço rude
de quem espera o fruto do plantio.

Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o rio se renova
e nós a cada instante envelhecemos.

Por certo ele será sempre criança
e o seu poente um canto de esperança
na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. www.acler.- com.br/?conteudo=artigosmostra&cod =318&autor=6)

> *Percebe-se, no poema, a*
> *a) representação do tempo como algo imutável.*

> *b) caracterização da natureza degradada pelo homem.*
>
> *c) predominância de uma ambientação urbana.*
>
> *d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.*
>
> *e) expressão de um sentimento nostálgico.*

Comentários:

O poema traz sim uma atmosfera nostálgica, pois menciona a saudade da juventude e o envelhecimento, veja:

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.

Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o ***rio se renova***
e nós a cada instante envelhecemos.

Não se poderia dizer que o tempo é tratado como imutável, pois, na metáfora do poema, o rio simboliza o tempo, que "se renova". Gabarito: letra e.

47. (FCC- COPERGÁS- ADMINISTRADOR-2016)

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho:

"Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente."

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, inédito)

> *Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si*
>
> *a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.*
>
> *b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.*
>
> *c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.*

> *d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.*
>
> *e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.*

Comentários:

Ocorre aqui uma intertextualidade (diálogo entre dois textos), por via de uma citação (reprodução literal).

Após fazer a citação do texto de Drauzio Varella, o autor escreve: "Tomo a liberdade de adicionar meu comentário". Seu comentário é uma "adição", um "complemento", inspirado (motivado) pelo texto citado. As partes são independentes e uma não decorre da outra, mas há uma relação de continuação, de adendo, de concordância, de complementaridade.

Observamos que o autor se utiliza de uma técnica consagrada de desenvolvimento do parágrafo introdutório: a citação. Sugere-se a opinião de alguém relevante, como fonte de inspiração à opinião (em comum) que vem a seguir.

Gabarito: letra d.

48. (FCC- ELETROBRÁS- TÉCNICO EM SEGURANÇA- 2016)

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar "sorvete", "livro" ou

"apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-dogoogle.shtml)

> *O autor faz uma crítica*
>
> *a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.*
>
> *b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.*
>
> *c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.*
>
> *d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.*
>
> *e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.*

Comentários:

Essa questão ilustra como conhecer a estrutura argumentativa ajuda a interpretar textos.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis. ***(introdução com declaração inicial)***

*Ou não****? (indagação)*** *Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto* ***(tese: o google embute propaganda comercial nas pesquisas).*** *Se você pesquisar "sorvete", "livro" ou "apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante* ***(vocabulário carregado de significado, modalizador, indica crítica)*** *varejo desses produtos.* ***(exemplo da tese: o google faz propaganda comercial)***

A banca já informou que o autor faz uma crítica. Identificamos pelas "pistas" do texto e pela estrutura que o "problema do google" é ter viés comercial e oferecer produtos a quem só está buscando informações. Gabarito: letra E.

49. (FCC- TRT 14ª REGIÃO- RO E AC- 2016)

Era uma vez...

As crianças de hoje parecem nascer já familiarizadas com todas as engenhocas eletrônicas que estarão no centro de suas vidas. Jogos, internet, e-mails, músicas, textos, fotos, tudo está à disposição à qualquer hora do dia e da noite, ao alcance dos

dedos. Era de se esperar que um velho recurso para se entreter e ensinar crianças como adultos – contar histórias – estivesse vencido, morto e enterrado. Ledo engano. Não é incomum que meninos abandonem subitamente sua conexão digital para ouvirem da viva voz de alguém uma história anunciada pela vetusta entrada do "Era uma vez...".

Nas narrativas orais – talvez o mais antigo e proveitoso deleite da nossa civilização – a presença do narrador faz toda a diferença. As inflexões da voz, os gestos, os trejeitos faciais, os silêncios estratégicos, o ritmo das palavras – tudo é vivo, sensível e vibrante. A conexão se estabelece diretamente entre pessoas de carne e osso, a situação é única e os momentos decorrem em tempo real e bem marcado. O ouvinte sente que o narrador se interessa por sua escuta, o narrador sabe-se valorizado pela atenção de quem o ouve, a narrativa os une como num caloroso laço de vozes e de palavras.

As histórias clássicas ganham novo sabor a cada modo de contar, na arte de cada intérprete. Não é isso, também, o que se busca num teatro? Nas narrações, as palavras suscitam imagens íntimas em quem as ouve, e esse ouvinte pode, se quiser, interromper o narrador para esclarecer um detalhe, emitir um juízo ou simplesmente uma interjeição. Havendo vários ouvintes, forma-se uma roda viva, uma cadeia de atenções que dá ainda mais corpo à história narrada. Nesses momentos, é como se o fogo das nossas primitivas cavernas se acendesse, para que em volta dele todos comungássemos o encanto e a magia que está em contar e ouvir histórias. Na época da informática, a voz milenar dos narradores parece se fazer atual e eterna.

(Demócrito Serapião, inédito)

O recurso da progressão de elementos com o fito de dar força a um argumento é utilizado pelo autor no interior mesmo do seguinte segmento:

a) As crianças de hoje parecem nascer já familiarizadas com todas as engenhocas eletrônicas que estarão no centro de suas vidas. (1º parágrafo)

b) A conexão se estabelece diretamente entre pessoas de carne e osso, a situação é única e os momentos decorrem em tempo real e bem marcado. (2º parágrafo)

c) O ouvinte sente que o narrador se interessa por sua escuta (...). (2º parágrafo)

d) Nas narrações, as palavras suscitam imagens íntimas em quem as ouve (...). (3º parágrafo)

e) Nesses momentos, é como se o fogo das nossas primitivas cavernas se acendesse, para que em volta dele todos comungássemos o encanto (...). (3º parágrafo)

Comentários:

Essa é uma questão que deve ser resolvida pelo bom senso, não há grandes teorias por trás dela. Sabemos que a progressão é o "fio condutor de um texto". O texto "caminha" na sucessão de informação nova com informação que já foi mencionada no texto, ou seja, vai progredindo nesse movimento novo-velho.

O autor usa uma sequência de argumentos para defender que a arte de contar histórias "à moda antiga", oralmente numa roda, ainda tem sua magia nesse mundo de tecnologia.

Observe a progressão: 1) A conexão se estabelece diretamente entre pessoas de carne e osso 2) a situação é única 3) e os momentos decorrem em tempo real e bem marcado.

Agora observe os elementos argumentativos anteriores que estão sendo retomados:

1) A conexão se estabelece diretamente entre pessoas de carne e osso (*__presença do narrador__ faz toda a diferença)* 2) a situação é única (*As inflexões da voz, os gestos, os trejeitos faciais, os silêncios estratégicos)* 3) e os momentos decorrem em tempo real e bem marcado (*__ritmo__ das palavras)*.

Por fim, para "matar" essa questão mais facilmente, bastava procurar a opção em que há uma progressão (sequência: a, b e c). A única que traz essa estrutura sequenciada é a letra B.

50. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo** – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

> *Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que Medo da eternidade é uma crônica na medida em que se trata*
>
> *a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.*
>
> *b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.*
>
> *c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.*
>
> *d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.*
>
> *e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.*

Comentários:

Uma questão dessas pode tranquilamente fazer parte uma prova de Auditor ou de Analista de Tribunal. Não perca tempo julgando cada uma das opções, busque logo a resposta que responde estritamente ao enunciado.

Se você leu o enunciado com calma, deve ter sublinhado: *pode-se assegurar que Medo da eternidade é uma crônica na medida em que se trata...*

Traduzindo: **o texto é uma crônica porque uma crônica trata de...**

Como vimos, a crônica traz reflexões (visão subjetiva) sobre acontecimentos do dia a dia (cotidiano imediato), com uma linguagem pessoal, informal, para aproximar o leitor (interessar a todos). Se aparecer "crônica" no enunciado, pode procurar "cotidiano" entre as opções, essa é a palavra chave. Gabarito: letra b.

51. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

A maioria dos países da América Latina, incluindo o Brasil, só começou a montar seu sistema escolar quando em muitas outras nações do mundo já existiam universidades bem estruturadas e de qualidade. Mesmo assim, era um privilégio para poucos. Apenas nos anos 1970 e 1980 começou na América Latina a discussão sobre a educação ser um direito de todos. Mas claramente ainda nos falta a percepção moderna de que esse é um fator estratégico para o avanço. Se buscamos uma sociedade ancorada no conhecimento, tudo, absolutamente tudo, deve se voltar para a escola.

(TORO, Bernardo. Veja, 18 nov. 2015, p.17)

> *Em relação aos modos de organização textual, esse texto apresenta, em sequência, a*
>
> *a) descrição e a narração observadas na recuperação histórica de fatos, em formas verbais do pretérito; a argumentação, apoiada em argumentos de autoridade, em formas verbais do presente.*
>
> *b) descrição de acontecimentos do passado, por meio de relato histórico, em formas verbais do presente; a narração, responsável pela apreciação do autor, em formas verbais do pretérito.*
>
> *c) narração, em formas verbais do pretérito, fundamentada na descrição de acontecimentos históricos, situados no tempo presente.*
>
> *d) argumentação, no pretérito, sobre acontecimentos históricos; a descrição e a narração de argumentos e de pontos de vista, em formas verbais do presente.*
>
> *e) narração de fatos historicamente situados, em formas verbais do pretérito; a argumentação, observada nas opiniões emitidas em formas verbais do presente.*

Comentários:

Temos aqui uma questão de técnicas de desenvolvimento de parágrafo, disfarçada em prova de interpretação. O enunciado pede uma "sequência", indicando que há duas partes, uma após a outra.

Vamos jogar uma lupa no texto e procurar os tempos verbais utilizados, como indício do tipo de texto.

A maioria dos países da América Latina, incluindo o Brasil, só ***começou (pretérito perfeito)*** *a montar seu sistema escolar quando em muitas outras nações do mundo já* ***existiam (pretérito imperfeito)*** *universidades bem estruturadas e de qualidade. Mesmo assim,* ***era (pretérito imperfeito)*** *um privilégio para poucos. Apenas nos anos 1970 e 1980* ***começou (pretérito perfeito)*** *na América Latina a discussão sobre a educação ser um direito de todos.* **/** ***Mas (conector adversativo. Indica que o que vem após dele é o mais importante)*** *claramente ainda nos* ***falta (presente)*** *a percepção moderna de que esse* ***é (presente)*** *um fator estratégico para o avanço. Se*

buscamos (presente) *uma sociedade ancorada no conhecimento, tudo, absolutamente tudo,* ***deve se voltar (presente)*** *para a escola.*

O parágrafo se utiliza de uma alusão histórica para traçar um paralelo entre o passado e o presente e **sustentar a tese (argumentar)** de que essa realidade não mudou: ainda hoje a sociedade não percebeu que "esse é um fator estratégico para o avanço".

Dessa forma, temos uma narração, com seus verbos característicos no passado; em seguida, temos uma argumentaçao, com verbos no presente, sustentada pela alusão histórica. Gabarito: letra E.

52. (FCC- TRT 15ª- Analista Judiciário- 2016)

Eu pertenço a uma família de profetas après coup, post factum, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.*

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (coup du milieu, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:
-Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...
-Oh! meu senhô! fico.
-...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...
-Artura não qué dizê nada, não, senhô...
-Pequeno ordenado, repito, uns seis mil réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha. Justamente. Pois seis mil réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre. [...]

*Literalmente, "depois do golpe", "depois do fato". (Adaptado de: ASSIS, Machado de. "Bons dias!", Gazeta de Notícias, 19 de maio de 1888)

> *Com recurso à subordinação das orações, o 5º e o 6º parágrafos estão reescritos corretamente em:*
>
> *a) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza, que és livre, podes ir para onde quiseres, além de que aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...*
>
> *b) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe, com rara franqueza, que era livre e podia ir para onde quisesse; que aqui, no entanto, tinha casa amiga, já conhecida, além de ter mais um ordenado, um ordenado que...*
>
> *c) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza: Tu és livre; por isso, podes ir para onde quiseres, ao passo que aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...*
>
> *d) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe, com rara franqueza, que seria livre, poderia ir para onde queria, mas que aqui teria casa amiga, já conhecida, além de ter mais um ordenado, um ordenado que...*
>
> *e) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza, que fosse livre e pudesse ir para onde quisesse; aqui, no entanto, teria casa amiga, já conhecida, com que teria mais um ordenado, um ordenado que...*

Comentários:

Quem estudou a teoria logo percebeu que a banca quer a passagem de um discurso direto (reprodução literal, dito em primeira pessoa) para o discurso indireto (recontado, reproduzido em terceira pessoa). A dita "subordinação" entre os parágrafos ocorre pela presença da conjunção subordinativa integrante "**que**" no discurso indireto, por exemplo:

Discurso direto:

Maria disse:

— Quero almoçar *sushi* hoje.

João respondeu:

— Prefiro churrasco.

A passagem para o discurso indireto seria assim:

Maria disse que queria almoçar *sushi* naquele dia. (oração subordinada com função de objeto direto> quem diz, diz algo>disse [isto])

João respondeu que preferia churrasco. (oração subordinada com função de objeto direto> quem diz, diz algo>disse [isto])

Agora que você já entendeu o que de fato a questão está pedindo, vamos aplicar a mesma técnica ao 5º e 6º parágrafos.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

– Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que... ***(fala literal, discurso direto)***

A passagem para o discurso indireto (subordinação) ficaria:

b) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe, com rara franqueza, ***que (conjunção "que") era (3ª pessoa)*** livre e podia ir para onde quisesse (3ª pessoa); que aqui, no entanto, ***tinha (3ª pessoa)*** casa amiga, já conhecida, além de ***ter (3ª pessoa)*** mais um ordenado, um ordenado que...

As outras opções misturam o discurso literal com o indireto ou trazem correlações de tempo verbal sem sentido...

a) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza, ~~que és livre~~, (manteve o discurso direto) ...

c) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza: Tu és livre (manteve o discurso direto)

d) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe, com rara franqueza, que ~~seria~~ (era) livre, ~~poderia~~ (podia) ir para onde ~~queria~~ (quisesse)...

e) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza, que ~~fosse~~ (era) livre e ~~pudesse~~ (podia) ir para onde quisesse...

Gabarito: letra b.

53. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

As enchentes de minha infância

Rubem Braga

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.

Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

(BRAGA, Rubem. As enchentes de minha infância. In: Ai de ti, Copacabana. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962, p. 157)

> *Há a presença do discurso indireto em:*
>
> *a) Eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.*
>
> *b) Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.*
>
> *c) Então vinham todos dormir em nossa casa.*
>
> *d) Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite!*
>
> *e) Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.*

Comentários:

O discurso indireto se caracteriza pela reprodução das falas das personagens, em terceira pessoa, com auxílio de verbos *dicendi (dizer, responder, perguntar, retrucar),* pela subordinação, por meio da conjunção integrante "que".

a) Eu invejava ***(primeira pessoa)*** os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.

b) Quando começavam as chuvas a gente ***(primeira pessoa; equivale a "nós")*** ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.

c) Então vinham todos dormir em nossa (primeira pessoa; equivale a "nós") casa.

d) Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! ***(o verbo parecer tem como sujeito a oração que vem depois dele; porém, podemos perceber o autor falar em primeira pessoa, se incluindo nas ações. Além disso, o ponto de exclamação denuncia o discurso direto, que se caracteriza por essa pontuação, para expressar a emoção da fala). No discurso indireto, o verbo é que iria expressar a emoção daquela fala (falou, gritou, sussurrou, esbravejou, confessou, admitiu...)***

e) Às vezes chegava alguém ***(terceira pessoa)*** a cavalo, dizia ***(ele: terceira pessoa)*** que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.

Gabarito: letra E.

54. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

De cima, a água laranja do Rio Doce parece estática. A lama de rejeitos se move a cerca de 1,2 quilômetro por hora desde o dia 5, quando aconteceu a tragédia, e vai percorrer toda a calha de 853 quilômetros entre o município de Rio Doce, em Minas, até Regência, vila do município de Linhares, no Espírito Santo, onde encontra o Oceano Atlântico. A expectativa é que a onda atinja o oceano neste fim de semana, levando mais problemas de abastecimento a cidades capixabas.

(CASTRO, Fábio de; RIBEIRO, Bruno; CARVALHO, Marco Antônio. Enxurrada de lama tira vida dos ecossistemas. O Estado de S. Paulo, 15 nov. 2015, p. A25)

> *Segundo a classificação de tópico frasal e de desenvolvimento de parágrafo proposta por GARCIA, em Comunicação em Prosa Moderna (2002), a construção desse parágrafo dá-se, respectivamente, por*

a) alusão histórica – confronto.

b) omissão de dados identificadores – analogia.

c) declaração inicial – descrição de detalhes.

d) definição – razão e consequência.

e) divisão – citação de exemplos.

Comentários:

O tópico frasal geralmente aparece no início. O parágrafo se introduz pela declaração de um fato: *De cima, a água laranja do Rio Doce parece estática.*

Logo em seguida, para desenvolver esse tópico, são descritos os detalhes: *A lama de rejeitos se move a cerca de 1,2 quilômetro por hora desde o dia 5, quando aconteceu a tragédia, e vai percorrer toda a calha de 853 quilômetros entre o município de Rio Doce, em Minas, até Regência, vila do município de Linhares, no Espírito Santo, onde encontra o Oceano Atlântico.*

Sem a teoria, a questão se torna fácil. Porém, também era possível resolver por eliminação, não há referência a fatos históricos. Não poderia haver divisão, pois o tópico só tem um assunto; nem poderia ser definição, pois dizer que "a água parece estática" não é apresentar nenhum conceito. Os dados não são omitidos, são apresentados explicitamente: *A lama de rejeitos se move a cerca de 1,2 quilômetro por hora desde o dia 5.*

Gabarito: letra c.

55. (FCC- TRE RR- Técnico- 2015)

É indiscutível que no mundo contemporâneo o ambiente do futebol é dos mais intensos do ponto de vista psicológico. Nos estádios a concentração é total. Vive-se ali situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real. O que varia conforme o indivíduo considerado é a passagem de uma condição a outra. Passagem rápida no caso do torcedor, cuja regressão psíquica do lúdico dura algumas horas e funciona como escape para as pressões do cotidiano. Passagem lenta no caso do futebolista profissional, que vive quinze ou vinte anos em ambiente de fantasia, que geralmente torna difícil a inserção na realidade global quando termina a carreira. A solução para muitos é a reconversão em técnico, que os mantém sob holofote. ***Lothar Matthäus, por exemplo, recordista de partidas em Copas do Mundo, com a seleção alemã, Ballon d'Or de 1990, tornou-se técnico porque "na verdade, para mim, o futebol é mais importante do que a família". [...]***

Sendo esporte coletivo, o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas, porém calcadas, pelo menos em parte, nas individualidades que o compõem. O jogo é coletivo, como a vida social, porém num e noutra a atuação de um só indivíduo pode repercutir sobre o todo. Como em qualquer sociedade, na do futebol vive-se o tempo inteiro em equilíbrio precário entre o indivíduo e o grupo. O jogador busca o sucesso pessoal, para o qual depende em grande parte dos companheiros; há um sentimento de equipe, que depende das qualidades pessoais de seus membros. O torcedor lúcido busca o prazer do jogo preservando sua individualidade; todavia, a própria condição de torcedor acaba por diluí-lo na massa.

(JÚNIOR, Hilário Franco. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.

São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 303-304, com adaptações)

*Ballon d'Or 1990 - prêmio de melhor jogador do ano

> *Julgue o item:*
>
> *A referência ao jogador da seleção alemã constitui, no texto, exemplo que comprova a afirmativa sustentada pelo autor, quanto às dificuldades de readaptação de um jogador à realidade, depois de viver certo tempo em constante evidência, em situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real.*

Comentários:

Em suma, o autor faz uma declaração inicial de que o jogador de futebol vive" *situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real".*

Em seguida, afirma que é lenta a passagem do mundo lúdico do espetáculo para o mundo real: *"Passagem lenta no caso do futebolista profissional, que vive quinze ou vinte anos em ambiente de fantasia, que geralmente torna difícil a inserção na realidade global quando termina a carreira."*

Sua tese é que fazer essa transição para o real ao final da carreira é tão difícil que alguns jogadores se tornam técnicos para se manterem em evidência. Para sustentar essa tese, usa o recurso do exemplo e menciona o jogador alemão ***Lothar Matthäus.*** Questão correta.

56. (FCC- TRT MA- Oficial de Justiça Avaliador- 2015)

Leia com atenção o verbete abaixo, transcrito do Dicionário de comunicação, e as assertivas que o seguem.

Responsabilidade social

• (mk,rp) Adoção, por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis, por meio de valores e exemplos que influenciam os diversos segmentos das comunidades impactadas por essas ações. O conceito de responsabilidade social fundamenta-se no compromisso de uma organização dentro de um ecossistema, onde sua participação é muito maior do que gerar empregos, impostos e lucros. Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente de forma absolutamente responsável e ética, inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social. Do ponto de vista mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos ligados à empresa: consumidores, empregados, fornecedores, redes de venda e distribuição, acionistas e coletividade. Do ponto de vista ético, a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade, melhorar a qualidade de vida, modificar atitudes e comportamentos através da educação e da cultura, conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade, gerar uma consciência nacional para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja, promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida. Diz-se tb. responsabilidade social corporativa ou RSC. V. ecossistema social, ética corporativa, empresa cidadã e marketing social.

(BARBOSA, Gustavo e RABAÇA, Carlos Alberto. 2.ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001 - 10a reimpressão, p. 639-40)

> *O verbete transcrito, considerado até a qualidade de vida, organiza-se na sequência dos itens apresentados abaixo:*
>
> *a) conceito; detalhamento do conceito (fundamento; objetivos fundamental e específicos da adoção citada).*
>
> *b) conceito amplo; conceito restrito; objetivos da política; detalhamento de distintos pontos de vista sobre o conceito.*
>
> *c) sinonímia da expressão; fundamento remoto da prática institucional; objetivos imediatos da prática, em distintos setores (mercadológico e ético).*
>
> *d) descrição minuciosa dos componentes da prática organizacional socialmente responsável; objetivos básico, mercadológico, ético.*
>
> *e) explicitação do conceito sob o ponto de vista do marketing e das relações públicas; fundamento dessas áreas; objetivos da política empresarial nessas distintas áreas; ganhos sociais propiciados pela prática eficiente.*

Comentários:

Pessoal, a questão é fácil se o aluno não ficar desconfiado da facilidade e de a alternativa correta ser logo a primeira. Veja como as partes são perfeitamente correspondentes.

Responsabilidade social ***(conceito)***

Adoção, por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis, por meio de valores e exemplos que influenciam os diversos segmentos das comunidades impactadas por essas ações. O conceito de responsabilidade social fundamenta-se no compromisso de uma organização dentro de um ecossistema, onde sua participação é muito maior do que gerar empregos, impostos e lucros ***(fundamento)****. Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente de forma absolutamente responsável e ética, inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social* ***(objetivo fundamental)****. Do ponto de vista mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos ligados à empresa: consumidores, empregados, fornecedores, redes de venda e distribuição, acionistas e coletividade* ***(objetivo específico 1)****. Do ponto de vista ético, a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade, melhorar a qualidade de vida, modificar atitudes e comportamentos através da educação e da cultura, conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade, gerar uma consciência nacional para integrar desenvolvimento e conservação* ***(objetivo específico 2)****, ou seja, promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida* ***(objetivo específico 2, em outras palavras)****.*

Gabarito: letra A.

57. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Atenção: Para responder à questão, considere o trecho abaixo transcrito.

Como costumo dizer, estou a cada momento descobrindo o óbvio. É que, às vezes, o óbvio, por ser óbvio, esconde o mistério, ou, pelo menos, é o que me parece.

Uma das coisas óbvias que descobri é que muito troço na vida resulta, em boa parte, do acaso.
Sei que há pessoas que pensam o contrário, pois acreditam que tudo o que acontece já estava determinado. Acho isso difícil, quando mais não seja porque, sem falar no resto, só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões. Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?
Bem, não vou discutir esse tema porque não é ele que me traz a essa conversa com você. Acho fascinante – ainda que um tanto assustador – o fato de que o que pode nos acontecer seja imprevisível. Faz da vida uma aventura, e o jeito é torcer por um "happy end".
Mas o melhor mesmo é não se preocupar com isso e deixar o barco correr solto. Isso não significa não tentar fazer com que tudo dê certo, ou seja, que busquemos o melhor, a felicidade, a alegria.

É como no futebol: a função do técnico é treinar o time para que faça mais gols do que leve. Assim na vida como no jogo.

(GULLAR, Ferreira Necessidade. Folha de S.Paulo, E10, ilustrada, domingo, 30/11/2014)

> *As principais ideias do trecho de Ferreira Gullar (FG) estão selecionadas e apresentadas de forma clara e fiel na seguinte formulação:*
>
> *a) FG discorre sobre o tema do fatalismo, ressaltando o fascínio da vida pelo que nela há de assustador, mas advoga que quem vive não deve se preocupar com isso, mas em imitar o jogo: vence aquele que faz mais gols, não o que leva mais gols, contrariamente ao que pensam certas pessoas fatalistas.*
>
> *b) FG assevera que é inerente ao óbvio esconder mistérios, e, por isso, ele frequentemente busca desvendá-lo; numa dessas incursões, descobriu que a maioria das pessoas acredita que, na vida, tudo está previamente determinado, ideia que ele rejeita por levar em conta a quantidade de gente do planeta.*
>
> *c) Lançando a ideia de que o óbvio deve ser cultivado, pelo seu caráter misterioso, FG acha difícil, pela indagação feita, que as coisas se deem por forças superiores, principalmente por acreditar que a vida tem muito de um jogo: ganha o que está mais bem treinado para vencer os obstáculos da existência.*
>
> *d) Contrariamente a certas pessoas que não acreditam no acaso, FG crê que muito do que ocorre na vida seja fruto do imprevisível, e isso, a despeito do seu quê de assustador, o fascina, pois, segundo ele, faz da vida uma ventura, com a qual não devemos nos preocupar, ainda que nos esforcemos para que nela tudo dê certo.*
>
> *e) O fato de haver muitas pessoas que acreditam em forças superiores guiando a vida é contrário ao que pensa FG, pois ele opina a favor do acaso, imerso no mistério, cuja busca empreende costumeiramente; mesmo não querendo discutir o tema, que foge a seu escopo, acha fascinante torcer por um "happy end".*

Comentários:

Vamos encarar uma clássica questão de interpretação da FCC. Temos que pensar qual é a principal ideia defendida no texto, com que argumentos ela está sendo sustentada e procurar, entre as opções, uma paráfrase, ou seja, uma reescritura equivalente, mas com outras palavras.

Ao ler o texto, devemos destacar:

1) FG defende que muito do que ocorre na vida decorre do acaso:

"Uma das coisas óbvias que descobri é que muito troço na vida resulta, em boa parte, do acaso."

2) Há pessoas que acreditam que tudo o que ocorre já estava determinado, mas FG é contrário a essa opinião, pois acha difícil prever e determinar o destino de muitos bilhões de pessoas que existem.

"Sei que há pessoas que pensam o contrário, pois acreditam que tudo o que acontece já estava determinado. Acho isso difícil, quando mais não seja porque, sem falar no resto, só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões. Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?"

3) A vida é uma aventura porque o destino é imprevisível. Por essa razão, é melhor não se preocupar tanto. Porém, deve-se tentar fazer com que tudo dê certo e torcer para um final feliz.

"Isso não significa não tentar fazer com que tudo dê certo, ou seja, que busquemos o melhor, a felicidade, a alegria.

É como no futebol: a função do técnico é treinar o time para que faça mais gols do que leve. Assim na vida como no jogo."

Pronto! Mapeamos as principais informações do texto. Vamos procurar a paráfrase mais próxima dessas ideias.

d) Contrariamente a certas pessoas que não acreditam no acaso**(2)**, FG crê que muito do que ocorre na vida seja fruto do imprevisível**(1)**, e isso, a despeito do seu quê de assustador, o fascina, pois, segundo ele, faz da vida uma aventura**(3)**, com a qual não devemos nos preocupar, ainda que nos esforcemos para que nela tudo dê certo.

A opção acima traz a reescritura das ideias destacadas, é o nosso gabarito.

Vejamos as outras.

Fatalismo: doutrina segundo a qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino

a) ...advoga que quem vive não deve se preocupar com isso, mas em imitar o jogo: vence aquele que faz mais gols, não o que leva mais gols, contrariamente ao que pensam certas pessoas fatalistas.

Extrapolação: as pessoas fatalistas são as que acreditam que tudo está pré-determinado. Não foi dito que elas acreditam que na vida vence quem faz mais gols nem que os fatalistas acreditam nisso. Questão incorreta.

b) FG assevera que é inerente ao óbvio esconder mistérios, e, por isso, ele frequentemente busca desvendá-lo; numa dessas incursões, descobriu que a maioria das pessoas acredita que, na vida, tudo está previamente determinado, ideia que ele rejeita por levar em conta a quantidade de gente do planeta.

Extrapolação: Não disse que é "inerente" ao óbvio esconder mistérios. Disse que:" às vezes, o óbvio, por ser óbvio, esconde o mistério". Também acrescentou que "a maioria das pessoas acredita...". O texto apenas diz que "há pessoas que pensam o contrário (que a vida não é decorrente do acaso). Não falou quantas são, nem que eram maioria. Questão incorreta.

c) Lançando a ideia de que o óbvio deve ser cultivado, pelo seu caráter misterioso...

Em nenhum momento isso foi dito, o examinador acrescentou uma opinião dele, opinião esta que não estava no texto. Questão incorreta.

e) ...mesmo não querendo discutir o tema, que foge a seu escopo, acha fascinante torcer por um "happy end".

Contradição: o autor não deseja discutir a "determinação ou não do destino pelo acaso"; mas deseja justamente aconselhar que se busque um "happy end". O que ele acha fascinante é a "imprevisibilidade da vida", não acha fascinante "torcer" por um "happy end". O Texto diz A, a assertiva diz: não A. Questão incorreta.

58. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Ainda sobre o texto acima:

> *Fraseologia*
>
> **substantivo feminino*
>
> *3. Rubrica: gramática, lexicologia, linguística. Frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geralmente não é literal; frase feita, expressão idiomática.*
>
> *Sob esse parâmetro, é correto considerar como exemplo de fraseologia o que se tem na alternativa:*
>
> *a) Como costumo dizer.*
>
> *b) muito troço na vida resulta.*
>
> *c) deixar o barco correr solto.*
>
> *d) só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões.*
>
> *e) Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer?*

Comentários:

Questão simples: entre as opções, qual traz uma *expressão cristalizada, de sentido não literal, uma expressão idiomática*?

A expressão "deixar o barco correr solto" é figurativa, conotativa, metafórica. Não fala de um barco real, mas sim de um barco figurado, que segue um caminho figurado, numa metáfora em que a água é a vida. Gabarito: letra C.

59. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

> ..."Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?"
>
> *Transposta a frase Já imaginou ... a cada minuto?, em seu contexto, para o discurso indireto, tem-se a forma "FG indagou se o leitor já teria imaginado o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com aquela quantidade de gente a cada minuto".*

Comentários:

O discurso direto é escrito em primeira pessoa (eu, nós), é marcado por uma pontuação específica, com travessões, exclamações, interrogações, porque reproduz literalmente uma fala. Já o indireto é o relato de uma fala, recontado, reportado em terceira pessoa.

No discurso direto, FG faz uma pergunta. No indireto, essa pergunta é reproduzida indiretamente por via de verbos declarativos (perguntar, indagar, questionar). Assim sendo, a pergunta direta "já imaginou o que seria?" se tornou uma interrogação indireta "indagou se já teria imaginado". Ao reproduzir a fala no discurso indireto, o autor usou o futuro do pretérito, pois esse tempo exprime um processo posterior a um processo passado, significando probabilidade, hipótese. A pergunta ocorreu depois de ele ter imaginado ou não o que seria prever o destino de todas as pessoas mencionadas. Questão correta.

60. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável

competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções:Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

> *É legítima a seguinte afirmação:*
>
> *a) A argumentação desenvolvida no trecho transcrito evidencia que o relativo desconhecimento dos fenômenos geológicos no século XVIII foi responsável pela compreensão generalizada de que o mundo, nessa época, era bastante menor.*
>
> *b) A exploração da superfície dos oceanos não atingiu relevância no século XVIII porque o conhecimento dos mares não tinha, à época, aplicabilidade prática.*
>
> *c) As informações sobre o mundo obtidas na década de 1780 são de pouca utilidade para estudos contemporâneos, a não ser aquelas produzidas por cientistas e viajantes notáveis, como Humboldt e Cook.*
>
> *d) Os contornos do mundo, na década de 1780, quer em escala menor, quer em maior, não eram acessíveis ao cidadão comum, como os camponeses, sobretudo os não alfabetizados.*
>
> *e) Dado o recorte feito no texto original, o leitor não tem acesso, no trecho transcrito, a argumentação que embase a ideia de que a contradição manifesta na primeira frase seja aparente.*

Comentários:

Em resumo, o texto afirma que o mundo era menor "geograficamente" porque não havia muita informação precisa sobre várias partes do planeta, como a superfície dos oceanos, o fundo do mar, o curso dos rios, as cadeias das montanhas de vários continentes; ou seja, grande parte do globo ainda não era conhecida ou detalhadamente reportada. Se não fosse pela contribuição de

viajantes ou funcionários em postos remotos, que forneciam informações descuidadas, de segunda ou terceira mão, os espaços em branco seriam ainda maiores.

O autor afirma inicialmente que o mundo era maior (por um aspecto) e menor (por outro aspecto). Porém, o trecho recortado pela banca só aborda o aspecto de que o mundo era menor "geograficamente". Fica faltando o restante, onde se falaria de um aspecto pelo qual o mundo seria "maior". Por esse motivo, o gabarito é a letra E.

Vamos às outras.

a) A argumentação desenvolvida no trecho transcrito evidencia que o relativo desconhecimento dos fenômenos geológicos no século XVIII foi responsável pela ~~compreensão generalizada~~ de que o mundo, nessa época, era bastante menor.

Extrapolação: Não se menciona em nenhum momento "fenômenos geológicos" e "compreensão" generalizada. Na verdade, sustenta que o mundo era "menor" porque não se conhecia precisamente a geografia de vários pontos do planeta.

b) A exploração da superfície dos oceanos não atingiu relevância no século XVIII porque o conhecimento dos mares não tinha, à época, aplicabilidade prática.

Contradição: a maior parte da superfície dos oceanos já tinha sido explorada e mapeada graças a competência dos navegadores do século XVIII.

c) As informações sobre o mundo obtidas na década de 1780 são de pouca utilidade para estudos contemporâneos, a não ser aquelas produzidas por cientistas e viajantes notáveis, como Humboldt e Cook.

Contradição: Pelo contrário, o que se sabe sobre o mundo dessa época é a contribuição não só desses viajantes notáveis, mas também de viajantes e de outros funcionários de pontos longínquos que registravam "informações descuidadas" de segunda ou terceira mão.

d) Os contornos do mundo, na década de 1780, quer em escala menor, quer em maior, não eram acessíveis ao cidadão comum, como os camponeses, sobretudo os não alfabetizados.

Extrapolação: Não se falou dos camponeses analfabetos. A única referência a escolaridade foi ao dizer que mesmo homens bem instruídos não conheciam muitas partes do mundo. Questão incorreta.

Dito isso, o gabarito é a letra E.

61. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Compreende-se corretamente do texto:

a) Os padrões modernos de mapeamento de um território tornam inadmissível considerar que no século XVIII os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos.

b) É incontestável o fato de que, no século XVIII, os caçadores, comerciantes e andarilhos conheciam o curso dos grandes rios das regiões por onde costumeiramente circulavam, excetuando-se os da China e da Índia.

c) Muito do que se sabe sobre o mapa do mundo no século XVIII se deve ao registro, em locais longínquos, de notícias informais, por meio das quais se passavam adiante informações ouvidas de outros.

d) O mapa do mundo, no século XVIII, era esboçado por linhas que definiam os caminhos a serem trilhados por negociantes e exploradores, esboço que se diferenciava do delineamento preciso de poucas áreas litorâneas dos continentes.

e) A variação que se constata na precisão com que eram medidos o tamanho e a altura das montanhas dos distintos continentes deve ser atribuída à distinta prática dos habitantes locais no que se refere a esse tipo de mapeamento, prática que chegava, por exemplo, na África, a ser totalmente desconhecida.

Comentários:

Questão de "compreensão". A resposta tende a estar explícita em alguma parte do texto, temos que buscar essa paráfrase.

Em resumo, o texto afirma que o mundo na década de 1780 era menor "geograficamente" (1) porque não havia muita informação precisa sobre várias partes do planeta, como a superfície dos oceanos, o fundo do mar, o curso dos rios, as cadeias das montanhas de vários continentes; ou seja, (2) grande parte do globo ainda não era conhecida ou detalhadamente reportada. (3) Se não fosse pela contribuição de viajantes ou funcionários em postos remotos, que forneciam informações descuidadas, de segunda ou terceira mão, os espaços em branco seriam ainda maiores.

A reescritura dessas informações básicas está na letra a: c) Muito do que se sabe sobre o mapa do mundo no século XVIII ***(década de 1780)*** *se deve ao registro, em locais longínquos* ***(postos remotos)****, de notícias informais, por meio das quais se passavam adiante informações ouvidas de outros.* ***(informações descuidadas de segunda ou terceira mão)***

Letra c correta.

a) Os padrões modernos de mapeamento de um território tornam inadmissível considerar que no século XVIII os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos.

Extrapolação: Não se fala em padrões modernos de mapeamento nem do que são capazes de tomar como "inadmissível". Apenas se mencionou que o mapeamento antigo não era preciso em certos aspectos.

b) É incontestável o fato de que, no século XVIII, os caçadores, comerciantes e andarilhos conheciam o curso dos grandes rios das regiões por onde costumeiramente circulavam, excetuando-se os da China e da Índia.

Incontestável é acréscimo de opinião do examinador. O texto traz dúvida sobre isso: *Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que* ***tinham ou podem ter tido conhecimento dos que corriam por suas regiões***

d) O mapa do mundo, no século XVIII, era esboçado por linhas que definiam os caminhos a serem trilhados por negociantes e exploradores, esboço que se diferenciava do delineamento preciso de poucas áreas litorâneas dos continentes.

Contradição: não havia delineamento preciso.

e) A variação que se constata na precisão com que eram medidos o tamanho e a altura das montanhas dos distintos continentes deve ser atribuída à distinta prática dos habitantes locais no que se refere a esse tipo de mapeamento, prática que chegava, por exemplo, na África, a ser totalmente desconhecida.

Extrapolação: em nenhum momento do texto é dito que os habitantes das montanhas tinham práticas distintas de mapeamento.

Contradição: segundo o texto, não eram as técnicas de mapeamento que eram desconhecidas, eram as próprias montanhas: "...*as (cadeias montanhosas) da África (com exceção dos montes Atlas),* ***totalmente desconhecidas*** *para fins práticos*"

Gabarito: letra c.

62. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Observada a organização do texto, é plausível o que se afirma em:

a) (linha 1) O numeral em A primeira coisa a observar é marcador que impõe as seguintes pressuposições: a) há outros fatores a serem observados; b) essa primeira coisa a observar é, como em todos os contextos, a mais relevante.

b) (linha 2) A delimitação operada pelo emprego de geograficamente faz supor a existência de outros critérios, além do geográfico, para se avaliar o tamanho do mundo, por exemplo, o critério demográfico.

c) (linha 3) O emprego da palavra "conhecidos", se devidamente observadas as aspas que a acompanham, define a equivalência semântica entre "o mundo habitado na década de 1780" e "os mundos conhecidos".

d) (linhas 10 a 11) O fato de os segmentos com alguma precisão, muito grosseiramente, quase totalmente desconhecidas e totalmente desconhecidas caracterizarem o mesmo núcleo – O tamanho e a altura das cadeias das montanhas – é que propicia o entendimento de que a série vai do grau mais exato ao menos exato.

> *e) (linha 9) A expressão não muito corretamente suaviza o peso da real avaliação feita pelo autor, que, se estivesse explícita, teria necessariamente a forma "totalmente errada".*

Comentários:

O enunciado "é plausível" sugere uma inferência, pede uma dedução razoável.

a) (linha 1) O numeral em A primeira coisa a observar é marcador que impõe as seguintes pressuposições: a) há outros fatores a serem observados; b) essa primeira coisa a observar é, ~~como em todos os contextos~~, a mais relevante.

Há uma extrapolação: o examinador generaliza ao dizer que o numeral "primeira" indica o fator mais importante em todos os casos. Questão incorreta.

*b) (linha 2) A delimitação operada pelo emprego de **geograficamente** faz supor a existência de outros critérios, além do geográfico, para se avaliar o tamanho do mundo, por exemplo, o critério demográfico.*

Exato. Se foi feita a ressalva de que o mundo era menor do ponto de vista geográfico (geograficamente), essa palavra indica que há outros aspectos a serem considerados. Como se fala do tamanho do mundo, é razoável (plausível) pensar também no aspecto "população", já que essa é uma variável comumente considerada em análises geográficas. Pode abrir o verbete de algum país numa enciclopédia que você vai encontrar variáveis como área, relevo, população... Questão correta.

c) (linha 3) O emprego da palavra "conhecidos", se devidamente observadas as aspas que a acompanham, define a ~~equivalência semântica~~ entre "o mundo habitado na década de 1780" e "os mundos conhecidos".

Contradição: Equivalente é igual. A informação do texto é que "O mundo habitado" é diferente do "mundo conhecido". Questão incorreta.

d) (linhas 10 a 11) O fato de os segmentos com alguma precisão, muito grosseiramente, quase totalmente desconhecidas e totalmente desconhecidas caracterizarem o mesmo núcleo – O tamanho e a altura das cadeias das montanhas – é que propicia o entendimento de que a série vai do grau mais exato ao menos exato.

Extrapolação: não há uma **gradação objetiva** com degraus exatos e ordenados de precisão. O autor apenas varia expressões para dizer que algumas informações eram muito ou pouco precisas. Questão incorreta.

e) (linha 9) A expressão não muito corretamente suaviza o peso da real avaliação feita pelo autor, que, ~~se estivesse explícita~~, teria ~~necessariamente~~ a forma "totalmente errada".

Esse *~~necessariamente~~* também denuncia que a afirmação é muito forte para ser verdadeira. Aqui o examinador está acrescentando opinião à fala do autor, que

não disse em nenhum momento que as informações eram "totalmente erradas"; disse que eram imprecisas.

Gabarito: letra b.

63. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ RJ- 2014)

[Ponderando o julgamento]

As leis não podem deixar de ressentir-se da fraqueza dos homens. Elas são variáveis como eles.

Algumas, nas grandes nações, foram ditadas pelos poderosos com o fim de esmagar os fracos. Eram tão equívocas que mil intérpretes se apressaram a comentá-las; e, como a maioria só fez sua glosa como quem executa um ofício para ganhar algum dinheiro, acabou o comentário sendo mais obscuro que o texto. A lei transformou-se numa faca de dois gumes que degola tanto o inocente quanto o culpado. Assim, o que devia ser a salvaguarda das nações transformou-se tão amiúde em seu flagelo que alguns chegaram a perguntar se a melhor das legislações não consistiria em não se ter nenhuma.

Examinemos a questão. Se vos moverem um processo de que dependa vossa vida, e se de um lado estiverem as compilações de juristas sabidos e prepotentes, e de outro vos apresentarem vinte juízes pouco eruditos mas que, sendo anciãos isentos das paixões que corrompem o coração, estejam acima das necessidades que o aviltam, dizei-me: por quem escolheríeis ser julgados, por aquela turba de palradores orgulhosos, tão interesseiros quanto ininteligíveis, ou pelos vinte ignorantes respeitáveis?

(VOLTAIRE. O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 7-8)

> *O texto permite inferir adequadamente que, para Voltaire, as leis*
>
> *a) elaboradas por anciãos ignorantes demandam o corretivo da sabedoria dos especialistas, quando de sua aplicação num julgamento.*
>
> *b) devem ser permanentemente revistas, para que de forma alguma venham a refletir debilidades ou imperfeições que são próprias dos homens.*
>
> *c) elaboradas por déspotas poderosos trazem consigo a qualidade do que é inflexível, não permitindo aberturas interpretativas.*
>
> *d) refletem a falibilidade humana, podendo ser aplicadas com mais justiça pelos sensatos e experientes do que por arrogantes eruditos.*
>
> *e) costumam ser tão obscuras quanto os comentários explicativos, advindo daí a necessidade de serem elaboradas por doutos especialistas.*

Comentários:

A banca "avisou" que se trata de uma questão de inferência.

Vamos a um resumo básico do que deveria ter sido destacado como ideia principal do texto: As leis são falhas porque são feitas e interpretadas por homens e refletem, então, suas fraquezas.

Isso está na primeira linha, como tópico frasal e tese*: As leis não podem deixar de ressentir-se da fraqueza dos homens. Elas são variáveis como eles.*

A segunda ideia principal, presente no segundo parágrafo, é a de que muitos intérpretes das leis fazem suas interpretações com interesses particulares e que é melhor ser julgado por anciãos leigos, mas isentos de interesse, do que por juristas prepotentes e orgulhosos.

Vamos às opções:

a) elaboradas por anciãos ignorantes demandam o corretivo da sabedoria dos especialistas, quando de sua aplicação num julgamento.

A assertiva contradiz o texto: os especialistas têm interesses que contaminam seu julgamento, ao passo que os anciãos ignorantes são mais isentos para julgar. Além disso, não é dito no texto que as leis são elaboradas por anciãos. Questão incorreta.

b) devem ser permanentemente revistas, para que de forma alguma venham a refletir debilidades ou imperfeições que são próprias dos homens.

O autor incluiu essa opinião para enganar você: embora seja verdade, não foi dito que as leis devem ser revistas. O autor se limita a dizer que elas refletem as falhas humanas e que a sabedoria prepotente dos juristas não é melhor que o julgamento isento e respeitável de anciãos pouco eruditos. Questão incorreta.

c) elaboradas por déspotas poderosos trazem consigo a qualidade do que é inflexível, não permitindo aberturas interpretativas.

Extrapolação: é verdade que, "nas grandes nações, foram ditadas pelos poderosos com o fim de esmagar os fracos"; porém, não é dito que são inflexíveis e muito menos que não permitem interpretação. Pelo contrário, permitem interpretações tão numerosas que acabam por ter sentido obscuro. Questão incorreta.

d) refletem a falibilidade humana, podendo ser aplicadas com mais justiça pelos sensatos e experientes do que por arrogantes eruditos.

Essa é a paráfrase das duas ideias que destacamos como principais no início do comentário. Questão correta.

e) costumam ser tão obscuras quanto os comentários explicativos, advindo daí a necessidade de serem elaboradas por doutos especialistas.

Extrapolação: não é bem isso o que o texto diz. Os excessivos comentários explicativos (glosas), feitos muitas vezes por interesse, acabam deixando os comentários **mais** obscuros que o texto original. Questão incorreta.

Gabarito: letra d.

64. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ RJ- 2014)

Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, o segmento *elas são variáveis* expressa uma causa da qual a expressão fraqueza dos homens constitui o efeito.

II. No segundo parágrafo, considera-se que a multiplicidade de interpretações da lei, acionadas por glosadores interesseiros, acaba por comprometer a implementação da justiça.

III. No terceiro parágrafo, a interrogação final de Voltaire pode ser considerada retórica pois implica uma resposta já encaminhada pela pergunta.

> *Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em*
>
> *a) II e III.*
>
> *b) I e II.*
>
> *c) III.*
>
> *d) II.*
>
> *e) I.*

Comentários:

I) Houve inversão. As leis não podem deixar de ressentir-se da fraqueza dos homens (efeito). Elas são variáveis como eles (causa).

As leis não podem deixar de ressentir-se da fraqueza dos homens **porque** elas são variáveis como eles. Questão incorreta.

II) Correto. As numerosas interpretações motivadas pelo interesse de "ganhar algum dinheiro" retiram a efetividade desses comentários explicativos, pois o comentário se torna mais obscuro que o texto original.

III) Correto. O vocabulário do autor já denuncia que seria preferível ser julgado por anciãos pouco eruditos:

... se de um lado estiverem as compilações de **juristas sabidos e prepotentes**, e de outro vos apresentarem vinte juízes pouco eruditos mas que, sendo anciãos isentos das paixões que corrompem o coração, estejam acima das necessidades que o aviltam, dizei-me: por quem escolheríeis ser julgados, por aquela ***turba de palradores orgulhosos***, ***tão interesseiros quanto ininteligíveis***, ou pelos vinte ignorantes respeitáveis?

Gabarito: letra a.

65. (FCC - Analista Judiciário TRF 3ª /Biblioteconomia/2016)

Os Beatles eram um mecanismo de criação. A força propulsora desse mecanismo era a interação dialética de John Lennon e Paul McCartney. Dialética é diálogo, embate, discussão. Mas também jogo permanente. Adição e contradição. Movimento e síntese. Dois compositores igualmente geniais, mas com inclinações distintas. Dois líderes cheios de ideias e talento. Um levando o outro a permanentemente se superar.

As narrativas mais comuns da trajetória dos Beatles levam a crer que a parceria Lennon e McCartney aconteceu apenas na fase inicial do conjunto. Trata-se de um engano.

Mesmo quando escreviam separados, John e Paul o faziam um para o outro. Pensavam, sentiam e criavam obcecados com a presença (ou ausência) do parceiro e rival.

Lennon era um purista musical, apegado a suas raízes. Quem embarcou na vanguarda musical dos anos 60 foi Paul McCartney, um perfeccionista dado a experimentos e delírios orquestrais. Em contrapartida, sem o olhar crítico de Lennon, sem sua verve, os mais conhecidos padrões de McCartney teriam sofrido perdas poéticas. Lennon sabia reprimir o banal e fomentar o sublime.

Como a dialética é uma via de mão dupla, também o lado suave de Lennon se nutria da presença benfazeja de Paul. Gemas preciosas como Julia têm as impressões digitais do parceiro, embora escritas na mais monástica solidão.

Nietzsche atribui caráter dionisíaco aos impulsos rebeldes, subjetivos, irracionais; forças do transe, que questionam e subvertem a ordem vigente. Em contrapartida, designa como apolíneas as tendências ordenadoras, objetivas, racionais, solares; forças do sonho e da profecia, que promovem e aprimoram o ordenamento do mundo. Ao se unirem, tais forças teriam criado, a seu ver, a mais nobre forma de arte que jamais existiu.

Como criadores, tanto o metódico Paul McCartney como o irrequieto John Lennon expressavam à perfeição a dualidade proposta por Nietzsche. Lennon punha o mundo abaixo; McCartney construía novos monumentos. Lennon abria mentes; McCartney aquecia corações. Lennon trazia vigor e energia; McCartney impunha senso estético e coesão.

Quando os Beatles se separaram, essa magia se rompeu. John e Paul se tornaram compositores com altos e baixos. Fizeram coisas boas. Mas raramente se aproximaram da perfeição alcançada pelo quarteto. Sem a presença instigante de Lennon, Paul começou a patinar em letras anódinas. Não se tornou um compositor ruim. Mas os Beatles faziam melhor.

Ironicamente, o grande disco dos ex-Beatles acabou sendo o álbum triplo em que George Harrison deglutiu os antigos companheiros de banda, abrindo as comportas de sua produção represada durante uma década à sombra de John e Paul. E foi assim, por estranhos caminhos antropofágicos, que a dialética de Lennon e McCartney brilhou pela última vez.

(Adaptado de: DANTAS, Marcelo O. Revista Piauí. Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br/materia/beatles. Acesso em: 20/02/16)

> *É correto depreender do texto:*
>
> *I. O autor apresenta o contraste entre Apolo e Dionísio, estabelecido por Nietzsche, com o propósito de classificar os processos de criação de John Lennon e Paul McCartney à luz de tal teoria, processos que seriam, respectivamente, dionisíaco e apolíneo.*

II. Ao lançar mão do termo "dialética" no último parágrafo, o autor assinala a incongruência da atitude dos Beatles ao se separarem, uma vez que tal separação ocasionou a derrocada da criação musical dos membros da banda.

III. O uso do adjetivo "antropofágicos" (último parágrafo) para caracterizar os caminhos seguidos por George Harrison está relacionado à afirmativa anterior de que o músico teria "deglutido" os antigos companheiros de banda.

Atende ao enunciado o que consta APENAS em

a) I.

b) II e III.

c) I e II.

d) II.

e) I e III.

Comentários

Nesse texto, o autor compara as características antagônicas de Paul e Lennon para comprovar porque a união deles gerou resultados tão grandiosos.

I. O autor apresenta o contraste entre Apolo e Dionísio, estabelecido por Nietzsche, com o propósito de classificar os processos de criação de John Lennon e Paul McCartney à luz de tal teoria, processos que seriam, respectivamente, dionisíaco e apolíneo.

Exato: Lennon está para Dionísio e Paul está para Apolo. Lennon era a subversão e Paul, a ordem. Veja os trechos que fazem esse paralelo:

...atribui caráter dionisíaco aos impulsos ***rebeldes****, subjetivos, irracionais; forças do transe, que questionam e* ***subvertem*** *a ordem vigente*> ***irrequieto*** *John Lennon*> *Lennon* ***punha o mundo abaixo***

X

...designa como apolíneas as ***tendências ordenadoras****, objetivas, racionais, que promovem e aprimoram o ordenamento do mundo* **>** ***metódico*** *Paul McCartney***>** *Paul McCartney, um* ***perfeccionista*****>** *McCartney* ***construía***

II. Ao lançar mão do termo "dialética" no último parágrafo, o autor assinala a incongruência da atitude dos Beatles ao se separarem, uma vez que tal separação ocasionou a derrocada da criação musical dos membros da banda.

Em nenhum momento foi dito que a separação foi uma "incongruência", pode procurar lá rs... Também não foi dito que a separação foi uma "derrocada". O examinador incluiu essa opinião para exagerar os pontos em que se sustenta que

a separação dos dois fez a qualidade do trabalho individual diminuir. Basicamente pegou uma parte verdadeira e acrescentou elementos que não estavam no texto.

Questão incorreta.

III. O uso do adjetivo "antropofágicos" (último parágrafo) para caracterizar os caminhos seguidos por George Harrison está relacionado à afirmativa anterior de que o músico teria "deglutido" os antigos companheiros de banda.

Para acertar essa, era preciso saber que antropofágico significa "aquele que se alimenta de seres humanos". Antropo=homem; fágico=comer. De fato, esse vocabulário está relacionado ao fato de que George Harrison "deglutiu" (mastigou e engoliu) metaforicamente Paul e John (suas características) e essa digestão se refletiu no resultado de sua produção. Por isso, o autor diz que foi pela via antropofágica que a dialética dos compositores brilhou pela última vez. Questão correta.

Gabarito: letra E.

Lista de questões

1. (FGV - TecGes Admin (ALEMA)/Taquígrafo/2013).



> *Com relação aos constituintes linguísticos e gráficos da tira acima, assinale a afirmativa correta.*
>
> *"A tira é um exemplo claro de texto narrativo, já que apresenta um sequência cronológica de ações."*

2. (CESPE - MPU/Segurança Instit. e Transporte/2015)

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2.a Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, 15 vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância

contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito à diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

> *A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item subsequente.*
>
> *Predomina no texto em apreço o tipo textual narrativo.*

3. (FCC - TJ TRT3/Contabilidade/2015)

Atenção: A questão refere-se à crônica que segue.

Dona Doida

Uma vez, quando eu era menina, choveu grosso,
com trovoada e clarões, exatamente como chove agora.
Quando se pôde abrir as janelas,
as poças tremiam com os últimos pingos.
Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema,
decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos.
Fui buscar os chuchus e estou voltando agora,
trinta anos depois. Não encontrei minha mãe.
A mulher que me abriu a porta, riu de dona tão velha,
com sombrinha infantil e coxas à mostra.
Meus filhos me repudiaram envergonhados,
meu marido ficou triste até a morte,
eu fiquei doida no encalço.
Só melhoro quando chove.

(PRADO, Adélia. Poesia Reunida. São Paulo, Siciliano, 1991, p. 108)

> *Na construção do poema, predomina o tipo narrativo, sinalizado por advérbios como agora e quando.*

4. (VUNESP - Ass CT (FUNDACENTRO)/2014)

Leia o texto para responder à questão.

O marido, na cama, foi despertado pelo puxão nervoso e pelas palavras ainda mais nervosas de dona Irene:

– Imagina: me roubaram e me devolveram meu relógio!
– Que relógio?
– Este aqui – e ela estendeu o pulso, esquecida de que o pusera na bolsa, sem tempo e sem calma para atar novamente a pulseira, depois do fato. Abriu a bolsa e exibiu o relógio recuperado.
– Mas você não levou relógio nenhum, filha. Você esqueceu ele na mesinha de cabeceira. Está ali. Quando eu dei fé, corri à janela para avisar, mas não vi mais você.
Sujeito assustado, aquele ladrão! Mais medroso do que a medrosa dona Irene.

(Carlos Drummond de Andrade, As palavras que ninguém diz. Adaptado)

> *A última frase do texto – Sujeito assustado, aquele ladrão! Mais medroso do que a medrosa dona Irene. – corresponde a uma reflexão*
>
> *a) do marido, em relação ao comportamento da mulher.*
>
> *b) do narrador, em relação ao comportamento do ladrão.*
>
> *c) da mulher, em relação ao comportamento do ladrão.*
>
> *d) da mulher, em relação ao seu próprio comportamento.*
>
> *e) do marido, em relação ao comportamento do ladrão.*

5. (MP RS- ASSESSOR – CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS)

O advogado Jairo Adriano de Mello contesta com raciocínio claríssimo colegas que defendem o boicote à fiscalização com base na presunção da inocência e no direito de não produzir prova contra si: – Estão invertendo certas lógicas, e muitos repetem os argumentos como papagaios. Todos são inocentes até que se prove _________ contrário, mas, no momento _________ eu dificulto a prova, sou contra ela, a lógica autoriza a inversão da presunção da inocência. O teste do bafômetro não é prova contra mim. É a possibilidade que me é dada de provar que não estou alcoolizado.

> *Observe os trechos do texto abaixo transcritos e as propostas de sua reescrita em discurso indireto.*
>
> *1. Estão invertendo certas lógicas, e muitos repetem os argumentos como papagaios:*
>
> *O advogado afirmou que certas lógicas estão sendo invertidas e que muitos repetem os argumentos como papagaios.*
>
> *2. [...] eu dificulto a prova, sou contra ela:*
>
> *O advogado declarou que ele havia dificultado a prova, por ser contra ela.*
>
> *3 [...] O teste do bafômetro não é prova contra mim:*
>
> *O advogado disse que o teste do bafômetro não era prova contra ele.*
>
> *Quais propostas de reescrita em discurso indireto estão corretas?*
>
> *(A) Apenas 1 e 3.*
>
> *(B) Apenas 1.*
>
> *(C) Apenas 2.*
>
> *(D) Apenas 2 e 3.*
>
> *(E) 1, 2 e 3.*

6. FGV - TecGes Admin (ALEMA)/Taquígrafo/2013

"Dvorak arrastou-se montanha acima, na velocidade que os ferimentos permitiam. Encostou-se a um grande tronco e escorregou por ele até o chão, arranhando a pele



dura das costas. Parou um momento de mexer-se e passou a escutar os barulhos da floresta".

> *Esse é um pequeno fragmento de um romance. Nesse caso, o texto é corretamente classificado como*
>
> *a) narrativo com segmentos descritivos.*
>
> *b) descritivo com segmentos narrativos.*
>
> *c) exclusivamente narrativo.*
>
> *d) narrativo, com segmentos descritivos e argumentativos.*
>
> *e) descritivo, com segmentos narrativos e argumentativos.*

7. (Cesgranrio/ BNDES/ 2009)

> *Em qual sequência é caracterizada uma descrição?*
>
> *a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (L. 1-3)*
>
> *b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...' " (L. 5-7)*
>
> *c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (L. 11-12)*
>
> *d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (L.12-14)*
>
> *e) "É, era ele mesmo - o editor." (L. 14)*

8. (CESPE - Admin (SUFRAMA)/2014) Texto:

O homem habita a Amazônia há mais de 11.000 anos.
No entanto, foi só no século XVI que o rio Amazonas foi navegado pela primeira vez, pelo explorador e conquistador espanhol Don Francisco de Orellana (1511-1546). Em busca de vastas florestas de canela e da lendária cidade do ouro El Dorado, Orellana deixou Quito, no Equador, em fevereiro de 1541. Não encontrou nem canela nem ouro, e, sim, o maior rio da Terra. O explorador batizou o rio "recém-descoberto" de rio de Orellana. Tal nome depois seria abandonado em troca do nome rio Amazonas, inspirado na mítica tribo de guerreiras.
Passaram-se muitos anos até a Amazônia receber uma nova expedição — a primeira a subir o rio inteiro. Entre 1637 e 1638, as primeiras informações detalhadas sobre a região, sua história natural e seu povo foram registradas pelo Padre Cristóvão de Acuña, que viajou como membro de uma grande expedição comandada pelo general português Pedro Teixeira. Ele registrou dados de impressionante precisão acerca da extensão e do tamanho do rio Amazonas, e da topografia de seu curso, com descrições detalhadas das áreas de floresta inundada ao longo do rio, da fauna aquática, dos sistemas agrícolas e das plantações dos povos indígenas.

Internet: <www.wwf.org> (com adaptações).

No que se refere aos aspectos linguísticos e à tipologia do texto acima, julgue o item que se segue: No texto, de caráter informativo, há trechos narrativos que tratam da navegação na região amazônica.

9. (IADES - AJ TRE PA/TRE PA- Taquigrafia/2014)

Com relação ao parágrafo dissertativo na redação jurídica, assinale a alternativa que define, respectivamente, a dissertação expositiva e a argumentativa.

a) Exposição sucinta de fatos; discussão de uma ideia, de assunto ou de uma doutrina.

b) Representação escrita de uma sequência de aspectos jurídicos; exposição de um assunto, com inserção de comentários pessoais.

c) Posicionamento sobre determinado assunto; relato detalhado de natureza persuasiva.

d) Discussão de uma ideia, de um assunto ou de uma doutrina; exposição de ideias com o objetivo de convencer o leitor.

e) Técnica de persuasão necessária no discurso forense; exposição de opiniões de forma clara e objetiva.

10. (CESPE - TJ TRE ES/Taquigrafia/2011)

No Brasil, a tradição política no tocante à representação gira em torno de três ideias fundamentais. A primeira é a do mandato livre e independente, isto é, os representantes, ao serem eleitos, não têm nenhuma obrigação, necessariamente, para com as reivindicações e os interesses de seus eleitores. O representante deve exercer seu papel com base no exercício autônomo de sua atividade, na medida em que é ele quem tem a capacidade de discernimento para deliberar sobre os verdadeiros interesses dos seus constituintes. A segunda ideia é a de que os representantes devem exprimir interesses gerais, e não interesses locais ou regionais. Os interesses nacionais seriam os únicos e legítimos a serem representados. A terceira ideia refere-se ao princípio de que o sistema democrático representativo deve basear-se no governo da maioria. Praticamente todas as leis eleitorais que vigoraram no Brasil buscaram a formação de maiorias compactas que pudessem governar.

Gilberto Bercovici. A origem do sistema eleitoral proporcional no Brasil. In: Estudos Eleitorais, TSE, vol. 5, n.º 2, 2010, p. 53. Internet: <www.tse.gov.br> (com adaptações) .

Julgue o item que se segue, relativo às estruturas sintáticas e semânticas do texto. Nesse fragmento de texto, o tópico frasal corresponde ao primeiro período.

11. (IADES - AJ TRE PA/Taquigrafia/2014)

Segundo Reale (1965, p.9), "o direito é realidade universal. Onde quer que exista o homem, aí existe o direito como expressão de vida e de convivência". No trecho apresentado, o tópico frasal é representado pelo vocábulo

a) realidade. b) homem. c) vida. d) convivência. e) direito.

12. (CS UFG - DP GO/2014)

Leia o Texto para responder à questão

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Título I
Das Disposições Preliminares
Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:
a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado. htm>. Acesso em: 30 jan. 2014.

Em sua acepção técnica, lei equivale a uma regra escrita, dotada de poder normativo. No Texto, a normatividade do conteúdo da lei é marcada por:

a) uso esporádico de recursos explicativos dos princípios legais.

b) estratégias injuntivas e de construção da neutralidade.

c) recorrência de raciocínio indutivo.

d) expressões de possibilidade geradoras de intimidação no leitor.

e) escolha lexical de valor ambíguo.

13. (FGV -ALEMA/2013)

Analise a imagem a seguir e responda à questão



A finalidade básica do texto acima é

a) regulamentar. b) informar. c) ensinar. d) convencer. e) prever.

14. (Instituto Excelência- Oficial de Escola/2017)

Leia o texto abaixo e assinale a alternativa CORRETA:

Evite áreas com fios elétricos, a pipa pode encostar num cabo elétrico e, se sua linha estiver molhada ou enrolada num objeto de metal (uma lata, por exemplo), ela se transforma num excelente condutor de eletricidade.



Cuidado com pessoas que estão a sua frente.

O cerol e o vidro utilizados para "envenenar" pipas, às vezes, causam graves acidentes, por seu poder cortante, por isso o uso do cerol é proibido.

Cuidado com a travessia de ruas onde passam veículos, pode acontecer algum acidente.

Siga todas essas medidas de segurança e divirta-se!!!

a) É um texto poético.

b) É um texto argumentativo.

c) É um texto informativo.

d) Nenhuma das alternativas.

15. (CESPE - Esc Pol-PC DF/2013)

O problema intercultural não se resolve, como pretendem os multiculturalistas, pelo simples reconhecimento da isonomia axiológica entre culturas distintas, mas, fundamentalmente, pelo diálogo interpessoal entre indivíduos de culturas diferentes e, mais ainda, pelo acesso individual à própria diversidade cultural, como condição para o exercício da liberdade de pertencer a uma cultura, de assimilar novos valores culturais ou, simplesmente, de se reinventar culturalmente. Aliás, o reconhecimento da isonomia axiológica entre culturas é importante não porque limita a individualidade a uma estrita visão antropológica que projeta a condição humana ao círculo concêntrico da cultura do agrupamento familiar e social a que pertence o indivíduo, mas porque o liberta, ao lhe dar amplitude de opção cultural, que, transcendendo a esfera da identidade individual como simples parte de uma cultura, dimensiona a individualidade no campo da liberdade — da liberdade de criar a si mesmo. Por fim, a passagem para a democracia não totalitária, ou seja, democracia na e para a diversidade, decorre, justamente, da sensibilização do político e da democratização do espaço pessoal, antes preso à teia indizível do monismo cultural ocidental, tornando-se papel do Estado o oferecimento das condições de acessibilidade à diversidade cultural, ambiente imprescindível à autogestão da identidade pessoal.

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item.

De acordo com o autor do texto, a solução dos conflitos interculturais requer o emprego de mecanismos mais complexos do que o proposto pelos multiculturalistas.

16. (Questão Inédita - 2016)

De acordo com o fragmento acima, julgue os itens:

VI- Consoante algumas instituições internacionais, um número próximo de 850 milhões de pessoas está desempregado, pois o desenvolvimento das tecnologias de automação modificou profundamente as relações de trabalho, aumentando a rotatividade nos postos de trabalho.

VII- Segundo o autor, o desemprego no Brasil atingiu um nível muito alto, algo que só ocorrera após a depressão de 1929.

VIII- Fábricas em países de terceiro mundo, ao contrário do que possa parecer, ostentam fábricas com modernas, em que há grandes investimentos em tecnologia, pois esse é um fator necessário para sobreviver num mercado competitivo, assim como a qualidade da mão de obra.

IX- De acordo com organismos internacionais, há hoje, aproximadamente, 850 milhões de desempregados, tendo em vista que algumas profissões foram superadas e extintas, o crescimento constante de tecnologias provoca manutenção das relações de trabalho no mercado em todo o mundo. Tal nível de desemprego é sem precedentes na história.

X- Os investimentos em tecnologia são grande fator para a deterioração dos benefícios trabalhistas, constitucionalmente garantidos, acentuando a condição de hipossuficiente dos operários das modernas e sofisiticadas fábricas em todo o mundo.

17. (CESPE UNB - DPU 2016)

Infere-se do texto que a Lei n.º 1.060/1950 ainda está em vigência, embora tenha passado por algumas alterações.

18. (CESPE UNB - DPU 2016)

O autor do texto visa convencer o leitor acerca da necessidade de que se tratem como iguais os desiguais, por meio da prestação jurisdicional gratuita.

19. (CESPE UNB - DPU 2016)

Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical do texto, o primeiro período poderia ser reescrito da seguinte forma: a própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.

20. (CESPE UNB - DPU 2016)

Depreende-se do texto que, de acordo com a Constituição Federal de 1988, é proibido à pessoa possuidora de bens requerer o direito à assistência jurídica integral e gratuita.

21. (CESPE UNB - DPU 2016)

Conclui-se do texto que, ao prever a substituição do atestado de pobreza pela simples afirmativa da pessoa de que ela não pode arcar com os custos judiciais da demanda, a lei teria buscado uma forma de tornar mais acessível ao necessitado o exercício de seu direito.

22. (CESPE/UNB- INPI 2013)

Depreende-se do texto que são direitos autorais os que a pessoa criadora de obra intelectual tem de gozar dos benefícios morais e econômicos resultantes da produção de suas criações.

23. (CESPE/UNB- INPI 2013)

No texto se afirma que o direito outorgado aos autores é personalíssimo, vitalício e perpétuo, mas se ressalta a exceção legal de ser concedido por prazo certo e determinado.

24. (CESPE/UNB- INPI 2013)

Infere-se do texto que o inciso XXIX da Constituição Federal trata da propriedade industrial, que abrange o direito sobre as criações industriais, cuja proteção é conferida em nome do interesse social e do desenvolvimento tecnológico e econômico do Brasil.

25. (CESPE/UNB- INPI 2013)

De acordo com o texto, o Estado oferece dois tipos diferentes de proteção da propriedade intelectual.

26. (CESPE/UNB- INPI 2013)

Deduz-se do texto haver, para se assegurar o direito expresso nos citados incisos da Constituição Federal, necessidade da criação de leis específicas para regular a proteção às criações intelectuais.

27. (CESPE UNB - DPU 2016)-

No Brasil, pode-se considerar marco da história da Assistência jurídica, ou justiça gratuita, a própria colonização do país, ainda no século XVI. O surgimento de lides provenientes das inúmeras formas de relação jurídica então existentes — e o chamamento da jurisdição para resolver essas contendas — já dava início a situações em que constantemente as partes se viam impossibilitadas de arcar com os possíveis custos judiciais das demandas. A partir de então, a chamada assistência judiciária praticamente evoluiu junto com o direito pátrio. Sua importância atravessou os séculos, e ela passou a ser garantida nas cartas constitucionais.
No século XX, o texto constitucional de 1934, no capítulo II, "Dos direitos e das garantias individuais", em seu art. 113, fez menção a essa proteção, ao prever que "A União e os estados concederão aos necessitados assistência judiciária, criando para esse efeito órgãos especiais e assegurando a isenção de emolumentos, custas, taxas e selos". Por sua vez, a Constituição de 1946 previu, no mesmo capítulo que a de 1934, em seu art. 141, § 35, que "O poder público, na forma que a lei estabelecer, concederá assistência judiciária aos necessitados". A lei extravagante veio em 1950, materializada na Lei n.º 1.060, que especifica normas para a concessão de assistência judiciária aos necessitados. No art. 4.º dessa lei, havia menção ao "rendimento ou vencimento que percebe e os encargos próprios e os da família" e constava a exigência de atestado de pobreza, expedido pela autoridade policial ou pelo prefeito municipal. Foi o art. 1.º, § 2.º, da Lei n.º 5.478/1968 que criou a simples afirmação (da pobreza), ratificado pela Lei n.º 7.510/1986, que deu nova redação a dispositivos da Lei n.º 1.060/1950. Em 1988, a Carta Cidadã ampliou o escopo da assistência judiciária ao empregar o termo assistência jurídica integral e gratuita, que é mais abrangente e que abarca o termo usado anteriormente, restrito apenas à assistência de demanda judicial já proposta ou a ser interposta. O termo atual também engloba atos jurídicos extrajudiciais, aconselhamento jurídico, patrocínio da causa, além de ações coletivas e mediação.

Hoje, portanto, alguém que se vê incapaz de arcar com os custos que uma lide judicial impõe, mas necessita da imediata prestação jurisdicional, pode, mediante simples afirmativa, postular as benesses dessa prerrogativa, garantida pela Constituição Federal vigente.

No que se refere às ideias e informações do texto, julgue os itens a seguir.

Infere-se do texto que a Lei n.º 1.060/1950 ainda está em vigência, embora tenha passado por algumas alterações.

28. (CESPE UNB - DPU 2016)

O autor do texto visa convencer o leitor acerca da necessidade de que se tratem como iguais os desiguais, por meio da prestação jurisdicional gratuita.

29. (CESPE UNB - DPU 2016)

Sem prejuízo do sentido e da correção gramatical do texto, o primeiro período poderia ser reescrito da seguinte forma: a própria colonização do Brasil, ainda no século XVI, pode ser considerada marco da história da assistência jurídica, ou justiça gratuita, no país.

30. (CESPE UNB - DPU 2016)

Depreende-se do texto que, de acordo com a Constituição Federal de 1988, é proibido à pessoa possuidora de bens requerer o direito à assistência jurídica integral e gratuita.

31. (CESPE UNB - DPU 2016)

Conclui-se do texto que, ao prever a substituição do atestado de pobreza pela simples afirmativa da pessoa de que ela não pode arcar com os custos judiciais da demanda, a lei teria buscado uma forma de tornar mais acessível ao necessitado o exercício de seu direito.

32. (CESPE/UNB Tribunal Regional Eleitoral RS- 2015)

Com a chegada da televisão às campanhas eleitorais, o eleitor expõe-se, por meio do vídeo, a um grande número de candidatos e quase diariamente pode julgar o desempenho de cada um deles. Além disso, informa-se sobre a situação relativa de cada candidato nas prévias eleitorais e assiste aos desdobramentos da campanha. Assim, participa cada vez menos dos comícios públicos, e é em sua sala de visitas que se informa e debate com os familiares as novas informações obtidas. A decisão para o voto centra-se diariamente em novas bases, o que introduz mais um fator para a volatilidade do voto nas eleições com o domínio da televisão. Volatilidade e alto número de indecisos são, entre outros aspectos, produto da campanha moderna centrada na televisão: as decisões podem ser deixadas para o final, porque sempre poderá haver um fato a influenciá-las. E é exatamente nesse clima que a televisão introduziu o clímax de uma campanha: o debate entre os candidatos. Sem ele, o eleitorado não se informaria suficientemente sobre eles.

As análises correntes afirmam que uma exposição consistente e concentrada de um eleitor a uma campanha eleitoral pela televisão depende de muitas características sociais, tais como escolaridade, sexo, idade e filiação ou participação em organizações sociais e políticas. Essas características se relacionam com outros fatores, tais como as fontes de preferência da informação política (as pessoas que leem mais material de campanha nos jornais também o fazem em revistas, rádio e televisão); os eventos (as pessoas que seguem determinados eventos de campanhas tendem a seguir outros, mesmo que sejam de candidatos aos quais se opõem); e a atenção (algumas pessoas prestam mais atenção à propaganda de uma campanha). Entre outras conclusões, esses estudos mostram que as mulheres — mais do que os homens —, os trabalhadores manuais — mais do que os não manuais 34 — e os eleitores de menor escolaridade preferem em maior medida a TV. No entanto, permanece a questão sobre a forma dessa exposição, ou seja, a respeito do caráter passivo ou ativo da assimilação das mensagens e imagens dos candidatos.

Lúcia Avelar. As eleições na era da televisão. In: Revista de Administração de Empresas. SP: set.-out./1992, p 42-57. Internet: <www.scielo.br> (com adaptações).

De acordo com o texto As eleições na era da televisão,

A) a participação dos eleitores no processo eleitoral passou a ser mais ativa com a ampliação do uso da televisão nas campanhas eleitorais.

B) a menor participação dos eleitores nos comícios é uma das consequências negativas da ampla exposição dos eleitores à televisão durante as campanhas eleitorais.

C) o debate entre os candidatos promovido pelas redes de televisão passou a ser um evento crucial de uma campanha eleitoral.

D) as mulheres, os trabalhadores manuais e os eleitores de menor escolaridade dão preferência à televisão como meio midiático

em razão de fatores culturalmente estabelecidos.

E) a televisão é o meio mais eficaz para a propagação de notícias acerca das eleições e dos candidatos.

33. CESPE/UNB Tribunal Regional Eleitoral RS- 2015

No Brasil, as discussões sobre reforma política têm sido frequentes nos últimos anos. O debate engloba uma ampla gama de projetos referentes a vários itens, como sistema eleitoral e métodos de votação, sistema de governo, obrigatoriedade do voto, legislação partidária, disciplina partidária e trocas de legenda, coligações e financiamento político, entre outros. O problema é que sob o termo "reforma política" se abrigam muitas concepções diferentes a respeito do modelo político mais adequado ao país — e, consequentemente, a respeito do modelo mais apropriado de financiamento dos partidos e das campanhas.

O financiamento público é uma das medidas mais mencionadas quando se fala em reforma política no Brasil.

A partir da segunda metade do século XX, um grande número de países passou a adotar esse tipo de financiamento. Segundo o estudo Political Finance Database, divulgado em 2012 pela ONG Idea International, 66% dos 175 países estudados adotam financiamento público. Mas esse número deve ser lido com cuidado. Em nenhum país democrático, o financiamento político é exclusivamente público, isto é, realizado apenas com recursos do Estado. O cientista político alemão Karl-Heinz Nassmacher estima que os percentuais de financiamento público em relação ao financiamento total variem de 2% (no Reino Unido) e 3% (nos Estados Unidos da América) a 65% (na Suécia) e 68% (na Áustria).

No Brasil, o financiamento público está previsto na legislação desde 1971, mas só passou a ser significativo a partir 28 de 1995, com a instituição do Fundo Partidário. Não há estimativas confiáveis do percentual que esse fundo representa na receita total de cada partido — inclusive porque esse 31 percentual pode variar bastante de partido para partido —, mas os altos montantes distribuídos por ele (aproximadamente R$ 270 milhões, em 2011) dão indicações de que o percentual de financiamento público em relação ao financiamento total deve ser alto, pelo menos para os grandes partidos.

A) o financiamento público dos partidos e das campanhas eleitorais ocorre de diferentes maneiras em diversos países.

B) o fato de o percentual de financiamento público ser alto em relação ao financiamento total sobrecarrega as despesas dos eleitores.

C) boa parte dos eleitores brasileiros é favorável à reforma política, o que se comprova das frequentes discussões sobre o assunto nos últimos anos.

D) o financiamento público no Brasil só passou a ocorrer, de fato, a partir de 1995.

E) a mais importante discussão acerca da reforma política diz respeito ao modelo de financiamento dos partidos e das campanhas.

34. (CESPE/UNB- PRF/2013)

Leio que a ciência deu agora mais um passo definitivo. É claro que o definitivo da ciência é transitório, e não por deficiência da ciência (é ciência demais), que se supera a si mesma a cada dia... Não indaguemos para que, já que a própria ciência não o faz — o que, aliás, é a mais moderna forma de objetividade de que dispomos.

Mas vamos ao definitivo transitório. Os cientistas afirmam que podem realmente construir agora a bomba limpa. Sabemos todos que as bombas atômicas fabricadas até hoje são sujas (aliás, imundas) porque, depois que explodem, deixam vagando pela atmosfera o já famoso e temido estrôncio 90. Ora, isso é desagradável: pode mesmo acontecer que o próprio país que lançou a bomba venha a sofrer, a longo prazo, as consequências mortíferas da proeza. O que é, sem dúvida, uma sujeira.

Pois bem, essas bombas indisciplinadas, mal-educadas, serão em breve substituídas pelas bombas *n*, que cumprirão sua missão com lisura: destruirão o inimigo, sem riscos para o atacante. Trata-se, portanto, de uma fabulosa conquista, não?

Ferreira Gullar. **Maravilha.** *In*: **A estranha vida banal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, p. 109.

A forma verbal "podem" (R.8) está empregada no sentido de **têm autorização**.

35. (CESPE/UNB- PRF/2013)

(ainda sobre o texto acima)

O objetivo do texto, de caráter predominantemente dissertativo, é informar o leitor a respeito do surgimento da "bomba limpa" (R.8).

36. (CESPE/UNB- PRF/2013)

(ainda sobre o texto acima)

A visão do autor do texto a respeito das "bombas n" (R.17) é positiva, o que é confirmado pelo uso da palavra "lisura" (R.18) para se referir a esse tipo de bomba, em oposição ao emprego de palavras como "indisciplinadas" (R.16) e "mal-educadas" (R.17) em referência às bombas que liberam "estrôncio 90" (R.11), estas sim consideradas desastrosas por atingirem indistintamente países considerados amigos e inimigos.

37. (CESPE/UNB- PRF/2013)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.

Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se mulheres e crianças, escravizarem-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.

Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.

E a ética é o domínio desse enfrentamento.

Marisa Lajolo. **Entre o bem e o mal.** *In*: **Histórias sobre a ética.** 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008 (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.

No texto, a expressão "pequenos e grandes" (R.20) não se refere a tamanho, podendo ser interpretada como equivalente à expressão "adultos e jovens" (R.1), ou seja, em referência a faixas etárias.

38. (CESPE/UNB- PRF/2013)



Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.

Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se mulheres e crianças, escravizarem-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.

Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.

E a ética é o domínio desse enfrentamento.

Marisa Lajolo. **Entre o bem e o mal.** *In*: **Histórias sobre a ética.** 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008 (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.

Infere-se do texto que algumas práticas sociais são absolutamente erradas, ainda que o conceito de certo e errado seja variável do ponto de vista social e histórico.

39. (CESPE/UNB- PRF/2013)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.

Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se mulheres e crianças, escravizarem-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.

Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.

E a ética é o domínio desse enfrentamento.

Marisa Lajolo. **Entre o bem e o mal.** *In*: **Histórias sobre a ética.** 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008 (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.

Sem prejuízo para o sentido original do texto, o trecho "esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo" (R.15-16) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: publicamente, esses comportamentos consideram-se condenados em quase todo o mundo.

40. (CESPE/UNB- PRF/2013)

Todos nós, homens e mulheres, adultos e jovens, passamos boa parte da vida tendo de optar entre o certo e o errado, entre o bem e o mal. Na realidade, entre o que consideramos bem e o que consideramos mal. Apesar da longa permanência da questão, o que se considera certo e o que se considera errado muda ao longo da história e ao redor do globo terrestre.

Ainda hoje, em certos lugares, a previsão da pena de morte autoriza o Estado a matar em nome da justiça. Em outras sociedades, o direito à vida é inviolável e nem o Estado nem ninguém tem o direito de tirar a vida alheia. Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se mulheres e crianças, escravizarem-se povos. Hoje em dia, embora ainda se saiba de casos de espancamento de mulheres e crianças, de trabalho escravo, esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo.

Mas a opção entre o certo e o errado não se coloca apenas na esfera de temas polêmicos que atraem os holofotes da mídia. Muitas e muitas vezes é na solidão da consciência de cada um de nós, homens e mulheres, pequenos e grandes, que certo e errado se enfrentam.

E a ética é o domínio desse enfrentamento.

Marisa Lajolo. **Entre o bem e o mal.** *In*: **Histórias sobre a ética.** 5.ª ed. São Paulo: Ática, 2008 (com adaptações).

A partir das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens que se seguem.

Sem prejuízo para o sentido original do texto, o trecho "esses comportamentos são publicamente condenados na maior parte do mundo" (R.15-16) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: publicamente, esses comportamentos consideram-se condenados em quase todo o mundo.

41. (FCC- TRT - 14ª Região- Técnico Judiciário-2015)

Considere a tirinha abaixo para responder à questão.



(DAHMER, André. Malvados.
www.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#9/9/2014)

Na opinião do palestrante,

a) o arrependimento com relação à tatuagem é dado como certo.

b) o adulto tem mais maturidade para não se arrepender de se tatuar.

c) a tatuagem deve ser uma marca que diferencia jovens e adultos.

d) os jovens devem dedicar anos à escolha da tatuagem perfeita.

e) a tatuagem feita durante a vida adulta não provoca arrependimentos.

42. (FCC- TRT - 3ª Região- Técnico Judiciário - TI-2015)

Céu da Boca

Uma das sedes da nostalgia da infância, e das mais profundas, é o céu da boca.

A memória do paladar recompõe com precisão instantânea, através daquilo que comemos quando meninos, o menino que fomos. O cronista, se fosse escrever um livro de memórias, daria nele a maior importância à mesa de família, na cidade de interior onde nasceu e passou a meninice. A mesa funcionaria como personagem ativa, pessoa da casa, dotada do poder de reunir todas as outras, e também de separá-las, pelo jogo de preferências e idiossincrasias do paladar – que digo? da alma, pois é no fundo da alma que devemos pesquisar o mistério de nossas inclinações culinárias.

A mesa mineira era grande, inteiriça e de madeira clara. À esquerda e à direita, estiravam-se dois bancos compridos, em que irmãos e parentes em visita se sentavam por critério hierárquico. À cabeceira, na cadeira de jacarandá e palhinha, o pai presidia.

A comida, imune a influências no meio ilhado entre montanhas, era simples, simples a lembrança que deixou; e quem dela se nutriu quase sempre torce o nariz aos requintes, excentricidades ou meras variedades culinárias de outras terras.

(Adaptado de: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A bolsa e a vida**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 91-92.)

Uma característica do gênero crônica verificável no texto é:

a) a linguagem rigorosamente formal e impessoal.

b) o relato objetivo e imparcial de um evento do passado.

c) o discurso reivindicatório, expresso por verbos no imperativo.

d) a reflexão a partir de uma experiência cotidiana.

e) a argumentação pautada na recorrência de perguntas retóricas.

43. (FCC- COPERGÁS- ADMINISTRADOR -2016)

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. O mundo é bárbaro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

44. (FCC- COPERGÁS- ADMINISTRADOR -2016)

Atente para as seguintes afirmações, referentes a segmentos do 2° parágrafo do texto:

I. em quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, a expressão sublinhada refere-se ao contrabando que a velhinha parecia ocultar na bolsa.

II. em muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, a expressão sublinhada refere-se ao fato de que a bolsa em si mesma e a bicicleta, tão evidentes, não levantaram suspeitas.

III. em o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração, a expressão sublinhada refere-se ao fato de que se julgou que o contrabando só poderia estar dentro da bolsa da velhinha.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, somente.

c) II e III, somente.

d) I e III, somente.

e) II, somente.

45. (FCC - Técnico Judiciário-TRT 23ª/Administrativa/2016)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

O que é assinatura digital?

A assinatura digital é uma modalidade de assinatura eletrônica, resultado de uma operação matemática que utiliza algoritmos de criptografia assimétrica e permite aferir, com segurança, a origem e a integridade do documento.

A assinatura digital fica de tal modo vinculada ao documento eletrônico "subscrito" que, ante a menor alteração neste, a assinatura se torna inválida. A técnica permite não só verificar a autoria do documento, como estabelece também uma "imutabilidade lógica" de seu conteúdo, pois qualquer alteração do documento, como por exemplo a inserção de mais um espaço entre duas palavras, invalida a assinatura.

Necessário distinguir assinatura digital da assinatura digitalizada. A assinatura digitalizada é a reprodução da assinatura autógrafa como imagem por um equipamento tipo scanner. Ela não garante a autoria e integridade do documento eletrônico, porquanto não existe uma associação inequívoca entre o subscritor e o texto digitalizado, uma vez que ela pode ser facilmente copiada e inserida em outro documento.

a) assinatura digitalizada distingue-se da assinatura digital por ser esta menos segura e confiável que aquela.

b) cópia da assinatura digitalizada torna-se difícil porque ela está subordinada à autenticação da autoria do documento.

c) assinatura digital serve ao objetivo de preservar a autenticidade de documentos previamente escaneados.

> *d) alteração de um documento com assinatura digital acarreta a invalidação da assinatura desse documento.*
>
> *e) integridade de um documento com assinatura digital é garantida pela cópia fotográfica da assinatura subscrita.*

46. (FCC - Técnico Judiciário-TRT 14ª /Administrativa/2016)

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.
Na enchente, em constante inquietude
vencendo a cada curva um desafio.

Para depois, no decorrer do estio,
com a ribanceira em sua plenitude
toda plantada pelo braço rude
de quem espera o fruto do plantio.

Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o rio se renova
e nós a cada instante envelhecemos.

Por certo ele será sempre criança
e o seu poente um canto de esperança
na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. www.acler.- com.br/?conteudo=artigosmostra&cod =318&autor=6)

> *Percebe-se, no poema, a*
>
> *a) representação do tempo como algo imutável.*
>
> *b) caracterização da natureza degradada pelo homem.*
>
> *c) predominância de uma ambientação urbana.*
>
> *d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.*
>
> *e) expressão de um sentimento nostálgico.*

47. (FCC- COPERGÁS- ADMINISTRADOR-2016)

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho:

"Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como

criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente."

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, inédito)

> *Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si*
>
> *a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.*
>
> *b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.*
>
> *c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.*
>
> *d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.*
>
> *e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.*

48. (FCC- ELETROBRÁS- TÉCNICO EM SEGURANÇA- 2016)

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar "sorvete", "livro" ou

"apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-dogoogle.shtml)

> *O autor faz uma crítica*
>
> *a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.*
>
> *b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.*
>
> *c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.*
>
> *d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.*
>
> *e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.*

49. (FCC- TRT 14ª REGIÃO- RO E AC- 2016)

Era uma vez...

As crianças de hoje parecem nascer já familiarizadas com todas as engenhocas eletrônicas que estarão no centro de suas vidas. Jogos, internet, e-mails, músicas, textos, fotos, tudo está à disposição à qualquer hora do dia e da noite, ao alcance dos dedos. Era de se esperar que um velho recurso para se entreter e ensinar crianças como adultos – contar histórias – estivesse vencido, morto e enterrado. Ledo engano. Não é incomum que meninos abandonem subitamente sua conexão digital para ouvirem da viva voz de alguém uma história anunciada pela vetusta entrada do "Era uma vez...".

Nas narrativas orais – talvez o mais antigo e proveitoso deleite da nossa civilização – a presença do narrador faz toda a diferença. As inflexões da voz, os gestos, os trejeitos faciais, os silêncios estratégicos, o ritmo das palavras – tudo é vivo, sensível e vibrante. A conexão se estabelece diretamente entre pessoas de carne e osso, a situação é única e os momentos decorrem em tempo real e bem marcado. O ouvinte sente que o narrador se interessa por sua escuta, o narrador sabe-se valorizado pela atenção de quem o ouve, a narrativa os une como num caloroso laço de vozes e de palavras.

As histórias clássicas ganham novo sabor a cada modo de contar, na arte de cada intérprete. Não é isso, também, o que se busca num teatro? Nas narrações, as palavras suscitam imagens íntimas em quem as ouve, e esse ouvinte pode, se quiser, interromper o narrador para esclarecer um detalhe, emitir um juízo ou simplesmente uma interjeição. Havendo vários ouvintes, forma-se uma roda viva, uma cadeia de atenções que dá ainda mais corpo à história narrada. Nesses momentos, é como se o fogo das nossas primitivas cavernas se acendesse, para que em volta dele todos comungássemos o encanto e a magia que está em contar e ouvir histórias. Na época da informática, a voz milenar dos narradores parece se fazer atual e eterna.

(Demócrito Serapião, inédito)

O recurso da progressão de elementos com o fito de dar força a um argumento é utilizado pelo autor no interior mesmo do seguinte segmento:

a) As crianças de hoje parecem nascer já familiarizadas com todas as engenhocas eletrônicas que estarão no centro de suas vidas. (1º parágrafo)

b) A conexão se estabelece diretamente entre pessoas de carne e osso, a situação é única e os momentos decorrem em tempo real e bem marcado. (2º parágrafo)

c) O ouvinte sente que o narrador se interessa por sua escuta (...). (2º parágrafo)

d) Nas narrações, as palavras suscitam imagens íntimas em quem as ouve (...). (3º parágrafo)

e) Nesses momentos, é como se o fogo das nossas primitivas cavernas se acendesse, para que em volta dele todos comungássemos o encanto (...). (3º parágrafo)

50. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo** – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que Medo da eternidade é uma crônica na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

51. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

A maioria dos países da América Latina, incluindo o Brasil, só começou a montar seu sistema escolar quando em muitas outras nações do mundo já existiam universidades bem estruturadas e de qualidade. Mesmo assim, era um privilégio para poucos. Apenas nos anos 1970 e 1980 começou na América Latina a discussão sobre a educação ser um

direito de todos. Mas claramente ainda nos falta a percepção moderna de que esse é um fator estratégico para o avanço. Se buscamos uma sociedade ancorada no conhecimento, tudo, absolutamente tudo, deve se voltar para a escola.

(TORO, Bernardo. Veja, 18 nov. 2015, p.17)

> *Em relação aos modos de organização textual, esse texto apresenta, em sequência, a*
>
> *a) descrição e a narração observadas na recuperação histórica de fatos, em formas verbais do pretérito; a argumentação, apoiada em argumentos de autoridade, em formas verbais do presente.*
>
> *b) descrição de acontecimentos do passado, por meio de relato histórico, em formas verbais do presente; a narração, responsável pela apreciação do autor, em formas verbais do pretérito.*
>
> *c) narração, em formas verbais do pretérito, fundamentada na descrição de acontecimentos históricos, situados no tempo presente.*
>
> *d) argumentação, no pretérito, sobre acontecimentos históricos; a descrição e a narração de argumentos e de pontos de vista, em formas verbais do presente.*
>
> *e) narração de fatos historicamente situados, em formas verbais do pretérito; a argumentação, observada nas opiniões emitidas em formas verbais do presente.*

52. (FCC- TRT 15ª- Analista Judiciário- 2016)

Eu pertenço a uma família de profetas après coup, post factum, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.*

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (coup du milieu, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:
-Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

-Oh! meu senhô! fico.
-...Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...
-Artura não qué dizê nada, não, senhô...
-Pequeno ordenado, repito, uns seis mil réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha. Justamente. Pois seis mil réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre. [...]

*Literalmente, "depois do golpe", "depois do fato". (Adaptado de: ASSIS, Machado de. "Bons dias!", Gazeta de Notícias, 19 de maio de 1888)

Com recurso à subordinação das orações, o 5 o e o 6 o parágrafos estão reescritos corretamente em:

a) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza, que és livre, podes ir para onde quiseres, além de que aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que..

b) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe, com rara franqueza, que era livre e podia ir para onde quisesse; que aqui, no entanto, tinha casa amiga, já conhecida, além de ter mais um ordenado, um ordenado que...

c) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza: Tu és livre; por isso, podes ir para onde quiseres, ao passo que aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

d) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe, com rara franqueza, que seria livre, poderia ir para onde queria, mas que aqui teria casa amiga, já conhecida, além de ter mais um ordenado, um ordenado que...

e) No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza, que fosse livre e pudesse ir para onde quisesse; aqui, no entanto, teria casa amiga, já conhecida, com que teria mais um ordenado, um ordenado que...

53. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

As enchentes de minha infância

Rubem Braga

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.

Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.

Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

(BRAGA, Rubem. As enchentes de minha infância. In: Ai de ti, Copacabana. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962, p. 157)

> *Há a presença do discurso indireto em:*
>
> *a) Eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio.*
>
> *b) Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente.*
>
> *c) Então vinham todos dormir em nossa casa.*
>
> *d) Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite!*
>
> *e) Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita.*

54. (FCC- SEDU ES - PROFESSOR- 2016)

De cima, a água laranja do Rio Doce parece estática. A lama de rejeitos se move a cerca de 1,2 quilômetro por hora desde o dia 5, quando aconteceu a tragédia, e vai percorrer toda a calha de 853 quilômetros entre o município de Rio Doce, em Minas, até Regência, vila do município de Linhares, no Espírito Santo, onde encontra o Oceano Atlântico. A expectativa é que a onda atinja o oceano neste fim de semana, levando mais problemas de abastecimento a cidades capixabas.

(CASTRO, Fábio de; RIBEIRO, Bruno; CARVALHO, Marco Antônio. Enxurrada de lama tira vida dos ecossistemas. O Estado de S. Paulo, 15 nov. 2015, p. A25)

> *Segundo a classificação de tópico frasal e de desenvolvimento de parágrafo proposta por GARCIA, em Comunicação em Prosa Moderna (2002), a construção desse parágrafo dá-se, respectivamente, por*
>
> *a) alusão histórica – confronto.*
>
> *b) omissão de dados identificadores – analogia.*
>
> *c) declaração inicial – descrição de detalhes.*

d) definição – razão e consequência.

e) divisão – citação de exemplos.

55. (FCC- TRE RR- Técnico- 2015)

É indiscutível que no mundo contemporâneo o ambiente do futebol é dos mais intensos do ponto de vista psicológico. Nos estádios a concentração é total. Vive-se ali situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real. O que varia conforme o indivíduo considerado é a passagem de uma condição a outra. Passagem rápida no caso do torcedor, cuja regressão psíquica do lúdico dura algumas horas e funciona como escape para as pressões do cotidiano. Passagem lenta no caso do futebolista profissional, que vive quinze ou vinte anos em ambiente de fantasia, que geralmente torna difícil a inserção na realidade global quando termina a carreira. A solução para muitos é a reconversão em técnico, que os mantém sob holofote. ***Lothar Matthäus, por exemplo, recordista de partidas em Copas do Mundo, com a seleção alemã, Ballon d'Or de 1990, tornou-se técnico porque "na verdade, para mim, o futebol é mais importante do que a família". [...]***

Sendo esporte coletivo, o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas, porém calcadas, pelo menos em parte, nas individualidades que o compõem. O jogo é coletivo, como a vida social, porém num e noutra a atuação de um só indivíduo pode repercutir sobre o todo. Como em qualquer sociedade, na do futebol vive-se o tempo inteiro em equilíbrio precário entre o indivíduo e o grupo. O jogador busca o sucesso pessoal, para o qual depende em grande parte dos companheiros; há um sentimento de equipe, que depende das qualidades pessoais de seus membros. O torcedor lúcido busca o prazer do jogo preservando sua individualidade; todavia, a própria condição de torcedor acaba por diluí-lo na massa.

(JÚNIOR, Hilário Franco. A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.

São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 303-304, com adaptações)

*Ballon d'Or 1990 - prêmio de melhor jogador do ano

Julgue o item:

A referência ao jogador da seleção alemã constitui, no texto, exemplo que comprova a afirmativa sustentada pelo autor, quanto às dificuldades de readaptação de um jogador à realidade, depois de viver certo tempo em constante evidência, em situação de incessante dialética entre o metafórico e o literal, entre o lúdico e o real.

56. (FCC- TRT MA- Oficial de Justiça Avaliador- 2015)

Leia com atenção o verbete abaixo, transcrito do Dicionário de comunicação, e as assertivas que o seguem.

Responsabilidade social

• (mk,rp) Adoção, por parte da empresa ou de qualquer instituição, de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis, por meio de valores e exemplos que influenciam os diversos segmentos das comunidades impactadas por essas ações. O conceito de responsabilidade social fundamenta-se no compromisso de uma organização dentro de um ecossistema, onde sua participação é muito maior do que gerar empregos, impostos e lucros. Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente de forma absolutamente responsável e ética, inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social. Do ponto de vista mercadológico, a responsabilidade social procura harmonizar as expectativas dos diferentes segmentos ligados à empresa: consumidores, empregados, fornecedores, redes de venda e distribuição, acionistas e coletividade. Do ponto de vista ético, a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade, melhorar a qualidade de vida, modificar atitudes e comportamentos através da educação e da cultura, conservar a vitalidade da terra e a biodiversidade, gerar uma consciência nacional para integrar desenvolvimento e conservação, ou seja, promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida. Diz-se tb. responsabilidade social corporativa ou RSC. V. ecossistema social, ética corporativa, empresa cidadã e marketing social.

(BARBOSA, Gustavo e RABAÇA, Carlos Alberto. 2.ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001 - 10a reimpressão, p. 639-40)

> *O verbete transcrito, considerado até a qualidade de vida, organiza-se na sequência dos itens apresentados abaixo:*
>
> *a) conceito; detalhamento do conceito (fundamento; objetivos fundamental e específicos da adoção citada).*
>
> *b) conceito amplo; conceito restrito; objetivos da política; detalhamento de distintos pontos de vista sobre o conceito.*
>
> *c) sinonímia da expressão; fundamento remoto da prática institucional; objetivos imediatos da prática, em distintos setores (mercadológico e ético).*
>
> *d) descrição minuciosa dos componentes da prática organizacional socialmente responsável; objetivos básico, mercadológico, ético.*
>
> *e) explicitação do conceito sob o ponto de vista do marketing e das relações públicas; fundamento dessas áreas; objetivos da política empresarial nessas distintas áreas; ganhos sociais propiciados pela prática eficiente.*

57. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Atenção: Para responder à questão, considere o trecho abaixo transcrito.

Como costumo dizer, estou a cada momento descobrindo o óbvio. É que, às vezes, o óbvio, por ser óbvio, esconde o mistério, ou, pelo menos, é o que me parece.
Uma das coisas óbvias que descobri é que muito troço na vida resulta, em boa parte, do acaso.

Sei que há pessoas que pensam o contrário, pois acreditam que tudo o que acontece já estava determinado. Acho isso difícil, quando mais não seja porque, sem falar no resto, só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões. Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?
Bem, não vou discutir esse tema porque não é ele que me traz a essa conversa com você. Acho fascinante – ainda que um tanto assustador – o fato de que o que pode nos acontecer seja imprevisível. Faz da vida uma aventura, e o jeito é torcer por um "happy end".
Mas o melhor mesmo é não se preocupar com isso e deixar o barco correr solto. Isso não significa não tentar fazer com que tudo dê certo, ou seja, que busquemos o melhor, a felicidade, a alegria.

É como no futebol: a função do técnico é treinar o time para que faça mais gols do que leve. Assim na vida como no jogo.

(GULLAR, Ferreira Necessidade. Folha de S.Paulo, E10, ilustrada, domingo, 30/11/2014)

> *As principais ideias do trecho de Ferreira Gullar (FG) estão selecionadas e apresentadas de forma clara e fiel na seguinte formulação:*
>
> *a) FG discorre sobre o tema do fatalismo, ressaltando o fascínio da vida pelo que nela há de assustador, mas advoga que quem vive não deve se preocupar com isso, mas em imitar o jogo: vence aquele que faz mais gols, não o que leva mais gols, contrariamente ao que pensam certas pessoas fatalistas.*
>
> *b) FG assevera que é inerente ao óbvio esconder mistérios, e, por isso, ele frequentemente busca desvendá-lo; numa dessas incursões, descobriu que a maioria das pessoas acredita que, na vida, tudo está previamente determinado, ideia que ele rejeita por levar em conta a quantidade de gente do planeta.*
>
> *c) Lançando a ideia de que o óbvio deve ser cultivado, pelo seu caráter misterioso, FG acha difícil, pela indagação feita, que as coisas se deem por forças superiores, principalmente por acreditar que a vida tem muito de um jogo: ganha o que está mais bem treinado para vencer os obstáculos da existência.*
>
> *d) Contrariamente a certas pessoas que não acreditam no acaso, FG crê que muito do que ocorre na vida seja fruto do imprevisível, e isso, a despeito do seu quê de assustador, o fascina, pois, segundo ele, faz da vida uma ventura, com a qual não devemos nos preocupar, ainda que nos esforcemos para que nela tudo dê certo.*
>
> *e) O fato de haver muitas pessoas que acreditam em forças superiores guiando a vida é contrário ao que pensa FG, pois ele opina a favor do acaso, imerso no mistério, cuja busca empreende costumeiramente; mesmo não querendo discutir o tema, que foge a seu escopo, acha fascinante torcer por um "happy end".*

58. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Ainda sobre o texto acima:

Fraseologia

**substantivo feminino*

3. Rubrica: gramática, lexicologia, linguística. frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geralmente não é literal; frase feita, expressão idiomática.

Sob esse parâmetro, é correto considerar como exemplo de fraseologia o que se tem na alternativa:

a) Como costumo dizer.

b) muito troço na vida resulta.

c) deixar o barco correr solto.

d) só de gente no planeta há atualmente muitos bilhões.

e) Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer?

59. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

...”Já imaginou o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com essa quantidade de gente a cada minuto?”

Transposta a frase Já imaginou ... a cada minuto?, em seu contexto, para o discurso indireto, tem-se a forma "FG indagou se o leitor já teria imaginado o que seria prever e determinar tudo o que deve ocorrer com aquela quantidade de gente a cada minuto".

60. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados da época – digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os mundos "conhecidos" de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que a Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido.) A maior parte da superfície dos oceanos, mas não toda, de forma alguma, já tinha sido explorada e mapeada graças à notável competência dos navegadores do século XVIII como James Cook, embora os conhecimentos humanos sobre o fundo do mar tenham permanecido insignificantes até a metade do século XX. Os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos, embora pelos padrões modernos não muito corretamente. O tamanho e a altura das cadeias das montanhas da Europa eram conhecidos com alguma precisão, as localizadas em partes da América Latina o eram muito grosseiramente, as da Ásia, quase totalmente desconhecidas, e as da África (com exceção dos montes Atlas), totalmente desconhecidas para fins práticos. Com exceção dos da China e da Índia, o curso dos grandes rios do mundo era um mistério para todos a não ser para alguns poucos caçadores, comerciantes ou andarilhos, que tinham ou podem ter tido

conhecimento dos que corriam por suas regiões. Fora de algumas áreas – em vários continentes elas não passavam de alguns quilômetros terra a dentro, a partir da costa – o mapa do mundo consistia de espaços brancos cruzados pelas trilhas demarcadas por negociantes ou exploradores. Não fosse pelas informações descuidadas de segunda ou terceira mão colhidas por viajantes ou funcionários em postos remotos, estes espaços brancos teriam sido bem mais vastos do que de fato o eram.

(HOBSBAWM, Eric J. O mundo na década de 1780. In: A era das revoluções:

Europa 1789-1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 23-24)

> *É legítima a seguinte afirmação:*
>
> *a) A argumentação desenvolvida no trecho transcrito evidencia que o relativo desconhecimento dos fenômenos geológicos no século XVIII foi responsável pela compreensão generalizada de que o mundo, nessa época, era bastante menor.*
>
> *b) A exploração da superfície dos oceanos não atingiu relevância no século XVIII porque o conhecimento dos mares não tinha, à época, aplicabilidade prática.*
>
> *c) As informações sobre o mundo obtidas na década de 1780 são de pouca utilidade para estudos contemporâneos, a não ser aquelas produzidas por cientistas e viajantes notáveis, como Humboldt e Cook.*
>
> *d) Os contornos do mundo, na década de 1780, quer em escala menor, quer em maior, não eram acessíveis ao cidadão comum, como os camponeses, sobretudo os não alfabetizados.*
>
> *e) Dado o recorte feito no texto original, o leitor não tem acesso, no trecho transcrito, a argumentação que embase a ideia de que a contradição manifesta na primeira frase seja aparente.*

61. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

> *Compreende-se corretamente do texto:*
>
> *a) Os padrões modernos de mapeamento de um território tornam inadmissível considerar que no século XVIII os principais contornos dos continentes e da maioria das ilhas eram conhecidos.*
>
> *b) É incontestável o fato de que, no século XVIII, os caçadores, comerciantes e andarilhos conheciam o curso dos grandes rios das regiões por onde costumeiramente circulavam, excetuando-se os da China e da Índia.*
>
> *c) Muito do que se sabe sobre o mapa do mundo no século XVIII se deve ao registro, em locais longínquos, de notícias in formais, por meio das quais se passavam adiante informações ouvidas de outros.*
>
> *d) O mapa do mundo, no século XVIII, era esboçado por linhas que definiam os caminhos a serem trilhados por negociantes e exploradores, esboço que*

se diferenciava do delineamento preciso de poucas áreas litorâneas dos continentes.

e) A variação que se constata na precisão com que eram medidos o tamanho e a altura das montanhas dos distintos continentes deve ser atribuída à distinta prática dos habitantes locais no que se refere a esse tipo de mapeamento, prática que chegava, por exemplo, na África, a ser totalmente desconhecida.

62. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ PIAUÍ- 2015)

Observada a organização do texto, é plausível o que se afirma em:

a) (linha 1) O numeral em A primeira coisa a observar é marcador que impõe as seguintes pressuposições: a) há outros fatores a serem observados; b) essa primeira coisa a observar é, como em todos os contextos, a mais relevante.

b) (linha 2) A delimitação operada pelo emprego de geograficamente faz supor a existência de outros critérios, além do geográfico, para se avaliar o tamanho do mundo, por exemplo, o critério demográfico.

c) (linha 3) O emprego da palavra "conhecidos", se devidamente observadas as aspas que a acompanham, define a equivalência semântica entre "o mundo habitado na década de 1780" e "os mundos conhecidos".

d) (linhas 10 a 11) O fato de os segmentos com alguma precisão, muito grosseiramente, quase totalmente desconhecidas e totalmente desconhecidas caracterizarem o mesmo núcleo – O tamanho e a altura das cadeias das montanhas – é que propicia o entendimento de que a série vai do grau mais exato ao menos exato.

e) (linha 9) A expressão não muito corretamente suaviza o peso da real avaliação feita pelo autor, que, se estivesse explícita, teria necessariamente a forma "totalmente errada".

63. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ RJ- 2014)

[Ponderando o julgamento]

As leis não podem deixar de ressentir-se da fraqueza dos homens. Elas são variáveis como eles.

Algumas, nas grandes nações, foram ditadas pelos poderosos com o fim de esmagar os fracos. Eram tão equívocas que mil intérpretes se apressaram a comentá-las; e, como a maioria só fez sua glosa como quem executa um ofício para ganhar algum dinheiro, acabou o comentário sendo mais obscuro que o texto. A lei transformou-se numa faca de dois gumes que degola tanto o inocente quanto o culpado. Assim, o que devia ser a salvaguarda das nações transformou-se tão amiúde em seu flagelo que alguns chegaram a perguntar se a melhor das legislações não consistiria em não se ter nenhuma.

Examinemos a questão. Se vos moverem um processo de que dependa vossa vida, e se de um lado estiverem as compilações de juristas sabidos e prepotentes, e de outro vos apresentarem vinte juízes pouco eruditos mas que, sendo anciãos isentos das paixões que corrompem o coração, estejam acima das necessidades que o aviltam, dizei-me: por quem escolheríeis ser julgados, por aquela turba de palradores orgulhosos, tão interesseiros quanto ininteligíveis, ou pelos vinte ignorantes respeitáveis?

(VOLTAIRE. O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 7-8)

> *O texto permite inferir adequadamente que, para Voltaire, as leis*
>
> *a) elaboradas por anciãos ignorantes demandam o corretivo da sabedoria dos especialistas, quando de sua aplicação num julgamento.*
>
> *b) devem ser permanentemente revistas, para que de forma alguma venham a refletir debilidades ou imperfeições que são próprias dos homens.*
>
> *c) elaboradas por déspotas poderosos trazem consigo a qualidade do que é inflexível, não permitindo aberturas interpretativas.*
>
> *d) refletem a falibilidade humana, podendo ser aplicadas com mais justiça pelos sensatos e experientes do que por arrogantes eruditos.*
>
> *e) costumam ser tão obscuras quanto os comentários explicativos, advindo daí a necessidade de serem elaboradas por doutos especialistas.*

64. (FCC- AUDITOR FISCAL- SEFAZ RJ- 2014)

Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, o segmento elas são variáveis expressa uma causa da qual a expressão fraqueza dos homens constitui o efeito.

II. No segundo parágrafo, considera-se que a multiplicidade de interpretações da lei, acionadas por glosadores interesseiros, acaba por comprometer a implementação da justiça.

III. No terceiro parágrafo, a interrogação final de Voltaire pode ser considerada retórica pois implica uma resposta já encaminhada pela pergunta.

> *Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em*
>
> *a) II e III.*
>
> *b) I e II.*
>
> *c) III.*
>
> *d) II.*
>
> *e) I.*

65. (FCC - Analista Judiciário TRF 3ª /Biblioteconomia/2016)

Os Beatles eram um mecanismo de criação. A força propulsora desse mecanismo era a interação dialética de John Lennon e Paul McCartney. Dialética é diálogo, embate, discussão. Mas também jogo permanente. Adição e contradição. Movimento e síntese. Dois compositores igualmente geniais, mas com inclinações distintas. Dois líderes cheios de ideias e talento. Um levando o outro a permanentemente se superar.

As narrativas mais comuns da trajetória dos Beatles levam a crer que a parceria Lennon e McCartney aconteceu apenas na fase inicial do conjunto. Trata-se de um engano. Mesmo quando escreviam separados, John e Paul o faziam um para o outro. Pensavam, sentiam e criavam obcecados com a presença (ou ausência) do parceiro e rival.

Lennon era um purista musical, apegado a suas raízes. Quem embarcou na vanguarda musical dos anos 60 foi Paul McCartney, um perfeccionista dado a experimentos e delírios orquestrais. Em contrapartida, sem o olhar crítico de Lennon, sem sua verve, os mais conhecidos padrões de McCartney teriam sofrido perdas poéticas. Lennon sabia reprimir o banal e fomentar o sublime.

Como a dialética é uma via de mão dupla, também o lado suave de Lennon se nutria da presença benfazeja de Paul. Gemas preciosas como Julia têm as impressões digitais do parceiro, embora escritas na mais monástica solidão.

Nietzsche atribui caráter dionisíaco aos impulsos rebeldes, subjetivos, irracionais; forças do transe, que questionam e subvertem a ordem vigente. Em contrapartida, designa como apolíneas as tendências ordenadoras, objetivas, racionais, solares; forças do sonho e da profecia, que promovem e aprimoram o ordenamento do mundo. Ao se unirem, tais forças teriam criado, a seu ver, a mais nobre forma de arte que jamais existiu.

Como criadores, tanto o metódico Paul McCartney como o irrequieto John Lennon expressavam à perfeição a dualidade proposta por Nietzsche. Lennon punha o mundo abaixo; McCartney construía novos monumentos. Lennon abria mentes; McCartney aquecia corações. Lennon trazia vigor e energia; McCartney impunha senso estético e coesão.

Quando os Beatles se separaram, essa magia se rompeu. John e Paul se tornaram compositores com altos e baixos. Fizeram coisas boas. Mas raramente se aproximaram da perfeição alcançada pelo quarteto. Sem a presença instigante de Lennon, Paul começou a patinar em letras anódinas. Não se tornou um compositor ruim. Mas os Beatles faziam melhor.

Ironicamente, o grande disco dos ex-Beatles acabou sendo o álbum triplo em que George Harrison deglutiu os antigos companheiros de banda, abrindo as comportas de sua produção represada durante uma década à sombra de John e Paul. E foi assim, por estranhos caminhos antropofágicos, que a dialética de Lennon e McCartney brilhou pela última vez.

(Adaptado de: DANTAS, Marcelo O. Revista Piauí. Disponível em: http://revistapiaui.estadao.com.br/materia/beatles. Acesso em: 20/02/16)

É correto depreender do texto:

I. O autor apresenta o contraste entre Apolo e Dionísio, estabelecido por Nietzsche, com o propósito de classificar os processos de criação de John Lennon e Paul McCartney à luz de tal teoria, processos que seriam, respectivamente, dionisíaco e apolíneo.

II. Ao lançar mão do termo "dialética" no último parágrafo, o autor assinala a incongruência da atitude dos Beatles ao se separarem, uma vez que tal separação ocasionou a derrocada da criação musical dos membros da banda.

III. O uso do adjetivo "antropofágicos" (último parágrafo) para caracterizar os caminhos seguidos por George Harrison está relacionado à afirmativa anterior de que o músico teria "deglutido" os antigos companheiros de banda.

Atende ao enunciado o que consta APENAS em

a) I.

b) II e III.

c) I e II.

d) II.

e) I e III.

Gabaritos

1.	CORRETA
2.	CORRETA
3.	CORRETA
4.	LETRA B
5.	LETRA A
6.	LETRA C
7.	LETRA A
8.	CORRETA
9.	LETRA D
10.	CORRETA
11.	LETRA E
12.	LETRA B
13.	LETRA D
14.	LETRA C
15.	CORRETA
16.	F, F, F, F, F

17.	CORRETO
18.	INCORRETO
19.	CORRETO
20.	INCORRETO
21.	CORRETO
22.	CORRETO
23.	INCORRETA
24.	CORRETA
25.	CORRETA
26.	CORRETO
27.	CORRETA
28.	INCORRETA
29.	CORRETA
30.	INCORRETA
31.	CORRETA
32.	LETRA C
33.	LETRA A
34.	INCORRETA
35.	INCORRETA
36.	INCORRETA
37.	CORRETA
38.	CORRETA
39.	INCORRETA
40.	CORRETA
41.	LETRA A
42.	LETRA D
43.	LETRA B
44.	LETRA A
45.	LETRA D
46.	LETRA E
47.	LETRA D
48.	LETRA E
49.	LETRA B
50.	LETRA B
51.	LETRA E
52.	LETRA B
53.	LETRA E
54.	LETRA C
55.	CORRETO
56.	LETRA A
57.	LETRA D
58.	LETRA C
59.	CORRETA
60.	LETRA E
61.	LETRA C
62.	LETRA B
63.	LETRA D
64.	LETRA A
65.	LETRA E